

A Geopolítica Russa: De Pedro “O Grande” a Putin, a “Guerra-Fria”, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos



Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos Santos*

**“A política de um Estado está na sua geografia”.
Napoleão¹**

**“A Rússia é uma charada, embrulhada num mistério, dentro de um
enigma”
Winston Churchill**

1. Introdução

Apesar do termo “Geopolítica” ter sido utilizado pela primeira vez pelo cientista político sueco Johan Rudolph Kjellen, apenas no final do século XIX, vários intelectuais importantes tinham já escrito sobre a influência da geografia na conduta da estratégia global das nações, e os confrontos pelo domínio de territórios e populações perdem-se na neblina dos tempos. O termo surgiu na era da rivalidade imperialista entre 1870 e 1945, quando os impérios em competição travavam inúmeras guerras, gerando, alterando e revendo as linhas de poder que eram as fronteiras do mapa político mundial.²

Existem inúmeras definições de “Geopolítica”. Aqui se deixam algumas que, na opinião do autor, melhor reflectem e abrangem o pleno âmbito do termo:

Kjellen definiu-a como o “*estudo da influência determinante do ambiente na política de um Estado*”. Para a Escola de Munique de Haushofer é “*a ciência da vinculação geográfica dos fenómenos políticos*”. Para N. Spykman, era “*o planeamento da política de segurança de um país em termos dos seus factores geográficos*”.³ Mais modernamente, G. O’Tuathail afirma que é “*o modo de relacionar dinâmicas locais e regionais com o sistema global como um todo*”⁴ e, em conjunto com J. Agnew, o mesmo autor

*escreve que “estuda a geografia da política internacional, particularmente a relação entre o ambiente físico (localização, recursos, território, etc.) e a conduta da política externa”.*⁵

Na história do mundo, existem, em competição constante, duas aproximações às noções de espaço e terreno - a terrestre e a marítima. Na História antiga, as potências que se tornaram em símbolos da “civilização marítima” foram a Fenícia e Cartago. O império terrestre que se lhes opunha era Roma. As Guerras Púnicas foram a imagem mais clara da oposição “terra-mar”. Mais modernamente, a Grã-Bretanha tornou-se o “pólo” marítimo, sendo posteriormente substituído pelos EUA. Tal como a Fenícia, a Grã-Bretanha utilizou o comércio marítimo e a colonização das regiões costeiras como o seu instrumento básico de domínio. Criaram um padrão especial de civilização, mercantil e capitalista, baseada acima de tudo nos interesses materiais e nos princípios do liberalismo económico. Portanto, apesar de todas as variações históricas possíveis, pode dizer-se que a generalidade das civilizações marítimas tem estado sempre ligada ao primado da economia sobre a política.

Por seu lado, Roma representava uma amostra de uma estrutura de tempo de guerra, autoritária, baseada no controlo civil e administrativo, no primado da política sobre a economia. É um exemplo de um tipo de colonização puramente continental, com a sua penetração profunda no continente e assimilação dos povos conquistados, automaticamente romanizados após a conquista. Para os Eurasianistas, na História moderna, os seus sucessores são os Impérios Russo, Austro-Húngaro e Alemão.

2. Retrospectiva Histórica da Ásia Central

A história da Ásia Central foi condicionada pelas migrações de pastores nómadas das estepes desde muito cedo, provavelmente 4000 AC. Segundo Mehdi Amineh, podem considerar-se cinco períodos históricos: o pré-islâmico (Ciro, Alexandre e a dinastia Sassanida; remonta ao século II AC a “rota da seda”, que tornou possível o comércio entre o Ocidente e o Oriente, o Norte e o Sul da Ásia), o islâmico (dinastias Ummayyad e Abbasid), o mongol (Genghis Khan e sucessores), o dos séculos XVI ao XIX, e o russo-soviético.⁶ No âmbito deste trabalho interessam particularmente os dois últimos.

Para entender mais completamente o que se pretende expor neste trabalho, temos de recuar na história russa até ao início do século XIII, pois nessa época teve lugar um acontecimento catastrófico que deixou marcas indeléveis no carácter nacional russo. Em 1206, um génio militar analfabeto de nome Teumjin, conhecido para a posteridade como Genghis Khan, teve o sonho de conquistar o mundo, tarefa que ele cria lhe ter sido confiada por Deus para

executar. Nos 30 anos seguintes, ele e os seus sucessores quase o conseguiam. Nessa época, a Rússia consistia apenas em cerca de uma dúzia de principados, frequentemente em guerra uns com os outros. Entre 1223 e 1240, não tendo conseguido unir-se para combater o inimigo comum, caíram um a um perante a implacável máquina de guerra mongol. O sistema político que o domínio mongol criou era muito descentralizado (sistema de "khanatos" - semelhantes a principados - onde o "khan" era uma espécie de senhor feudal, sujeitos a tributos obrigatórios pesadíssimos pelos mongóis), e o resultado inevitável foi um jugo tirânico dos príncipes vassallos sobre os seus súbditos, cuja sombra ainda hoje se faz sentir na Rússia.

Durante cerca de 250 anos, os russos estagnaram e sofreram a opressão da "Horda Dourada", termo pelo qual os mongóis ficaram conhecidos. Entretanto, aproveitando as circunstâncias e a fraqueza militar, os vizinhos europeus da Rússia (principados alemães, Lituânia, Polónia e Suécia) foram ocupando partes do seu território.

Raramente uma experiência deixou cicatrizes tão profundas e perenes na psicologia de uma nação, explicando grande parte da sua xenofobia, a sua política externa muitas vezes agressiva, e a histórica aceitação da tirania interna.⁷ Para George Kennan, encarregado de negócios dos EUA em Moscovo no início da "guerra-fria" e estudioso da política externa soviética, as fontes principais da conduta soviética eram determinadas pela história e geografia russas. *"A cautela e a flexibilidade soviéticas são atitudes solidificadas nas lições da história russa: séculos de batalhas entre forças nómadas na vastidão de planícies desprotegidas"*.⁸

O homem a quem os russos devem a sua liberdade face à opressão mongol foi Ivan III, "o Grande", príncipe de Moscovo, no final do século XV. A máquina de guerra mongol, tão temida no início, tinha entretanto perdido a vontade e o gosto de lutar, acomodando-se e não sendo já invencível. O poderoso império de Genghis Khan colapsou no Ocidente, ficando reduzido apenas a três "khanatos" dispersos: Kazan (2, Fig. 1), Astrakhan (1, Fig. 1) e Crimeia. Ivan IV, "o Terrível", um dos sucessores de "o Grande", reconquistou os dois primeiros (1553 e 1555), anexando-os a Moscovo, que se expandia rapidamente, com a finalidade de evitar invasões, recolher as produções e capturar populações para vender como escravos. Apenas restou a Crimeia como último reduto tártaro, em virtude de ter a protecção do Império Otomano, que via nele um importante baluarte contra os russos. Foi a partir do Principado de Moscovo que, a partir de meados do século XIV, com a derrota dos tártaros na batalha do rio Ugra (5, Fig. 1), se foi cimentando e alargando o Império Russo. A ameaça mongol tinha assim sido eliminada, deixando o caminho aberto para uma das maiores empresas coloniais da história: a expansão da Rússia para Oriente, na Ásia. A partir de 1580, o comércio de peles começou a atrair os russos para a Sibéria, bem para além dos Urais. A expansão russa só terminou quando o Oceano Pacífico foi atingido, sendo comparável em muitos

aspectos à conquista americana do Oeste.⁹ No seu apogeu o Império Russo incluía, além do território russo actual, os estados bálticos (Lituânia, Letónia e Estónia), a Finlândia, Cáucaso, Ucrânia, Bielorrússia, boa parte da Polónia (antigo reino da Polónia), Moldávia (Bessarábia) e quase toda a Ásia Central. (Fig. 2) *“A História prova que o espaço e a posição têm influído no destino político de cada território (...) O espaço, quando existe, cria a grande potência.”*¹⁰

Durante o século XVI, o Império Persa tentou impedir o Império Otomano de ter acesso à “Rota da Seda” e ganhar o monopólio desta fonte de riqueza. A guerra entre estes dois impérios fez com que os “khanatos” asiáticos perdessem o seu poder e ressurgissem as forças tribais, causando o declínio económico da Ásia Central no século XVII. No fim do século XVIII, devido ao crescente comércio entre as tribos da Ásia Central e a Rússia, deu-se uma nova dinâmica à vida económica e política. É também nesta altura que se dá a progressiva sedentarização das tribos nómadas, o que contribuiu bastante para a centralização política da região.

3. A Expansão Russa

Pode recuar-se na “geopolítica” russa até finais do século XVII, e afirmar que, pelo menos desde essa época, a Rússia perseguiu dois objectivos estratégicos:

- um, Constantinopla, levada por um lado pelo sonho da libertação dos cristãos ortodoxos, mas que lhe daria também o controlo do Bósforo e dos Dardanelos e, logo, o acesso ao Mediterrâneo;
- o outro, tentar chegar à Índia; alguns políticos britânicos continuavam contudo a pensar que “o objectivo real da Rússia era, não a Índia, mas Constantinopla: para manter a Grã-Bretanha sossegada na Europa, devia mantê-la ocupada na Ásia”.¹¹

O primeiro dos Czares a tentar modernizar a Rússia foi Pedro “o Grande”, já da dinastia Romanov, na transição do século XVII para o XVIII. Para tal, enviou uma embaixada diplomática à Europa Ocidental e construiu S. Petersburgo, que imaginou como uma porta de ligação comercial e cultural com a Europa. Porém, tendo esgotado o tesouro combatendo simultaneamente a Suécia e o Império Otomano, chegaram-lhe notícias, no início do século XVIII, da descoberta de ricos jazigos de ouro na Ásia Central, nas margens do Amu-Darya, o que o fez virar a atenção para aí e para a Índia. Cerca de 50 anos mais tarde, Catarina “a Grande” voltou a dar sinais de interesse pela Índia. Catarina era uma expansionista e não era segredo que sonhava em expulsar os turcos de Constantinopla e controlá-la. Não conseguiu conquistar nem Constantinopla nem a Índia, mas apoderou-se do “khanato” da Crimeia nos finais do século XVIII, e o seu sucessor Alexandre I recuperou à Pérsia os territórios do Cáucaso. Em 1801, anexou o antigo e independente reino da Geórgia, que a Pérsia considerava estar na sua esfera de

influência. Em 1804, avançou ainda mais para Sul, cercando Yerevan, capital da Arménia (Fig. 3), uma possessão cristã do Xá, ameaçando Constantinopla.

O Mar Negro tinha deixado de ser um “lago turco” e os russos começaram a construir uma gigantesca base naval em Sebastopol (4, Fig. 1), ficando os seus vasos de guerra a dois dias de Constantinopla. A presença da Rússia no Próximo Oriente e no Cáucaso começava a preocupar ao Império Britânico. Porém, entretanto, surgiu Napoleão! Este ofereceu ajuda ao Xá para rechaçar os russos, em troca da utilização da Pérsia como caminho de passagem para invadir a Índia, o que fez parar o avanço russo. Em 1807, após subjugar a Áustria e a Prússia, derrotou os russos em Friedland, forçando-os a aderir ao “bloqueio continental”, destinado a isolar e a derrotar a Grã-Bretanha.¹²

Após a derrota de Napoleão em 1812, o Czar Alexandre solicitou, no Congresso de Viena, a modificação do mapa político da Europa, exigindo o controlo da Polónia. Perante a forte oposição britânica, Alexandre I concordou em dividi-la com a Áustria e a Prússia, ficando contudo com a parte de leão. No século XIX, as guerras na Europa para fomentar revoluções ou conquistar território, eram vistas como ameaças ao “equilíbrio de poder” entre os Estados dominantes, as grandes potências. Mas a dicotomia entre a Europa e os outros continentes era reforçada pela combinação frequente entre uma “terra-mãe” e uma periferia trazendo uma experiência colonial para perto de “casa”. Nos EUA e na Rússia, por exemplo, não existia uma separação clara nem fronteiras físicas óbvias.¹³

A trégua entre a Rússia e a Pérsia no Cáucaso (a Pérsia acabou por aceitar a soberania russa entre o Cáucaso e o Mar Cáspio e em grande parte do Azerbaijão), fez virar as atenções de S. Petersburgo para a Ásia Central. O “Grande Jogo”, a luta subtil mas persistente pelo controlo das vastas terras situadas entre o Mar Cáspio, a Pérsia e a Índia, “a jóia da coroa” do Império Britânico, a Sul, tinha começado.

O “Grande Jogo” é um termo atribuído a Arthur Connolly, utilizado para descrever a rivalidade e o conflito estratégicos entre os Impérios Britânico e Russo, pela supremacia na Ásia Central. O termo foi popularizado posteriormente por Rudyard Kipling, na sua obra “Kim”. O período clássico do “Grande Jogo” decorre desde aproximadamente 1815 até à Convenção Anglo-Russa de 1907. Após a revolução bolchevique de 1917, existiu uma segunda fase.¹⁴

Existiam apenas duas rotas possíveis para um exército russo, suficientemente grande para ter sucesso, atingir a Índia:

- uma seria partindo de Orenburg (3, Fig. 1 e 3), capturar Khiva (2, Fig. 3) e Balkh (6, Fig. 3), atravessar o Hindu Kush, como tinha feito Alexandre “o Grande”, e dirigir-se a Kabul; daí marcharia para Jalalabad, atravessaria o Desfiladeiro Khyber (K, Fig. 4) para

Peshawar e chegaria ao rio Indo; esta rota, embora mais longa, tinha mais água que a rota alternativa, através do Karakorum, e evitava os confrontos com os perigosos Turcomenos;

- a outra rota possível implicava a captura de Herat (7, Fig. 3), que seria utilizada como ponto de apoio logístico. Daí marchariam por Kandahar (Z, Fig. 4) e Quetta (Q, Fig. 4) para o Desfiladeiro Bolan (B, Fig. 4). Herat poderia ser atingida através de um acordo com a Pérsia, ou atravessando o Cáspio para Astrabad.

Em qualquer dos casos, um invasor teria de passar pelo Afeganistão!

No século IV DC, Alexandre, o Grande, conquistou todo o império persa, à exceção da província Bactro-Sogdiana, o Afeganistão de hoje. No século XIII, Genghis Khan abandonou a campanha no Afeganistão, em virtude da resistência tenaz e das pesadas baixas sofridas.¹⁵ Desde o colapso do grande império Durrani, fundado em meados do século XVIII, que o Afeganistão estava no centro de uma intensa e incessante luta pelo poder. Não existia unidade real entre os afegãos, meramente alianças temporárias, quando e onde era vantajoso para os respectivos líderes tribais. O Império Britânico sentiu isso bem na pele. *“Se os afegãos, como nação, estiverem determinados a resistir aos invasores, as dificuldades tornar-se-iam intransponíveis”*, afirmou um oficial britânico em serviço na Índia. Esta frase explica o interesse britânico em manter o Afeganistão forte e unido por um líder central em Kabul.¹⁶ Explica ainda uma grande parte da história mais moderna deste país.

Em 1833, uma enorme frota de navios de guerra russos posicionou-se perto de Constantinopla, encerrando uma cadeia de acontecimentos iniciada dois anos antes, com uma revolta do governador do Egipto, então nominalmente parte do Império Otomano. Cercou Damasco e avançou pela Anatólia na direcção de Constantinopla com um poderoso exército, querendo destronar o sultão. Este apelou ao auxílio britânico, cujos governantes hesitaram. Mais lesto foi o Czar Nicolau I, que lhe ofereceu prontamente auxílio. Perante a situação, o sultão teve de aceitar reconhecido esse auxílio, que veio por termo à rebelião. A armada russa retirou, mas os turcos passaram a ser pouco mais do que um protectorado do Czar e, nos termos do tratado de paz, poderiam fechar os Dardanelos a todos os navios de guerra estrangeiros, se S. Petersburgo assim o desejasse. Estes desenvolvimentos colocaram de sobreaviso o Império Britânico, que via no alargamento da armada russa e nas suas posições no Cáucaso uma cabeça-de-ponte para lançar investidas posteriores contra a Turquia e contra a Pérsia.

Até então, os estrategistas consideravam que o poder da Rússia era apenas defensivo, a coberto da fortaleza inexpugnável com que a natureza a tinha contemplado - o seu clima e os seus desertos - conforme Napoleão tinha descoberto à sua própria custa. Mas, na realidade, desde o reinado de Pedro “o Grande”, os súbditos do Czar

tinham aumentado quatro vezes, de 15 para quase 60 milhões. Ao mesmo tempo, as fronteiras da Rússia tinham avançado cerca de 800 km em direcção a Constantinopla e cerca de 1 500 em direcção a Teerão, a uma razão de mais de 50 000 km² por ano. Na Europa, as conquistas russas sobre a Suécia montavam a metade da área original daquele reino, e sobre a Polónia eram quase iguais à área de todo o Império Austríaco. Todo este território tinha sido conseguido furtivamente, através de astúcia e pequenas invasões sucessivas, nenhuma delas suficientemente importante para causar fricções importantes com os outros poderes europeus.¹⁷

No início do século XIX, a maior parte das paragens da Ásia Central não estava cartografada. As cidades de Bukhara (10, Fig. 3), Khiva, Merv e Tashkent (12, Fig. 3) eram praticamente desconhecidas dos estrangeiros. No final do referido século, a expansão imperial czarista ameaçava colidir com o domínio e a ocupação crescentes do sub-continente indiano, e os dois impérios jogaram um jogo subtil de exploração, espionagem e diplomacia imperialista, o já referido "Grande Jogo", em toda a Ásia Central. O conflito ameaçou sempre uma eventual guerra entre as partes, sem contudo nunca ter chegado a um confronto directo. O ponto nevrálgico da actividade foi, como já foi dito, o Afeganistão.

Da perspectiva britânica, a expansão czarista ameaçava a Índia. À medida que as tropas russas começaram a conquistar "khanato" após "khanato", os britânicos temeram que o Afeganistão se tornasse numa área de preparação para uma invasão russa da Índia. Mas, em vez de tentar estabelecer uma liderança forte e amistosa que pudesse proteger a Índia contra invasões russas, levou mesmo a um dos piores desastres da história militar britânica. Em 1838, a Grã-Bretanha lançou um ataque ao Afeganistão (1.^a Guerra Anglo-Afegã), e impôs um regime "fantoche". O regime durou pouco tempo, insustentável sem apoio militar britânico significativo. Em 1842, a multidão atacou as tropas inglesas nas ruas de Kabul e a guarnição acordou uma retirada protegida. Infelizmente para os britânicos, os afegãos não cumpriram o acordado e cerca de 4 500 militares e 12 000 apoiantes pereceram durante a retirada. A 1.^a Guerra Anglo-Afegã foi um golpe devastador no seu orgulho e prestígio. O desastre russo em Khiva (1839) não se pode comparar a este. No seguimento desta humilhante derrota, os britânicos refrearam as suas ambições sobre o Afeganistão.¹⁸

Entre meados de 1857 e meados de 1858, os britânicos viram-se a braços com a "Revolta da Índia", amotinação dos cipayos indianos. Após essa rebelião, os sucessivos governos britânicos passaram a ver o Afeganistão como um estado-tampão. Porém, os russos continuaram a avançar para Sul, em direcção àquele estado e, em 1865, anexaram formalmente Tashkent e, três anos depois, Samarcanda (11, Fig. 3) e Bukhara. Em 1870, foi a vez de Khiva. O controlo russo estendia-se então até à margem Norte do rio Amu-Darya.¹⁹

O Czar Nicolau I visitou a Rainha Vitória, então com 25 anos, em Londres em 1844. A sua principal preocupação era o futuro do Império Otomano, "o homem doente da Europa", como lhe chamava. Confessou estar muito preocupado com o que poderia acontecer quando ele se desfizesse, algo que temia estar eminente. As duas partes concordaram que o sultão deveria ser mantido no trono enquanto tal fosse possível. Concordaram também em consolidar as suas fronteiras, subjugando vizinhos problemáticos. No período de "détente" que se seguiu, os russos avançaram as suas praças-fortes através das estepes cazaques até às margens do Syr-Darya, cerca de 400 km a leste do Mar de Aral. Os britânicos, por seu turno, conseguiram anexar o Sind e colocar líderes favoráveis a governar o Punjab e a Caxemira.

Porém, em 1853, as boas relações cessaram. Em 1848, tinham estalado revoluções nacionalistas em várias capitais europeias (Paris, Berlim, Viena, Roma, Praga, Budapeste, etc.) entre governantes e governados, entre lei e desordem, entre aqueles que tinham e aqueles que queriam ter.

Considerando-se o guardião dos locais santos do Cristianismo na Terra Santa, então parte integrante do Império Otomano, o Czar Nicolau invadiu as províncias setentrionais dos Balcãs, alegadamente para proteger os cristãos eslavos daquela região, ignorando um ultimato dos turcos para retirar, pondo uma vez mais os dois países em guerra. Os britânicos e os franceses, determinados a manter os russos afastados do Próximo Oriente, aliaram-se ao sultão. A Guerra da Crimeia, que ninguém queria e que poderia facilmente ser evitada, tinha começado.

No Outono de 1854, franceses e britânicos sitiaram Sebastopol, a grande base naval russa no Mar Negro, considerando que a sua captura e destruição asseguraria a independência da Turquia. O cerco durou quase um ano e a rendição russa tornou-se inevitável, ao mesmo tempo que o Czar Nicolau I adoecia e morria em Março de 1855. Após a rendição de Sebastopol, a Áustria ameaçou juntar-se à coligação e o novo Czar, Alexandre III, acedeu a assinar um acordo preliminar de paz. Os russos foram fortemente penalizados na região do Mar Negro, banidas que foram todas as bases e navios de guerra daquele mar, cederam a foz do Danúbio e várias cidades capturadas aos turcos. O Mar Negro ficou desmilitarizado e a independência e integridade da Turquia garantidas. As ambições da Rússia na Europa e no Próximo Oriente tinham sido bloqueadas. Passaram 15 anos até que a Rússia denunciasse o acordo de paz e reiniciasse a construção de uma frota do Mar Negro. Ao derrotar os russos na Crimeia, a Grã-Bretanha esperava não só afastá-la do Próximo Oriente, mas também fazer parar a sua expansão na Ásia Central. O efeito foi, todavia, o oposto. A seguir à derrota na Guerra da Crimeia, a Rússia olhou para a Ásia Central como uma região onde a rivalidade com a Grã-Bretanha lhe poderia ser mais favorável.²⁰

Entretanto, o Afeganistão voltou a ser notícia. O Xá da Pérsia, aproveitando a Guerra da Crimeia, reclamou a cidade de Herat e ocupou-a no final de 1856. Em 1863, o líder afegão reconquistou-a.

Na década de 1850's, os russos continuaram a expandir-se para Leste, ao longo do rio Amur, e para Sul, em direcção à costa do Pacífico, onde hoje é Vladivostok (Fig. 5). O imperador chinês, a contas com a rebelião Taiping no Sul e, ao mesmo tempo, com as exigências francesas e britânicas para concessões de terras e outros privilégios, que degeneraram em 1856 na Segunda Guerra do Ópio, entre a China e a Grã-Bretanha, não estava em posição de os impedir. Os russos acrescentaram assim uma enorme porção de territórios, do tamanho da França e da Alemanha juntas, ao seu já gigantesco império asiático. Em 1859, conseguiram também submeter finalmente a quase totalidade da Circassia, no Cáucaso. Em 1860 chegaram ao Pacífico, fundando Vladivostok.

Faltavam contudo os três "khanatos" independentes da Ásia Central. Aquilo que finalmente decidiu o Czar a agir, foi a Guerra da Secessão nos EUA, cujos estados sulistas tinham sido a principal fonte de abastecimento de algodão. Como resultado da guerra, o abastecimento foi cortado, afectando seriamente toda a Europa. A Rússia sabia, no entanto, que a região de Khokand (4, Fig. 3) na Ásia Central, especialmente o fértil vale de Fergana, era particularmente favorável à cultura do algodão, com potencial para produzir quantidades substanciais desse têxtil. O Czar Alexandre III estava decidido a conquistar esses campos de algodão o mais rapidamente possível. Em 1863, a Rússia estava preparada para penetrar na Ásia Central, se bem que gradualmente. O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Czar declarou no final de 1864, num memorando para os seus embaixadores na Europa: *"A posição da Rússia na Ásia Central é idêntica à de todos os estados civilizados que entram em contacto com populações nómadas e semi-selvagens, que não possuem uma organização social estável. Nesses casos, acontece sempre que o estado mais civilizado é forçado, no interesse da segurança das suas fronteiras e das suas relações comerciais, a exercer uma certa ascendência sobre os vizinhos com um carácter mais turbulento e agressivo, que os torna indesejáveis"*. É interessante verificar a semelhança entre esta posição e a expressa no final do século XIX por Theodore Roosevelt, presidente dos EUA e conhecido pelo "corolário Roosevelt".

Os "khanatos" de Khiva, Bokhara e Khokand dominavam, entre eles, uma vasta região de desertos, oásis e montanhas, com o tamanho de metade dos EUA, que se estendia da margem oriental do Mar Cáspio até ao Pamir. Mas, para além destas três cidades-estado, existiam outras cidades importantes: uma era Samarcanda, capital do extinto império de Tamerlane, agora parte dos domínios de Bokhara; outra era Kashgar (5, Fig. 3), sob o domínio chinês, separada das outras por altas montanhas; finalmente, Tashkent, anteriormente independente, com os seus pomares, vinhas,

pastagens e uma população de 100 000 pessoas, a cidade mais rica da Ásia Central, possessão de Khokand.²¹

Em 1862, Samarcanda foi absorvida pelo Império Russo, deixando apenas o "khanato" de Khiva a fazer frente ao Czar. Em 1865 ocuparam Tashkent, declarando que a ocupação era temporária, o que se sabia não ser verdade pois, algum tempo depois, foi constituído o novo "Governo Geral" do Turquestão, o que significava que os "khanatos" tinham os dias contados. Existiam três razões principais para isso:

- antes de tudo, o receio que os britânicos chegassem ali primeiro, vindos do Sul, e monopolizassem o comércio;

- depois vinha a razão do orgulho imperial; bloqueados na Europa e no Próximo Oriente, pretendiam a frustração demonstrando o seu valor militar na conquista militar da Ásia;

- finalmente, o factor estratégico; tal como o Báltico era o "calcanhar de Aquiles" da Rússia, no caso de disputa com a Grã-Bretanha, há muito que se sabia que o ponto mais vulnerável do Império Britânico era a Índia; Tashkent era considerada a chave para a conquista e o domínio da Ásia Central.

Começaram também a melhorar significativamente as suas comunicações na Ásia Central: uma nova linha férrea vinha de S. Petersburgo até Gorki (antiga Nijni Novgorod), no Volga, onde circulavam cerca de 300 barcos a vapor até ao Mar Cáspio. O modo mais óbvio de ligar a Ásia Central à Rússia europeia era construir um porto na margem oriental do Cáspio. Eventualmente, quando Khiva fosse conquistada e os perigosos Turcomenos pacificados, uma linha férrea podia ser construída através do deserto ligando Bokhara, Samarcanda, Tashkent e Khokand.²²

Em 1867, a Rússia vendeu o Alasca aos EUA por sete milhões de dólares, em virtude de, segundo eles, não ser facilmente defensável nem economicamente viável!...²³

Em 1870, renunciou unilateralmente às cláusulas do acordo de paz sobre o Mar Negro, após a Guerra da Crimeia, o primeiro de uma série de movimentos que iriam fortalecer grandemente a sua posição política e estratégica na região.

No verão de 1871, ocupou o território muçulmano de Ili (8, Fig. 3), que dominava importantes passagens para a Sibéria meridional, e que se tinha recentemente rebelado contra a soberania chinesa. Tinha sido através destes desfiladeiros que as hordas de Genghis Khan tinham, séculos antes, invadido a Rússia. Este território era também rico em minérios e servia como celeiro daquela desolada região.

Em 1873, o Czar Alexandre II decidiu efectuar um ataque demolidor a Khiva. Após os revezes anteriores, em 1717 e 1839, a Rússia não

queria falhar, e lançou um ataque de três direcções diferentes: de Tashkent, de Orenburg e de Kransnovodsk (13, Fig. 3) (hoje Turkmenbashi). Khiva finalmente capitulou.

Com esta acção, a Rússia adquiriu o controlo da navegação no baixo Amu-Darya, com os correspondentes benefícios comerciais e estratégicos, bem como o domínio total da margem oriental do Cáspio. Conseguiu também uma base a partir da qual poderia ameaçar a independência da Pérsia e do Afeganistão e, à distância, a Índia. Num período de 10 anos, a Rússia tinha anexado um território com a área de metade dos EUA e conseguido uma barreira defensiva em toda a Ásia Central, do Cáucaso a Khokand, ocupada em 1875.²⁴

Entretanto, na Europa, a Rússia voltou a envolver-se com as outras potências, devido a divergências sobre as possessões do Império otomano nos Balcãs. O problema iniciou-se em 1875 na Bósnia-Herzegovina, de onde se espalhou rapidamente à Sérvia, ao Montenegro e à Bulgária. Tropas turcas mataram e massacraram alguns milhares de cristãos búlgaros. Este massacre levou o Czar, que se proclamava protector dos cristãos sob soberania turca, a um conflito latente com o Sultão. Em 1877 os russos declararam guerra à Turquia e iniciaram o avanço para Constantinopla, através dos Balcãs e, simultaneamente, da Anatólia Oriental. A resistência turca fracassou e, em 1878, os exércitos russos estavam às portas de Constantinopla, prestes a realizar o seu sonho de séculos. Porém, encontraram também a esquadra britânica fundeada nos Dardanelos, o que fez o Czar Alexandre II recuar e aceitar uma trégua com os turcos. A Bulgária adquiriu a sua independência do Império Otomano, contra a opinião britânica, e a Rússia conseguiu territórios na Anatólia Oriental. A Áustria-Hungria aliou-se à Grã-Bretanha sobre o problema da Bulgária, ocupando a Bósnia-Herzegovina, e os britânicos colocaram tropas em Malta e ocuparam Chipre, numa tentativa de fazer recuar as tropas russas de Constantinopla. No final, a crise resolveu-se sem recurso à guerra, tendo o Sultão conseguido recuperar dois terços do território perdido.²⁵

A tensão voltou a crescer em 1878, quando a Rússia enviou uma missão diplomática a Kabul, sem convite prévio. A Grã-Bretanha exigiu que o homem forte do Afeganistão, Sher Ali, aceitasse também uma missão britânica. Esta foi recusada e, em retaliação, uma força de 40 000 homens atravessou a fronteira, iniciando a 2.ª Guerra Anglo-Afegã. Esta incursão foi quase tão desastrosa como a primeira e em 1881 os ingleses voltaram a retirar de Kabul. O trono foi oferecido a Abdur Rahman, que aceitou que a Grã-Bretanha orientasse a sua política externa enquanto ele consolidava a sua posição interna. Conseguiu dominar as rebeliões internas com eficácia brutal e reunir a maior parte do país sob o governo central.²⁶ Os britânicos tinham conseguido assim estabelecer um estado-tampão razoavelmente estável e com um líder amistoso, ao mesmo tempo que tinham erradicado a influência russa em Kabul.

Em 1879, quatro anos após ter anexado Khokand, a Rússia tentou atacar a cidade turcomena de Geok-Tepe (9, Fig. 3), no limite Sul do deserto Karakum, a meio caminho entre o Cáspio e Merv, mas foi rechaçada. Foi a sua pior derrota na Ásia Central desde o ataque de má memória a Khiva, em 1717.²⁷

Em 1881, os russos cercaram Geok-Tepe de novo, desta vez com êxito. Em 1884 tomaram Merv, formalmente pertencente à Pérsia, levando finalmente as tribos turcomenas à capitulação e à submissão à soberania de S. Petersburgo. A rendição de Merv, conseguida de modo considerado militarmente pouco ortodoxo, foi considerada pelas autoridades britânicas, na Índia e em Londres, como sendo "de longe o passo mais importante dado pela Rússia para ameaçar a Índia". Estas preocupações britânicas baseavam-se na linha férrea que os russos tinham começado a construir na direcção de Merv, que quando completada, podia facilmente fazer a ligação entre as cidades e guarnições da Ásia Central e transportar tropas até à fronteira afegã. Após uma longa correspondência diplomática, representantes das duas potências (Comissão Conjunta da Fronteira Afegã) reuniram-se perto de Merv, com a finalidade de delinear cientificamente a fronteira entre a Transcáspia russa, a Pérsia e o Afeganistão.²⁸

Em 1884, a expansão russa despoletou nova crise quando ocupou o oásis de Pandjeh, a meio caminho entre Merv e Herat, no Afeganistão. O Xá da Pérsia, profundamente alarmado pela agressividade russa, pediu à Grã-Bretanha para ocupar Herat antes dos russos. À beira da guerra, a Comissão Conjunta acordou que a Rússia devia abandonar Merv, mas podia reter Pandjeh. O acordo estabelecia a fronteira Norte do Afeganistão no Amu-Darya, com perdas substanciais de território.²⁹ A Rússia tinha conseguido mais uma vez aquilo que queria, demonstrando ser mestre na arte do "facto consumado".

Em 1895, Londres e S. Petersburgo chegaram finalmente a acordo sobre a fronteira entre a Ásia Central russa e o Afeganistão oriental. A "falha" do Pamir estava finalmente fechada.

Em 1907, a Convenção Anglo-Russa finalizou o período clássico do "Grande Jogo", com a aceitação russa de que a política do Afeganistão ficava sob controlo britânico, e que conduziria todas as suas relações com aquele país através da Grã-Bretanha, desde que esta garantisse a permanência do regime. As fronteiras manter-se-iam.

O Caminho-de-Ferro Transcaspiano foi iniciado em 1880. Em 1888 atingiu Bokhara e Samarcanda e encontrava-se a caminho de Tashkent. A linha férrea corria paralela à fronteira com a Pérsia durante cerca de 500 km, representando, com a sua capacidade de transportar tropas e artilharia, uma "espada de Damócles" sobre a

cabeça do Xá. Alterava drasticamente o equilíbrio estratégico na região.³⁰

Mas a Rússia continuava a sonhar abrir para si todo o Extremo Oriente, com os seus recursos e mercados, antes dos outros “predadores” o conseguirem. O plano envolvia a construção do maior caminho-de-ferro jamais visto, o Trans-Siberiano (Fig. 6). Teria mais de 7 200 km de Moscovo a Vladivostok e seria capaz de transportar mercadorias e matérias-primas em ambos os sentidos em menos de metade do tempo que demorariam por via marítima, causando assim sérios embaraços à hegemonia da Grã-Bretanha sobre as rotas marítimas.

Por esta altura, as maiores potências europeias estavam já empenhadas numa corrida desenfreada para conseguirem a sua parte do moribundo Império Manchu e do que lhe estava associado. Os alemães, apesar de terem partido tarde na corrida colonial, foram os primeiros a solicitar uma base naval e uma estação de carvão, algures na costa Norte da China para a sua frota do Extremo Oriente. Nas escaramuças que se seguiram, a França e a Grã-Bretanha obtiveram outras concessões, enquanto a Rússia, fazendo o papel de protectora da China, obteve o porto de águas quentes de Port Arthur (hoje Dalian) (1, Fig. 5) e as terras em redor. Os EUA juntaram-se também ao “leilão”, e adquiriram em 1898 o Hawaii, Guam, Wake e as Filipinas, cobiçadas também por outras potências.

Em 1900, as potências europeias foram apanhadas de surpresa pela “Revolta dos Boxers”, um sentimento de forte ressentimento contra os “diabos estrangeiros” que, tirando partido da fraqueza da China, estavam a conseguir portos e outros privilégios comerciais e diplomáticos. Foram massacrados missionários cristãos, o Cônsul francês foi linchado, tendo a revolta sido dominada por uma força de intervenção de seis países que ocupou Pequim. Porém, a revolta, apesar de dominada, viria a ter consequências importantes na Manchúria, onde os russos temiam pelo seu novo caminho-de-ferro e onde, devido a isso, colocaram 170 000 homens.

S. Petersburgo foi fortemente pressionada para retirar esta força após a revolta ter sido dominada, mas apenas retirou cerca de um terço dela, e com grande relutância. Ficou claro que, uma vez mais, os russos jogaram no “facto consumado”.

O Japão tomou consciência, em meados do século XIX, de que se não quisesse ser colonizado como a Índia ou despedaçado como a China, devia ter um exército europeu e construir um império pela guerra.³¹ Tinha observado com grande apreensão o crescimento militar e naval da Rússia no Extremo Oriente, que ameaçava directamente os seus próprios interesses na região. Tinha notado particularmente a infiltração russa na Coreia, o que a colocava perigosamente perto do seu território. O Japão tinha ainda consciência que o tempo jogava contra si, pois quando o

caminho-de-ferro Trans-Siberiano estivesse concluído, os russos poderiam trazer tropas em grande número, artilharia pesada e outro material de guerra. Por estas razões, os responsáveis japoneses decidiram enfrentar a ameaça russa e, em 1904, atacaram sem aviso a base naval russa de Port Arthur. A Guerra Russo-Japonesa tinha começado.

Brilhantemente liderada pelo Almirante Togo, a frota japonesa, apesar de inferior em número e do fogo cerrado das baterias de artilharia de terra russa, conseguiu infligir baixas importantes à frota russa e minar-lhe o moral. Tudo correu mal aos russos. Encontraram-se sitiados e prisioneiros na base naval fortemente defendida, à medida que os japoneses, taticamente superiores e melhor comandados, dominavam o mar. O Czar Nicolau II decidiu então enviar a frota do Báltico para o Extremo Oriente, à volta de três continentes, numa tentativa desesperada de terminar o bloqueio a Port Arthur. O conflito durou 18 meses e, no início de 1905, Port Arthur capitulou. Um mês depois, caiu o fortemente defendido centro ferroviário de Mukden (hoje Shenyang) (2, Fig. 5), 400 km a Norte de Port Arthur, que os peritos russos consideravam praticamente inexpugnável. A perda das suas praças-fortes no Oriente para os "macacos amarelos" abalou profundamente o prestígio russo no mundo, especialmente na Ásia. As más notícias chegaram à esquadra do Báltico quando esta se encontrava ainda em Madagáscar. Apesar disso, foi determinado que esta prosseguisse com a finalidade de reconquistar os mares do Oriente aos japoneses. Estes, contudo, estavam à sua espera nos Estreitos de Tsushima, entre a Coreia e o Japão, e infligiram-lhe uma derrota catastrófica. A humilhação russa foi total e o sonho do Czar Nicolau II de construir um novo império no Oriente pereceu para sempre. A paz foi mediada pelos EUA e assinado um acordo de paz. Ambos os países acordaram em abandonar a Manchúria, que foi devolvida à soberania chinesa. Port Arthur e o controlo de partes do Trans-Siberiano foram transferidos para o Japão. A Coreia foi declarada independente, apesar de ficar na esfera de influência japonesa. Indirectamente, a Guerra Russo-Japonesa levou à queda, 13 anos depois, da monarquia russa.

Em Outubro de 1917, a revolução russa levou ao colapso de toda a frente oriental da 1.^a Guerra Mundial, do Cáucaso ao Báltico. Os bolcheviques rasgaram todos os tratados assinados pelos seus predecessores. Longe de estar terminado, o "Grande Jogo" recomeçaria com renovado vigor e uma nova face, pois Lenine pretendia "pegar fogo ao Oriente" com o "evangelho" do Marxismo.³²

Os Czares tinham permitido e apoiado as religiões e as instituições sociais existentes, bem como jornais e escritos em línguas turcas e persa. Esta descentralização foi destruída pela revolução bolchevista em 1917, que introduziu novas noções de nacionalidade e dividiu os territórios etnicamente heterogéneos em regiões administrativas que não respeitaram as etnias existentes. Em 1936,

foram criadas as “Repúblicas Socialistas Soviéticas” da Arménia, Azerbaijão, Cazaquistão, Geórgia, Quirguizistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão.³³

A revolução bolchevique de 1917 anulou os tratados existentes e deu início a uma segunda fase do “Grande Jogo”. A 3.^a Guerra Anglo-Afegã (1919) foi precipitada pelo assassinato do líder de então, Habibullah Khan. O seu sucessor, Amanullah, declarou independência total e atacou a fronteira Norte da Índia britânica, embora com pouquíssimos resultados. O Acordo de Rawalpindi concedeu autodeterminação completa ao Afeganistão em política externa. Em Maio de 1921, o Afeganistão e a URSS assinaram um tratado de amizade. A URSS fornecia a Amanullah ajuda monetária, tecnológica e militar, fazendo desvanecer a influência britânica. Apesar disto, as relações soviético-afegãs continuaram equívocas, tendo Amanullah oferecido abrigo aos muçulmanos fugidos da URSS, bem como aos nacionalistas indianos exilados.

O Reino Unido impôs sanções económicas e diplomáticas insignificantes, temendo que Amanullah escapasse à sua esfera de influência e percebendo que a política do governo afegão era controlar todas as tribos de língua pashtu, de ambos os lados da fronteira.

Com o advento da 2.^a Guerra Mundial, em 1940, os interesses da URSS e do Reino Unido convergiram na expulsão de um grande contingente não diplomático alemão, tido como envolvido em actividades de espionagem.

Com o fim da 2.^a Guerra Mundial e o início da “guerra-fria”, os EUA substituíram o Reino Unido como poder global, afirmando a sua influência no Médio Oriente na extracção de petróleo, contenção da URSS e acesso a outros recursos. Este período foi baptizado por vários analistas no início dos anos 1990’s, como uma luta mais abrangente, o “Novo Grande Jogo”, face à analogia dos acontecimentos envolvendo a Índia, o Paquistão, o Afeganistão e, mais recentemente, as novas repúblicas da Ásia Central. Segundo Lutz Kleveman, a campanha russa no Afeganistão foi apenas mais um mero episódio desse “Novo Grande Jogo”.³⁴

Hoje, os actores são diferentes e as regras do jogo neocolonial são muito mais complexas do que as de há um século atrás. Centraliza-se nas reservas energéticas do Mar Cáspio (petróleo e gás natural). Nas suas margens e nos seus fundos, estão as maiores reservas inexploradas de combustíveis fósseis.

4. O Eurasianismo

Na geopolítica russa do final do século XIX, o Eurasianismo lutava por se sobrepor às tendências reformistas pró-ocidentais e ao

movimento eslavófilo. O papel ímpar da Rússia era juntar a rica diversidade da Eurásia numa "terceira via", consistente com a cultura e as tradições da Ortodoxia e da Rússia.³⁵

Baseado nas ideias de Mackinder, o Eurasianismo procurava estabelecer a identidade ímpar da Rússia, distinta da Ocidental e focava a sua atenção para Sul e Leste, sonhando numa fusão entre as populações ortodoxas e muçulmanas.³⁶ Rejeitava categoricamente o projecto do Czar Pedro para "europeizar" a Rússia, mas os termos em que se idealizava o país eram idênticos aos de um império europeu, pela simples circunstância que englobava territórios, a maioria dos quais se localizavam na Ásia, em que um grupo nacional dominava outras nacionalidades subordinadas. Defendia que a Rússia era claramente não europeia porque a vasta região ocupada, apesar de situada entre os dois continentes - Europa e Ásia - era geográfica e, logo, objectivamente separada de ambos. Era um continente em si mesmo, denominado Eurásia; além disso, a cultura russa tinha sido maioritariamente moldada por influências vindas da Ásia.³⁷

Durante a 1.ª Guerra Mundial, surgiram os primeiros dilemas e ambiguidades, quando a Rússia se aliou à Grã-Bretanha, à França e aos EUA, lutando contra os seus aliados geopolíticos naturais - Alemanha e Áustria - com o intuito de libertar os seus "irmãos eslavos" do domínio turco, mas também mergulhando numa revolução e numa guerra civil catastróficas.³⁸

Estas ideias acerca da geopolítica da Eurásia e do destino do Império Russo, foram retomadas no período a seguir à 1.ª Guerra Mundial pelo etnólogo e filólogo Nikolai S. Trubetskoy, nobre russo branco, pelo historiador Peter Savitsky, pelo teólogo ortodoxo G.V. Florovsky e, posteriormente, pelo geógrafo, historiador e filósofo Lev Gumilev, defendendo a luta cultural e política entre o Ocidente e o distinto sub-continente da Eurásia, liderado pela Rússia. Aqueles teóricos da geopolítica eurásiana analisaram com profundidade e atenção os impérios de Genghis Khan e Otomano, entre outros, tendo-se encontrado várias vezes em Praga com Karl Haushofer.³⁹ Gumilev foi o criador da "teoria da etnogénese", pela qual as nações são originárias da regularidade do desenvolvimento da sociedade, e da "teoria da paixão", a capacidade humana para se sacrificar em prol de objectivos ideológicos. Esteve 16 anos presos no tempo de Estaline, combateu na 2.ª Guerra Mundial, esteve num campo de concentração nazi e voltou a cumprir uma sentença de 10 anos no Gulag, por actividades contra a ideologia marxista-leninista.⁴⁰

A revolução de 1917 tinha terminado com a existência formal do Império Russo, e Trubetskoy adaptou o seu pensamento ao novo estado de coisas. Os russos, antes considerados como os "donos e proprietários" de todo o território, passaram a ser "um povo entre outros" que partilhavam a autoridade. O conceito de separatismo não era aceitável para Trubetskoy, que insistia na indivisibilidade da

grande região que correspondia à Eurásia, uma ideia de integralidade geográfica, económica e étnica, distinta quer da Europa, quer da Ásia. Segundo Savitsky, a Eurásia tinha sido modelada pela Natureza, que tinha condicionado e determinado os movimentos históricos e a interpenetração dos seus povos, cujo resultado tinha sido a criação de um único Estado. Devido à unidade da região derivar da Natureza, possuía a qualidade transcendente dessa mesma Natureza.⁴¹

*Trubetsky afirmava que "o substrato nacional do antigo Império Russo e actual URSS, só pode ser a totalidade dos povos que habitam este Estado, tido como uma nação multiétnica peculiar e que, como tal, possuía o seu próprio nacionalismo. Chamamos a essa nação Eurasiana, o seu território Eurásia e o seu nacionalismo Eurasianismo."*⁴²

Para Alexander Dugin, o principal ideólogo eurasianista da actualidade, as civilizações marítimas estiveram sempre ligadas ao "primado da economia sobre a política". Segundo ele, Mackinder demonstrou claramente que, nos últimos séculos, a cultura marítima foi sinónimo de "Atlantismo", personificado no Reino Unido e nos EUA, defendendo a prioridade do individualismo, do liberalismo e da "democracia protestante". Ao contrário, o Eurasianismo pressupunha autoritarismo, hierarquia e comunitarismo, colocando o Estado nacional acima dos interesses individuais e económicos. Dugin afirmou que a liderança de Lenine tinha um substrato eurasiático pois, contrariamente à doutrina marxista, preservou a grande unidade do espaço eurasiático do Império Russo. Por seu lado, Trotsky insistia na exportação da revolução, na sua mundialização, e considerava a URSS como algo efémero e transitório, algo que desapareceria perante a vitória planetária do comunismo; as suas ideias traziam, por isso, a marca do "Atlantismo"! Para o mesmo autor, "a grande catástrofe eurasiática foi a agressão de Hitler contra a URSS. Após a guerra fratricida e terrível entre dois países geopolítica, espiritual e metafisicamente chegados, a vitória da URSS foi de facto equivalente a uma derrota".⁴³

5. A "Guerra-Fria"

Apesar da "guerra-fria" ter sido primária e fundamentalmente um confronto entre ideologias e não sobre geopolítica - alguns autores chamam-lhe "geopolítica ideológica" - a Geopolítica desenvolvida pelos pensadores europeus do final do século XIX foi uma matéria importante para Estaline. O Pacto de Varsóvia, integrando os países da Europa de Leste na esfera soviética, insere-se nesse projecto geopolítico como oposição à OTAN, criando uma "zona tampão" ("buffer zone") de estados-satélite que impedissem a repetição dos traumas causados pelas invasões de Napoleão e de Hitler. A "guerra-fria" fez com que a URSS utilizasse meios militares na sua

zona geopolítica para fazer face a levantamentos populares na Polónia, na Hungria, na Checoslováquia e no Afeganistão, com justificações equivalentes à teoria americana do "dominó"⁴⁴.

A justificação para esta atitude ficou conhecida como a "doutrina Brezhnev" (1968), onde se articulavam os limites dentro dos quais os Estados-satélite comunistas da Europa Oriental podiam operar. Qualquer decisão desses Estados que pudesse por em causa o socialismo nesse país, os interesses fundamentais do socialismo noutros países, ou o movimento comunista a nível mundial, justificavam a intervenção militar soviética, estando o exército vermelho apenas a ajudar o povo a exercer a sua autodeterminação num sentido ideológica e geopoliticamente correcto.⁴⁵ *"Cada Partido Comunista é responsável não só perante o seu povo, mas também perante todos os países socialistas e o inteiro movimento comunista. (...) A soberania individual de países socialistas não se pode sobrepor aos interesses do socialismo e do movimento revolucionário mundiais. (...) Cada Partido Comunista é livre de aplicar os princípios do Marxismo-Leninismo e do socialismo no seu país, mas não se pode desviar desses princípios"*⁴⁶

O "encarregado de negócios" americano em Moscovo em 1946, George Kennan, expôs o seu conceito sobre a URSS como sendo uma potência com uma determinação e uma necessidade, históricas e geográficas, de se expandir. Esta era a essência da URSS e nada podia ser feito contra tal; não se podiam estabelecer acordos com a URSS.⁴⁷

A partir de 1937, como em muitos outros domínios, a reflexão estratégica deixou de existir na URSS. A URSS devia ser uma fortaleza, simultaneamente esquadrihada, fechada no seu interior (Gulag), e hermeticamente fechada sobre o exterior. O ensino da Geopolítica foi interdito na URSS, por ser a disciplina maldita de uma Alemanha malévola.⁴⁸ Toda a ciência se tornou marxista-leninista, sendo Estaline o grande mestre. Durante os últimos anos do estalinismo, apesar do aparecimento do átomo e dos foguetões, a reflexão continuou bloqueada. De facto, o que poderiam pesar tais evoluções nos armamentos face às teorias enunciadas pelo "genial" Estaline? Apenas após a sua morte se retomou, timidamente, a reflexão sobre uma eventual guerra futura.

A ideia da não-inevitabilidade das guerras entre os dois sistemas políticos foi aflorada por Estaline apenas na sua última intervenção pública, em Outubro de 1952, provavelmente influenciado pelas ideias de Malenkov, o seu delfim. Foi a partir dessa altura que os soviéticos aceitaram o dogma da coexistência pacífica, que iria ser retomado mais tarde, face à evolução da relação de forças entre os dois sistemas, na qual a arma atómica tinha um lugar de destaque. Contudo, durante a primeira metade da década de 50, antes de conseguir capacidade nuclear intercontinental, a URSS viveu aterrorizada pela eventualidade de uma ofensiva ocidental.⁴⁹

Desde o final da 2.^a Guerra Mundial, uma figura chave na geopolítica soviética foi o General Sergey M. Shtemenko, que chegou a ser, durante os anos 60's, comandante das forças armadas do Pacto de Varsóvia e Chefe do Estado-Maior General da URSS. Nos seus planos estratégicos, estava, desde 1948, a penetração económico-cultural no Afeganistão, afirmando que aquele país tinha um papel geopolítico especial, permitindo o acesso soviético ao Índico. Khrushchev tinha conceitos geoestratégicos exclusivamente baseados no emprego de mísseis intercontinentais, em detrimento das outras armas. Estava preocupado com a América Latina e insistia no conceito de "guerra nuclear intercontinental relâmpago". Ao contrário, Shtemenko já tinha alertado que não seria sensato basear a segurança da URSS apenas em mísseis balísticos intercontinentais.⁵⁰

Entre o fim dos anos 60's e a metade dos anos 80's, a marinha soviética conheceu uma ascensão considerável, resultado da conjugação de um projecto político, de uma visão estratégica para fazer da URSS uma potência mundial e de uma conjuntura internacional favorável a esse projecto. "Khrushchev teve bastante pena de não ter porta-aviões durante a crise de Cuba", dizia-se em Moscovo. Exigiu por isso uma modernização das forças navais e o desenvolvimento de uma frota de alto mar. Por essa altura, a descolonização criou, principalmente em África, uma série de vazios políticos que interessava preencher. Este programa de construção naval reforçou o empenhamento da URSS numa política realmente mundial.

Porém, a própria configuração do território soviético não permitia o acesso permanente a mares abertos, quer por razões climatéricas (Murmansk e Vladivostok), quer por estarem "fechados" por estreitos controlados pela OTAN (estreitos turcos e dinamarqueses). Além disso, a qualidade dos navios não podia rivalizar com a dos EUA. Por isso, apesar do esforço enorme de aumento da capacidade naval, a URSS nunca conseguiu apresentar-se como uma potência marítima capaz de conseguir obter o controlo dos mares.⁵¹

Um dos herdeiros das ideias geopolíticas e geoestratégicas de Shtemenko foi o Marechal N. V. Ogarkov, Chefe do Estado-Maior General das forças armadas soviéticas entre 1977 e meados dos anos 80's. Foi ele o responsável pela operação contra a Checoslováquia, em que os serviços de informações da OTAN foram confundidos por uma desinformação excelentemente conduzida, e também pela adopção de uma opção doutrinária de guerra convencional limitada na Europa, como objectivo de planeamento e modernização dos armamentos convencionais.⁵² Ele afirmava que a função dissuasora das armas nucleares estratégicas era um assunto arrumado e que era conveniente modernizar os armamentos clássicos. "Uma guerra mundial pode começar a ser travada, por um tempo determinado, apenas com armamentos convencionais". Vislumbra-se aqui uma nova concepção estratégica, um conflito desenrolado exclusivamente na Europa com armas convencionais,

justificação para o acréscimo do poder militar convencional no teatro europeu. Esta dissociação entre guerra total e guerra limitada, fez com que os soviéticos aceitassem sentar-se à mesa das negociações SALT a partir de 1968. As negociações sobre a limitação de armas estratégicas contribuíram para o aparecimento de uma nova geração de pensadores estratégicos militares na URSS.

Mas, para levar a cabo tais operações em profundidade, os soviéticos tinham de contar com o desenvolvimento muito rápido da tecnologia ocidental de armamentos de nova geração, nos anos 70's e 80's. Ora, a indústria soviética de armamento não parecia estar à altura dessa "revolução industrial", face à obsolescência do seu aparelho de produção e dos seus métodos de gestão. Daí, o grito de alarme de Ogarkov em 1984.

O debate foi pois geopolítico e geoestratégico mas, ao mesmo tempo, orçamental e estrutural, e surgiu bem antes da SDI.

O discurso de Brezhnev de 18 de Janeiro de 1977 marcou a adopção formal do conceito de dissuasão na doutrina estratégica soviética. A partir de 1979, multiplicaram-se as referências, não só à dissuasão, mas também à ideia do absurdo de uma guerra nuclear e à impossibilidade de obter uma vitória numa tal guerra. Em 1981, Brezhnev afirmou que *"o equilíbrio estratégico-militar entre a URSS e os EUA, entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia, servia objectivamente a manutenção da paz no planeta"*.

O reconhecimento da dissuasão pelo poder soviético teve como resultado a inércia de nada fazer em matéria de modernização dos armamentos convencionais e, portanto, indirectamente, em reformar o conjunto da economia soviética. Mas os dados estratégicos modificaram-se consideravelmente a partir de 1983, após o lançamento da SDI.⁵³

Na década de 80's, tinha surgido uma nova geração de burocratas soviéticos, ansiosos por salvar o sistema comunista da estagnação, da corrupção e da hiper-extensão imperial (por demais evidente na campanha militar desastrosa no Afeganistão). O nome mais sonante dessa geração foi Mikhail Gorbachev. Ao declarar que "nenhum país detém o monopólio da verdade", assinalou o fim da "doutrina Brezhnev" como o princípio geopolítico orientador das relações entre a URSS e os regimes comunistas da Europa Oriental.⁵⁴

A sua chegada ao poder, em 1985, apressou a mudança das atitudes. Para os líderes ocidentais, a vontade soviética de renunciar à "Doutrina Brezhnev" e de desistir da "luta anti-imperialista" no Terceiro Mundo, eram sinais evidentes de que a "perestroika" era um facto real.

Quando o comunismo soviético entrou em colapso, Gorbachev e os seus sucessores lideravam um Estado suficientemente poderoso para controlar um povo ainda amedrontado, mas demasiado fraco

para administrar uma economia aberta. A evolução que se tem verificado na Rússia, sobre os escombros do regime comunista, é um processo em que as transformações políticas e económicas têm acontecido simultaneamente, mas com primazia para as políticas, tornando-o assim ainda mais difícil. A realidade é que não existe cultura democrática na Rússia. Há muitos séculos que é um Estado imperial, muito antes de ser comunista. Este facto é fundamental para se poder analisar com rigor a sua possível evolução.

6. O “Novo” Eurasianismo

O que irá ser a Rússia? Um Estado-Nação ou um império multinacional? Zbigniew Brzezinski afirma que *“a Rússia será um império ou um estado democrático, mas nunca ambos ao mesmo tempo”*.⁵⁵

A evolução da orientação geopolítica da Rússia liga-se à busca de uma identidade pós-soviética e ao seu lugar no mundo após o colapso do comunismo.

Em grandes linhas, existem duas aproximações quanto às opções geopolíticas da Rússia: os internacionalistas liberais ou “ocidentalizadores” e os eurasianistas. Os primeiros (Gorbatchev, Kozyrev, Yeltsin, Trenin, etc.) crêem que os valores ocidentais do pluralismo e da democracia são universais e aplicáveis à Rússia. Os segundos (Dugin, Zhirinovskiy, Zyuganov, Solzhenitsyn, etc.) têm linhas ideológicas nacionalistas e patrióticas que acreditam que, devido às particularidades geográficas, históricas, culturais e mesmo psicológicas, a Rússia não pode ser classificada como Ocidental ou Oriental, sendo um Estado forte e dominante na Eurásia. O Eurasianismo conseguiu reconciliar filosofias muitas vezes contraditórias como o comunismo, a religião ortodoxa e o fundamentalismo nacionalista, conquistando adeptos ao longo de todo o espectro político.

Contra o “Atlantismo”, personificando o primado do individualismo, liberalismo económico e democracia protestante - representado primariamente pelo bloco anglo-saxónico - ergue-se o “Eurasianismo”, personificando princípios de autoritarismo, hierarquia e o estabelecimento de um comunitarismo, sobrepondo-se às preocupações de índole individualista e económica.⁵⁶

O Partido Eurasianista foi fundado por Alexander Dugin em Maio de 2002, supostamente com apoio organizacional e financeiro do Presidente Putin que, desde que assumiu a presidência da Rússia, em Dezembro de 1999, alterou o rumo da política externa de Moscovo. De facto, o Eurasianismo, essa obscura e velha moldura geopolítica e ideológica, ganhou rapidamente importância, emergiu como uma força maioritária nos meios da política externa russa e,

mais significativo ainda, é cada vez mais evidente na conduta daquela política pelo Presidente. Grande parte deste novo alento do Eurasianismo deve-se a Dugin, seu principal ideólogo. Apesar do seu passado obscuro (antigo membro dum organização radical anti-semita e, posteriormente, da Revolução Conservadora racista, Dugin é hoje considerado o principal geopolítico russo e é conselheiro de assuntos internacionais de várias figuras proeminentes da Duma. As suas ideias têm influenciado o líder do Partido Comunista, Gennady Zyuganov, o ex-ministro da defesa Yevgeny Primakov, Vladimir Zhirinovskiy e outros altos dignatários.

Dugin analisou com profundidade e atenção os trabalhos de Trubetskoy, Savitsky e Florovsky, adaptou as teorias tradicionais de Mahan e Mackinder e postulou uma luta pelo domínio internacional entre as potências terrestres - personificadas na Rússia - e as potências marítimas - principalmente os EUA e o Reino Unido. Como resultado, Dugin crê que os interesses estratégicos da Rússia devem ser orientados de um modo anti-ocidental e para a criação de um espaço Eurasiático de domínio russo. Por outras palavras, a Rússia não poderá subsistir fora da sua essência imperial, pela sua localização geográfica e caminho histórico.⁵⁷ A Rússia é uma civilização distinta, diferente do Ocidente nos seus valores culturais, bem como nos interesses e preocupações de segurança.

A ideia de Mackinder sobre a oposição geopolítica entre potências marítimas e terrestres, foi levada ao extremo por Dugin, que postulou que os dois mundos não são apenas regidos por imperativos geoestratégicos antagónicos, mas também são opostos culturalmente. As sociedades terrestres, teoriza ele, tendem normalmente a ter sistemas de valores e tradições absolutas e centralizadoras, enquanto que as sociedades marítimas são inerentemente liberais.

Muitos intelectuais russos que um dia pensaram que a vitória da sua pátria seria um resultado inevitável da história, colocam agora a sua esperança em ver regressar a Rússia à grandeza numa teoria que é, em muitos aspectos, o oposto do materialismo dialéctico. A vitória será encontrada na geografia, não na história; no espaço, não no tempo.⁵⁸

"O novo império eurasiático será construído no princípio fundamental do inimigo comum: a rejeição do 'Atlantismo', controlo estratégico dos EUA e na recusa em aceitar valores liberais para nos dominar. Este impulso civilizacional comum será a base de uma união política e estratégica". Dada a presente situação internacional pouco influente da Rússia, Dugin reforça a necessidade de construir alianças que sirvam para aumentar o domínio político e económico. Assim, põe ênfase num eixo Moscovo-Teerão e na criação de uma zona de influência iraniana no Médio Oriente. Na Europa, advoga um eixo Moscovo-Berlim, que vê como essencial para a criação de um "cordão sanitário" contra a influência ocidental no antigo bloco soviético.⁵⁹

Por outro lado, o Eurasianismo opõe-se também ao “wahabismo satânico”, que ameaça e põe em risco a sua fronteira Sul, aquilo a que W. Churchill chamou “o baixo-ventre da Rússia”, para onde se dirigem as suas actuais aspirações de hegemonia.⁶⁰

No respeitante à política externa, o Eurasianismo defende que o caminho que o Ocidente tomou é destrutivo; a sua civilização é espiritualmente vazia, falsa e monstruosa; por detrás da prosperidade económica, está uma degradação espiritual total. Os EUA exploraram a mágoa pelos ataques terroristas de 11 de Setembro, e sob a capa da luta contra o terrorismo, para fortalecer as suas posições na Ásia Central, zona de influência russa. A Europa, apesar de ser cultural, social e politicamente chegada aos EUA, tem preocupações geopolíticas, geoestratégicas e económicas semelhantes à Rússia e à Eurásia.

Quanto à política interna, pretende reforçar a unidade estratégica da Rússia, a sua homogeneidade geopolítica e a linha vertical de autoridade, reduzir a influência dos clãs oligárquicos, combater o separatismo e o extremismo, e apoiar a economia nacional.⁶¹

O que torna Dugin notório e preocupante é que o seu pensamento faz lembrar, em certos aspectos, Hitler: fala sobre capitalismo, baseado numa combinação de nacionalismo e socialismo. As suas teorias foram banidas durante a época soviética pelas suas ligações ao Nazismo, mas são hoje aceites sem relutância pelo Partido Comunista.⁶²

O colapso da URSS e o fim da Guerra fria levou a uma alteração dramática na configuração da geopolítica da Eurásia. Uma das consequências mais importantes dessa alteração foi a aparição de novas repúblicas independentes na Ásia Central, ao longo da fronteira Sul da Rússia: Cazaquistão, Quirguizistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão na Ásia Central; Arménia, Azerbaijão e Geórgia no Cáucaso.

Dada a posição geoestratégica da região, uma área de ligação natural e de trânsito entre a Europa, o Médio Oriente e a Ásia, ela constitui um elo importante de comércio. Ao mesmo tempo, os enormes recursos petrolíferos e de gás natural da região, transformaram-na num local de enorme competição/cooperação.

As determinantes fundamentais da postura russa presentemente, tão evidentes na governação do Presidente Putin, são o declínio acentuado do seu poder nacional na primeira metade da década de 90's, a enorme prioridade dos problemas económicos e sociais internos, especialmente durante a presidência de Yeltsin, o conflito na Tchetchénia, o alargamento da OTAN, e o grande retraimento das suas aspirações externas, juntamente com o fim da “missão de grande potência”, e a prudente avaliação dos “objectivos/capacidades” e dos “custos/benefícios”.⁶³

Estas considerações são fundamentais na posição da Rússia face à Ásia Central. A Rússia sempre considerou a região como o seu "quintal" estratégico, mas não teve os recursos políticos, económicos e militares para manter a sua influência na década que se seguiu ao colapso da URSS. De qualquer modo, a Rússia espera manter a sua influência na Ásia Central. A limitada definição dos seus requisitos de segurança leva a Rússia a ver aquela região como uma "zona tampão" ("buffer zone"), em especial das forças do revivalismo islâmico.⁶⁴

A doutrina consensual da "vizinhança próxima" define que a Rússia quer manter um papel político, económico e estratégico preponderante naquelas ex-repúblicas da URSS, legitimando uma intervenção militar, se necessário. Contudo, a incapacidade da Rússia implementar as necessárias reformas nas suas Forças Armadas e na sua economia, em conjunto com a hostilidade com que a sua presença é vista, limita as suas possibilidades de cooperação e faz diminuir a sua influência, em especial no Cáucaso, em detrimento dos EUA. A Rússia vê assim a sua posição na região ameaçada pela expansão militar americana e da OTAN, bem como pelos seus próprios problemas internos (a guerra na Tchetchénia fez com que as relações com a Geórgia, a quem acusa abertamente de abrigar terroristas tchetchenos, se deteriorasse muito). Para contrabalançar esta situação, propôs uma cooperação triangular com a China e com a Índia através da Organização de Cooperação de Xangai (com Cazaquistão, Quirguizistão e Tadjiquistão) e estabeleceu uma relação privilegiada com o Irão.

Feng Shaolei afirma que durante a primeira fase do período pós-guerra-fria (1991-1993), o vácuo geopolítico criado deveu-se à política russa para a região. Fazendo um esforço enorme para ter relações mais estreitas com os EUA e o Ocidente, a Rússia desperdiçou muitas oportunidades de preservar a sua influência na Ásia Central, e alcançar a integração económica, política e militar, pois a maioria dos líderes da região eram antigos colegas de Boris Yeltsin no Comité Central do Partido Comunista ou tinham obtido as suas posições com a sua ajuda. Mesmo assim, apesar desta política oficial, a Rússia manteve grande influência.

Na fase seguinte, de 1994 a 1996, a Rússia perdeu o controlo sobre os acontecimentos. As ex-repúblicas da Ásia Central evoluíram de proto-estados para estados plenos, com os respectivos atributos.

Uma terceira fase da política russa para a Ásia Central começou na segunda metade de 1996, quando a orientação pró-ocidental do Ministro dos Negócios Estrangeiros Andrei Kozyrev deu lugar à orientação eurasianista de Yevgenyi Primakov. A Rússia fez então esforços titânicos para restaurar a sua influência e teve um papel importante no problema dos oleodutos e gasodutos da região.

A política russa para esta região não se alterou radicalmente até 1999/2000, quando as relações com o Ocidente caíram para o nível mais baixo, em virtude da crise do Kosovo, dos ataques extremistas no Quirguizistão e no Uzbequistão e, especialmente, da ascensão de Vladimir Putin à presidência.

Entretanto, reforçava o seu controlo sobre os oleodutos e gasodutos, utilizando por vezes esse controlo como um mecanismo para controlar os Estados da região.⁶⁵

A resposta dos EUA aos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, fez alterar a geopolítica global. Segundo D. Trenin, a política externa seguida por Putin a partir dessa data caracterizou-se por uma inflexão nas suas escolhas estratégicas, dando a sua concordância à colocação de forças americanas em antigas bases soviéticas na Ásia Central, e apoiando o Ocidente na sua "guerra contra o terrorismo internacional".⁶⁶ No pensamento de Putin, a versão extremista do Islão é uma das maiores ameaças para a Rússia.

Apesar disto, nos seus esforços para manter os EUA longe da região do Cáspio, o Irão encontrou um aliado inesperado na Rússia. Ambos puseram temporariamente as suas divergências de lado, para fazer frente às actividades americanas na área. A aliança russo-iraniana pode aliás considerar-se um dos mais importantes factos geopolíticos do pós-guerra-fria. Para a Rússia, uma relação estreita com o Irão pode considerar-se como uma reacção à expansão da OTAN para a Europa Oriental. O fornecimento de material militar convencional e de tecnologia nuclear russa ao Irão é um dos aspectos fulcrais desta aliança, já que muito poucos países estão interessados em fornecer armas ao regime dos "ayatollahs". O Irão confia na Rússia como fornecedor de armamento, dado não existirem muitos países que o queiram fazer; a Rússia também vê vantagens e lucros no fornecimento de armamento, nuclear inclusive, ao Irão.

A possível influência iraniana no fundamentalismo islâmico, na opinião pública russa, é bastante limitada e claramente exagerada pelos políticos ocidentais. Em primeiro lugar, os iranianos são etnicamente Indo-Arianos e, portanto, bastante diferentes de outras etnias da região Sul da ex-URSS, que são de origem turca ou caucasiana, à excepção dos Tadjiques. Em segundo lugar, o Irão pertence à facção Shiita do Islão, ao passo que a maioria da população muçulmana da Ásia Central (à excepção do Azerbaijão) é Sunita. Em terceiro lugar, as elites locais não pretendem adoptar a forma de governo teocrática imposta no Irão. Em quarto lugar, o Irão não está economicamente em posição de iniciar uma modernização estrutural na Ásia Central e no Cáucaso, apesar de possuir divisas dos petro-dólares.

Muitos políticos e peritos russos estão bastante mais alarmados com a Turquia, devido à sua proximidade geográfica, cultural, étnica

e religiosa à maioria das ex-repúblicas soviéticas, bem como o seu potencial económico e apoio político ocidental. Além disso, o modelo secular de desenvolvimento turco pode atrair os regimes da Ásia Central que procuram exemplos para seguir.⁶⁷

7. O Petróleo

Sabia-se da existência de petróleo no Cáucaso e na Ásia Central desde o século XIII e foi factor importante no “Grande Jogo” do século XIX. No final deste século, com as capacidades tecnológicas aumentadas, a exploração das reservas petrolíferas emergiram como um factor primordial na competição, e o Jogo intensificou-se.

Até ao início do século XX, a principal actividade económica da Ásia Central estava ligada ao algodão, ao curtimento de couro, ao processamento da lã e à fição da seda. Durante a 1.^a Guerra Mundial, os alemães tentaram conquistar a região petrolífera de Baku, na margem ocidental do Mar Cáspio, para continuar a alimentar o esforço de guerra, o que não conseguiram. Na 2.^a Guerra Mundial, Hitler parece ter tido a mesma determinação, estando consciente em 1942 que, se falhasse o controlo do petróleo do Cáucaso, perderia a guerra.⁶⁸

A data crítica para o petróleo deu-se em 1912, quando a Marinha Inglesa decidiu converter a propulsão dos navios de combate do carvão para o petróleo. Esta transição deu aos navios britânicos uma vantagem significativa em velocidade e autonomia sobre os seus adversários, em especial a Alemanha. Mas, por outro lado, colocou a Londres um outro dilema: se bem que bastante rica em carvão, a Grã-Bretanha tinha poucos recursos petrolíferos domésticos e ficava dependente de importações.

Expandiu os seus interesses petrolíferos ao Golfo Pérsico e fortaleceu a sua posição na Pérsia (hoje Irão). A França, por seu turno, conseguiu concessões importantes em Mosul, no Noroeste do Iraque, enquanto a Alemanha e o Japão planeavam abastecer-se na Roménia e nas Índias Orientais Holandesas (hoje Indonésia). A tentativa japonesa de se abastecer nas Índias Orientais Holandesas levou à imposição de um embargo de exportações para o Japão o que, por seu turno, persuadiu os japoneses que uma guerra com os EUA era inevitável, levando-os ao ataque de surpresa a Pearl Harbor. No teatro europeu, a desesperada necessidade da Alemanha em obter petróleo, levou à invasão da Rússia em 1941, para alcançar Baku.

A riqueza mineral da Ásia Central só foi, na realidade, apenas descoberta a partir de meados do século XX pois, até aí, estava restrita à margem ocidental do Mar Cáspio, junto ao Cáucaso.⁶⁹

As reservas de petróleo e de gás natural da região do Mar Cáspio são sem dúvida significativas. Nos cinco países que circundam aquele mar (Azerbaijão, Cazaquistão, Irão, Rússia e Turcomenistão) estão comprovados cerca de 154x10⁹ de barris de petróleo⁷⁰ e cerca de 76,5x10¹² de metros cúbicos de gás natural. Em termos de percentagem, aqueles cinco países possuem cerca de 15% das reservas mundiais comprovadas de petróleo, e cerca de 50% das de gás natural.⁷¹

Estes vastos recursos energéticos transformaram a região numa área de grande competição e de cooperação, entre actores estatais e não-estatais, pelo controlo daqueles recursos. O fim da "guerra-fria", o processo de globalização e a internacionalização das actividades do Estado como consequência principal daquela, transformaram o modo como o mundo pode ser compreendido, levando a uma reformulação do conceito de geopolítica. Este contexto "pós-guerra-fria" é pertinente para compreender a actual geopolítica da Ásia Central.⁷² Novos Estados, sem experiência anterior de independência, numa região onde a dissolução da URSS criou um vazio de poder.⁷³ De facto, a conquista da soberania alcançada pelas ex-repúblicas soviéticas não foi apoiada e baseada em regras, normas e mecanismos políticos apropriados que assegurem uma coabitação civilizada entre a Rússia e os novos estados.

8. O Futuro

As orientações políticas russas emergentes ligam-se à busca de uma identidade nacional renovada e do seu lugar no mundo e nos assuntos internacionais, após o colapso soviético. Daí o ressurgimento de um discurso Eurasianista na política externa, após a chegada de Putin à presidência. Esta alteração foi posteriormente acentuada com as alterações geopolíticas introduzidas pela administração Bush como resposta aos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001. Parece óbvio que a Rússia fez uma "escolha estratégica" ao emparceirar com o Ocidente na "guerra contra o terrorismo internacional".

As maiores preocupações da Rússia dizem respeito ao controlo das rotas de exportação dos recursos energéticos. O maior objectivo de Moscovo é assegurar que uma parte significativa dos recursos energéticos do Cáspio seja transportada pelo sistema russo de oleodutos para o Mar Negro e, daí, para a Europa. Porém, o sistema existente de oleodutos e gasodutos da era soviética é considerado como obsoleto, feitos com materiais de qualidade duvidosa e com manutenção de má qualidade técnica, que se estão a deteriorar com o tempo. As novas repúblicas procuraram por isso outras opções para se distanciar e não depender da Rússia, e serem capazes de alcançar mercados diversificados.

Para tentar manter a sua influência nas exportações dos produtos energéticos, a Rússia apoia apenas oleodutos que passem através do seu território.⁷⁴ Todavia, as tentativas russas para retardar os projectos de desenvolvimento liderados por outras potências, levaram ao estudo de rotas alternativas para levar os recursos até aos mercados, prejudicando a posição da Rússia como potência dominante na região e fazendo-a perder o controlo sobre os recursos energéticos da região e do seu transporte.⁷⁵

Para a Rússia, os alvos geopolíticos primários para a subordinação política parecem ser o Cazaquistão e o Azerbaijão. A subordinação deste último ajudaria a "selar" a Ásia Central do Ocidente, especialmente da Turquia. O Azerbaijão, encorajado pela Turquia e pelos EUA, rejeitou os pedidos russos para a manutenção de bases militares no seu território e desafiou também as exigências daquele país para um único oleoduto com terminal no porto russo de Novorossiysk, no Mar Negro. A acrescentar ao oleoduto de Baku para Supsa, na Geórgia, a Turquia, o Azerbaijão e a Geórgia assinaram em 1999 um acordo para a construção de um oleoduto ligando Baku ao porto turco de Ceyhan, no Mediterrâneo, evitando assim definitivamente o território russo. Moscovo sentiu isso como uma humilhação geopolítica que prenunciava uma grave perda de influência no Cáucaso.⁷⁶ É neste contexto que se encontra a explicação mais plausível para os recentes problemas de fornecimento de gás natural à Geórgia e para o diferendo com a Ucrânia sobre o mesmo combustível.

A vulnerabilidade étnica do Cazaquistão (cerca de 40% da população é russa) torna quase impossível uma confrontação aberta com Moscovo, que pode também explorar o receio do Cazaquistão sobre o crescente dinamismo da China. Para tentar diminuir as iniciativas unilaterais de desenvolvimento das novas repúblicas, nomeadamente as duas referidas atrás, tem utilizado também a incerteza quanto ao regime legal do Mar Cáspio, ainda por acordar.

Ao bloquear ou atrasar novos projectos de oleodutos, a Rússia conseguiu vencer praticamente todos os negócios energéticos, com investimentos pequenos. Porém, o actual sistema de oleodutos não possui a capacidade para o aumento de produção que se prevê para o Cazaquistão e para o Azerbaijão e, se tiverem de construir mais, a Rússia gostaria que passassem por território seu.⁷⁷

A Tchetchénia era uma região autónoma gozando já de uma larga autonomia, quando declarou unilateralmente a sua independência em 1994. A Rússia decidiu resolver o assunto pela força por duas razões principais: em primeiro lugar porque, se a Tchetchénia fosse autorizada a sair da Federação Russa, seria um perigoso precedente que outras repúblicas predominantemente islâmicas do Norte do Cáucaso (Tcherkessia, Dagestão, Kabardin-Balkar, etc.) poderiam querer seguir; em segundo lugar, a Tchetchénia é um ponto nevrálgico na rede de oleodutos vindos do Cáspio.

Se a materialização dos planos do oleoduto para Oeste falhar, todo o petróleo do Azerbaijão irá continuar a ser transportado pelo único oleoduto existente para o mar Negro, e esse atravessa a Tchetchénia. Se a Rússia quiser lucrar com o aumento de produção no Azerbaijão, tem de manter o controlo da república a todo o custo. Grozny, capital da Tchetchénia, é o centro de uma importante rede de oleodutos que liga a Sibéria, o Cazaquistão, o Cáspio e Novorossiysk.⁷⁸

Outra ameaça séria à Rússia é o trânsito, importação e consumo de droga. De acordo com estimativas da ONU, dois ou três toneladas de heroína pura são transportadas anualmente da Ásia Central. Apenas há seis ou sete anos, a Rússia era principalmente um país de passagem no fornecimento de droga à Europa. Actualmente, é já um consumidor importante.⁷⁹

Neste contexto, as prioridades de Putin parecem ser: a recuperação da economia russa; a restauração da Rússia enquanto grande potência; combater o fundamentalismo islâmico; controlar e eliminar as rotas do tráfico de estupefacientes; estabelecer um novo relacionamento de segurança com a Europa e com a OTAN; e resolver a questão nuclear estratégica com os EUA.

No plano político, a Rússia tentou avançar primeiro e rapidamente para a reforma política e chegou a um presidencialismo "inflacionado", reduzindo os poderes das outras instituições governativas.

No plano económico, a Rússia não aprendeu as duas lições fundamentais que se podem extrair da experiência histórica da evolução da democracia: promover um desenvolvimento económico autêntico e sustentado e construir instituições políticas transparentes e equilibradas. A Rússia falhou em ambos os aspectos. Está a fazer o contrário da China, que está a reformar a sua economia antes do sistema político.⁸⁰

No âmbito da política de segurança, o fundamentalismo islâmico constitui a maior preocupação da Rússia. Os líderes russos consideram os "talibans" do Afeganistão e movimentos similares como ameaças ao Cáucaso e às recém-independentes repúblicas da Ásia Central, antigas repúblicas soviéticas e ainda regiões de grande relevância para a segurança da Rússia.

Estas preocupações levaram Putin a tratar os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 como uma oportunidade para cooperar com o Ocidente relativamente ao desafio fundamentalista que, de qualquer modo, sentia já estar no seu caminho.⁸¹ Após aquele evento, a Rússia começou a ajudar os EUA no problema afegão, passando toda a informação que possuía sobre terroristas islâmicos e a sua experiência no montanhoso país. Pela primeira vez desde o início da 2.ª Guerra Mundial, ambos os países tinham um inimigo comum! A Rússia concordou mesmo com a presença de tropas

americanas no Uzbequistão e no Quirguizistão, porque Washington não conseguiu arranjar uma infra-estrutura militar no Paquistão.⁸²

Por outro lado, todavia, não hesitou em entrar em conflito com a Ucrânia, ameaçando cortar o fornecimento de gás natural, facto que não deixa de conter dois alertas: a afirmação de que não prescinde de continuar a manter a Ucrânia na sua esfera de influência, e um sério aviso à UE, face à profunda dependência energética desta.

Porém, para a Rússia, a política internacional ainda é um "jogo de soma zero": se houver vencedores, tem de haver vencidos.

As elites ocidentais têm ultimamente empreendido uma intensa campanha na opinião pública contra Putin, desde que ele nacionalizou a Yukos Oil - após a declaração de falência desta em 2006 - e a colocou sob o controlo da Gazprom (empresa controlada pelo Estado, que detém 51% das acções), que se está a tornar numa das maiores empresas petrolíferas do mundo.

Esta medida deu-lhe grande popularidade interna (mais de 70% de concordância com a decisão) e teve um efeito benéfico na estabilização do rublo e no aumento do nível de vida. Muitos russos recordam ainda as experiências falhadas de "mercado livre" de Yeltsin, que desbarataram a riqueza nacional e que contribuíram bastante para o declínio económico e para a perda de prestígio internacional da Rússia.

Putin está a abrir os mercados russos e a procurar satisfazer as grandes empresas petrolíferas, fazendo, ao mesmo tempo, crescer a economia russa. Crê que "a dependência mútua fortalece a segurança energética do continente europeu, criando boas perspectivas para a aproximação noutras áreas".

O Ocidente tem criticado Putin por ter utilizado o petróleo e o gás natural para enviar "mensagens" à Geórgia e à Ucrânia. O vice-presidente americano, Dick Cheney, chamou-lhe mesmo "chantagem". De qualquer modo, não é sensato irritar o homem que aquece as nossas casas e que abastece os nossos carros.

Tem razão, mas não estará a ser um pouco ingénuo? Várias civilizações têm sido trituradas para satisfazer a gula e a cobiça mundiais pelo petróleo. Poderá a Rússia ser poupada?⁸³

Por seu lado, a Rússia tem-se oposto tenazmente à política externa dos EUA, em assuntos que vão do Irão ao Sudão, ao Kosovo e à Coreia do Norte. Putin tem declarado que pretende um número multipolar, em vez de um unipolar. Contudo, nem a Coreia do Norte, nem o Sudão, nem o Irão têm importância estratégica fundamental para a Rússia; servem apenas para que possa ter uma voz de oposição oficial à política externa intervencionista americana. O objectivo de longo prazo é reestabelecer a influência internacional da Rússia.

A Cimeira UE-Rússia, realizada em Outubro de 2007 em Lisboa, veio desbloquear alguns problemas existentes, tais como garantias quanto ao abastecimento energético à Europa e o levantamento do embargo da Rússia sobre carne e frescos da UE, nomeadamente da Polónia.

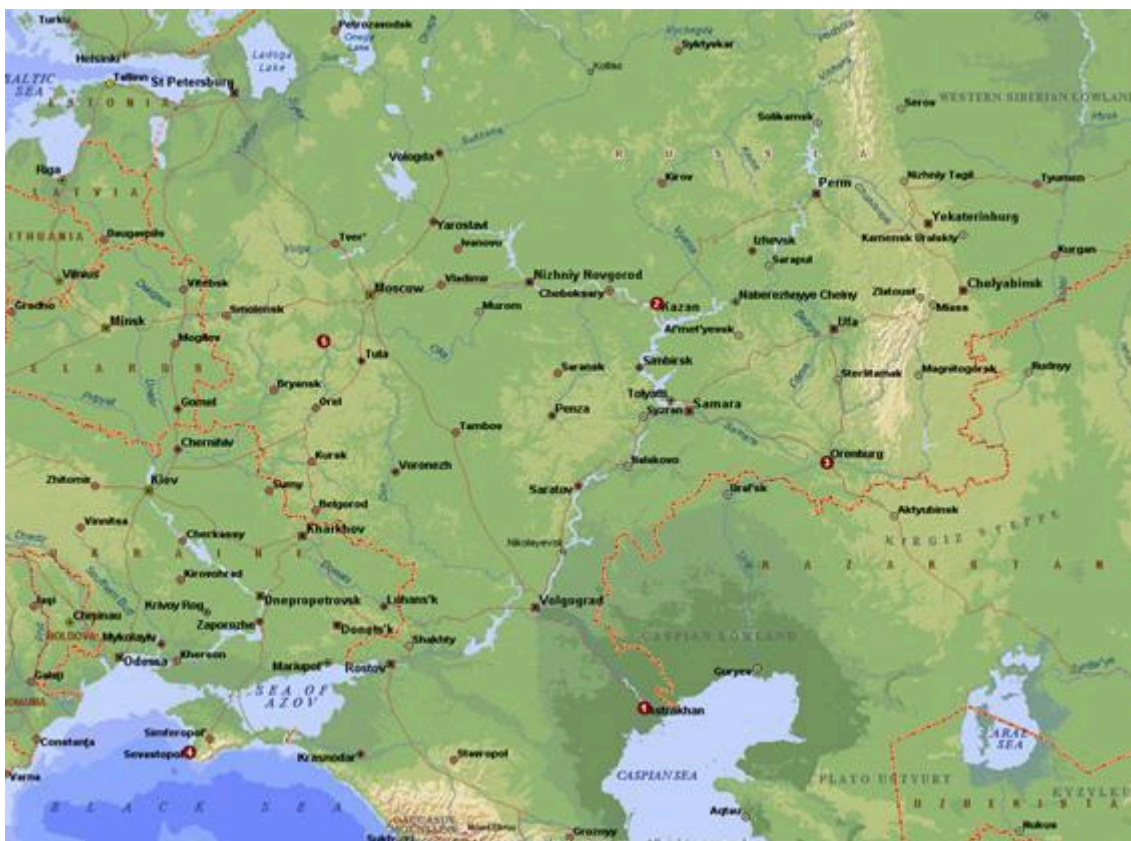


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

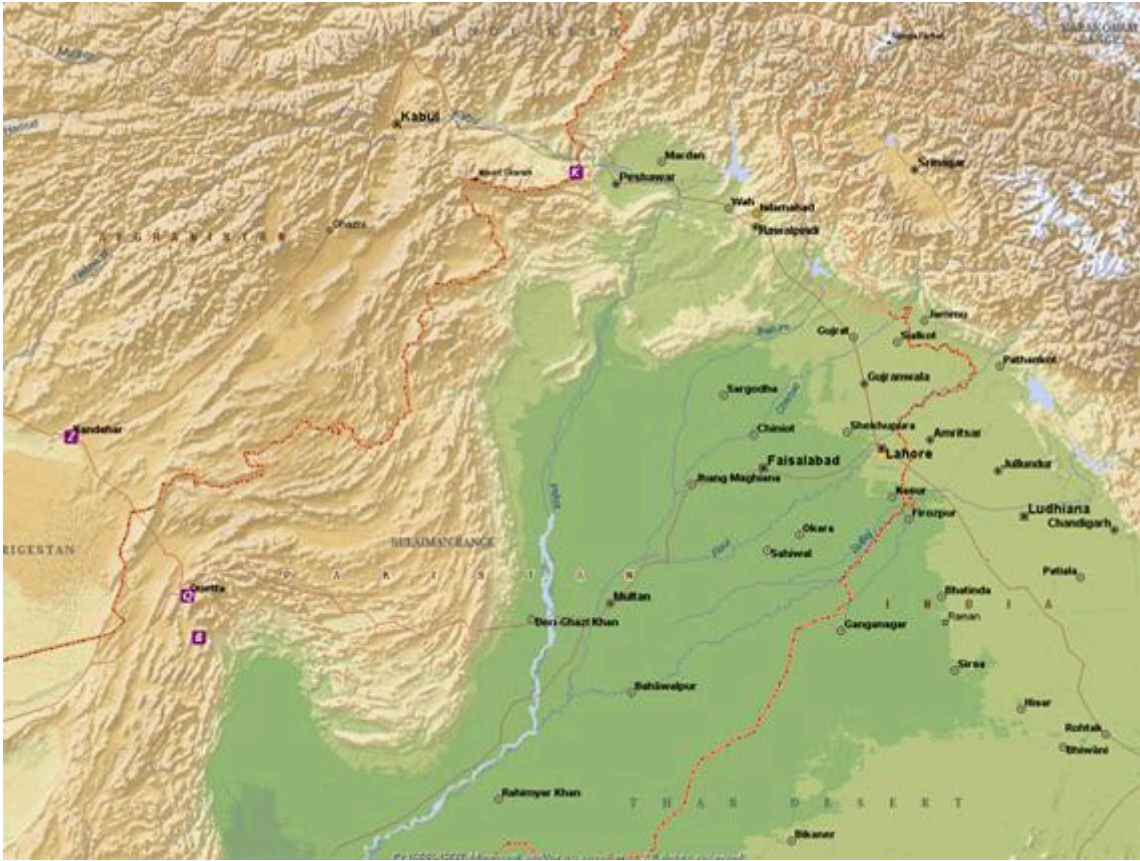


Fig. 4

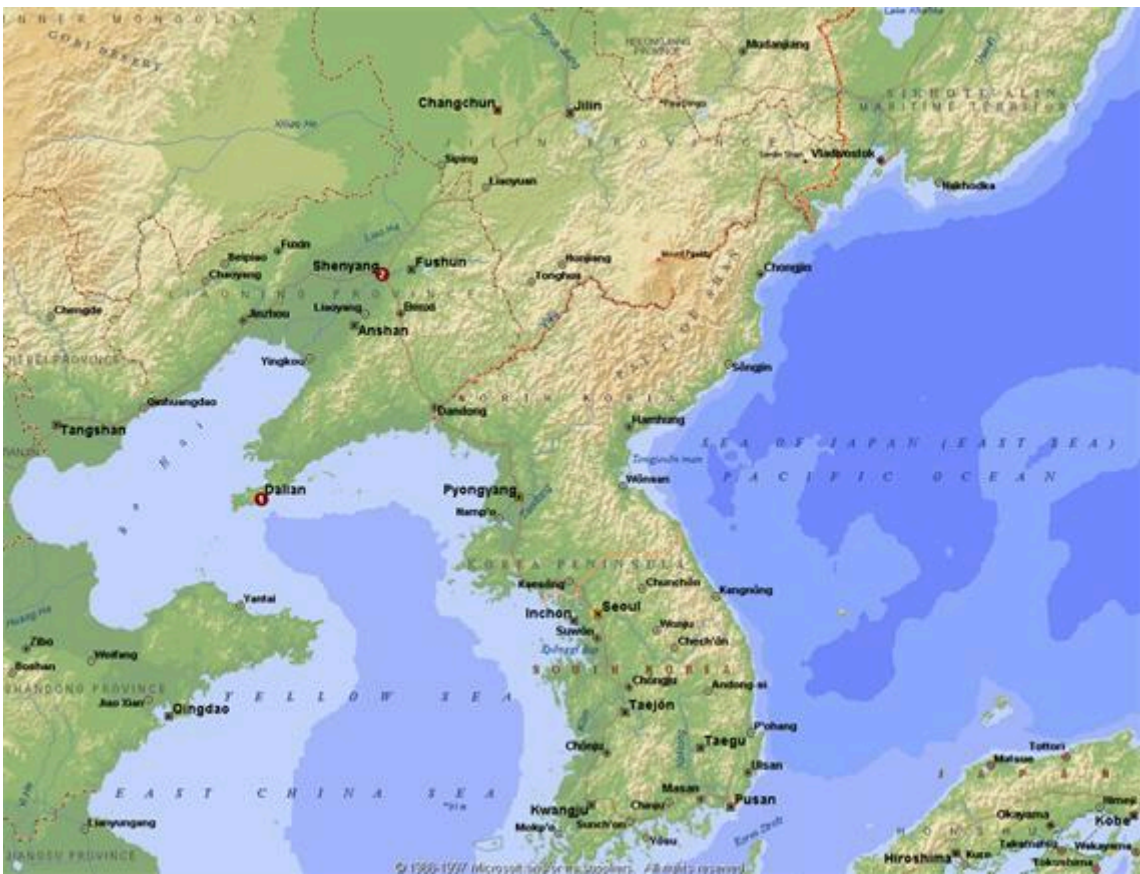


Fig. 5



Fig. 6

Bibliografia

- AGNEW, John** - "Geopolitics - Re-visioning world politics", Routledge, London, 1997.
- AMINEH, Mehdi Parvizi** - "Globalization, geopolitics and energy security in Central Asia and the Caspian region", CEP, The Hague, 2003.
- BRZEZINSKI, Zbigniew** - "The grand chessboard", Basic Books, New York, 1997.
- CANAS, Vitalino** - "Segurança e droga no Afeganistão: Chegou a altura de novas alternativas", em "Segurança e Defesa", n.º 1, Diário de Bordo, Novembro de 2006.
- CLOVER, Charles** - www.geocities.com/eurasia_uk/heartland.html
- DAVIS, Elizabeth Van Wie & AZIZIAN, Rouben** (editores) - "Islam, oil and geopolitics", Rowman & Littlefield, Plymouth, 2007.
- DUGIN, Alexander** - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20I.htm
- DUGIN, Alexander** - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20II.htm
- FORSYTHE, Rosemarie** - "The geopolitics of oil in the Caucasus and Central Asia: Prospects for oil exploitation and export in the Caspian basin", Adelphi Paper 300, IISS, Oxford University Press, 1996.
- HAHN, GORDON M.** - "The rebirth of Eurasianism", 12Jul2002, em www.therussiajournal.com/index.htm?obj=6041

HANSEN, Sander - «Pipeline politics - The struggle for control of the Eurasian energy resources», Clingendael Institute, The Hague, 2003

HOPKINS, Peter - "The great game - The struggle for empire in Central Asia", Kodansha International, New York, 1990.

ILAN BERMAN - "Slouching toward Eurasia?", Outubro de 2001, em www.bu.edu/iscip/vol12/berman.html

KENNAN, George - "The sources of soviet conduct", em "Foreign Affairs" n.º 25, 1947.

KLARE, Michael T. - "Resource wars - The new landscape of global conflict", Owl Books, New York, 2001.

KLEVEMAN, Lutz, "The new great game: Blood and oil in Central Asia", Atlantic Monthly Press, New York, 2003.

KLEVEMAN, Lutz, "The new great game: Blood and oil in Central Asia", Atlantic Monthly Press, New York, 2003.

MARKETOS, Thrassy - "Eurasianist theory: Consequences to the strategic security of the russian muslim South", em www.cacianalyst.org/view_article.php?articleId=3281

MOREAU-DEFARGES, Philippe - "Introdução à Geopolítica", Gradiva, Lisboa, 2003.

O'LOUGHLIN, John; O'TUATHAIL, Gearóig; e KOLOSSOV, Vladimir - "Russian geopolitical culture and public opinion: The masks of Proteus revisited", em www.colorado.edu/ibs/PEC/johno/pub/Proteus.pdf

O'TUATHAIL, Gearóid; DALBY, Simon & ROUTLEDGE, Paul (editores) - "The geopolitics reader", Routledge, London, 1998.

RAMONET, Ignácio - "Guerras do século XXI - Novos medos, novas ameaças", Campo das Letras, Porto, 2002.

REIS RODRIGUES, Alexandre - "Energia: Uma questão candente de segurança", em "Segurança e Defesa", n.º 1, Diário de Bordo, Novembro de 2006.

SMITH, Graham - "The post-soviet states: Mapping the politics of transition", Edward Arnold, London, 1999.

SMITH, Graham - "The masks of Proteus: Russia, geopolitical shift and the new Eurasianism", Transactions, Institute of British Geographers, 1999.

TOSTE, Octávio - "Teorias Geopolíticas", Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1993.

TRUBETSKOY, Nikolai - "Pan-Eurasian Nationalisms", Ann Arbor, 1991.

WHITNEY, Mike - "Energy politics: Putin gets mugged in Finland", "Global Research", October 22, 2006.
http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Dugin
http://en.wikipedia.org/wiki/Eurasia_Party
<http://perspectivesonrussia.wordpress.com/2007/09/25/russian-geopolitics-of-2007>
www.globalresearch.ca/index.php?context=viewArticle&code=WHI20061022&articleId=3574
www.vor.ru/culture/culturarch235_eng.html
www.tellur.ru/~historia/archive/06-00/puskas.htm

* **Mestre em Estratégia pelo ISCSP.**

- 1 TOSTE, Octávio - "Teorias Geopolíticas", Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1993, p. 1.
- 2 O'TUATHAIL, Gearóid - "Thinking critically about geopolitics", em "The geopolitics reader", Routledge, London, 1998, pp. 9, 15.
- 3 TOSTE, Octávio - obra citada, p. 31.
- 4 O'TUATHAIL, Gearóid - obra citada, p. 1.
- 5 O'TUATHAIL, Gearóid & AGNEW, John - "Geopolitics and discourse: Practical geopolitical reasoning in american foreign policy", em "The geopolitics reader", p. 79.
- 6 AMINEH, Mehdi Parvizi - "Globalization, geopolitics and energy security in Central Asia and the Caspian region", CEP, The Hague, 2003, p. 29.
- 7 HOPKINS, Peter - "The great game - The struggle for empire in Central Asia", Kodansha International, New York, 1990, pp. 8-13.
- 8 KENNAN, George - "The sources of soviet conduct", em "Foreign Affairs" n.º 25, 1947, p. 576.
- 9 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 14-15.
- 10 TOSTE, Octávio - obra citada, p. 9.
- 11 HOPKINS, Peter - obra citada, p. 446.
- 12 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 19-33.
- 13 AGNEW, John - "Geopolitics - Re-visioning world politics", Routledge, London, 1997, pp. 87-93.
- 14 HOPKINS, Peter - obra citada, p. 118.
- 15 CANAS, Vitalino - "Segurança e droga no Afeganistão: Chegou a altura de novas alternativas", em "Segurança e Defesa", n.º 1, Diário de Bordo, Novembro de 2006, p. 41.
- 16 HOPKINS, Peter - obra citada, p. 131.
- 17 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 149-164.
- 18 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 168, 253, 270.
- 19 http://en.wikipedia.org/wiki/The_Great_Game, 2006-08-05.
- 20 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 281-292.
- 21 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 301-306.
- 22 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 312-317.
- 23 HOPKINS, Peter - obra citada, p. 409.
- 24 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 351-353.
- 25 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 377-381.
- 26 http://en.wikipedia.org/wiki/The_Great_Game, 2006-08-05.
- 27 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 388-389.
- 28 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 401-416.
- 29 http://en.wikipedia.org/wiki/The_Great_Game, 2006-08-05.
- 30 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 438-445.
- 31 MOREAU-DEFARGES, Philippe, "Introdução à Geopolítica", Gradiva, Lisboa, 2003, p. 107.
- 32 HOPKINS, Peter - obra citada, pp. 502-522.
- 33 FORSYTHE, Rosemarie - obra citada, pp. 9-10.
- 34 KLEVEMAN, "The new great game: Blood and oil in Central Asia", Atlantic Monthly Press, New York, 2003, p. 2.

- 35 HAHN, Gordon M. - "The rebirth of Eurasianism", 12Jul2002, em www.therussiajournal.com/index.htm?obj=6041, 2005-01-10.
- 36 HAHN, Gordon M. - obra citada.
- 37 BASSIN, Mark - "Classical Eurasianism and the geopolitics of russian identity", em www.dartmouth.edu/~crn/crn_papers/Bassin.pdf, 2005-01-10.
- 38 DUGIN, Alexander - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20I.htm, p. 7, 2005-01-10.
- 39 DUGIN, Alexander, obra citada, p. 4, 2005-01-10.
- 40 www.vor.ru/culture/cultarch235_eng.html, 2005-01-10.
- 41 BASSIN, Mark- obra citada, 2005-01-10.
- 42 Ibidem.
- 43 DUGIN, Alexander - obra citada, pp. 2-8, 2005-01-10.
- 44 A teoria do "dominó" (William Bullitt, 1947) postulava o medo do comunismo monolítico avançar no mundo através da China e da Ásia de Sudeste. Eisenhower defendeu-a, afirmando que a perda da Indochina causaria a queda da Ásia de Sudeste como as pedras de um jogo de dominó. Serviu como base teórica para a intervenção americana no Vietname.
- 45 O'TUATHAIL, Gearóid - "Cold War geopolitics - Introduction", em "The geopolitics reader", Routledge, Londres, 1998, pp. 52-53.
- 46 BREZHNEV, Leonid - "Soberania e a obrigação internacionalista dos países socialistas", Pravda, 1968, citado em "The geopolitics reader", pp. 74-75.
- 47 O'TUATHAIL, Gearóid - "Cold War geopolitics - Introduction", em "The geopolitics reader", Routledge, Londres, 1998, p. 47.
- 48 MOREAU-DEFARGES, Philippe - obra citada, pp.109-110.
- 49 ROMER, Jean-Christophe - "La pensée strategique russe au Xxe siècle", em www.stratisc.org/pub/pub_ROMER_STRU_tdm, 2005-01-10.
- 50 DUGIN, Alexander - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20II.htm, pp. 2-4, 2005-01-10.
- 51 ROMER, Jean-Christophe - obra citada, 2005-01-10.
- 52 DUGIN, Alexander - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20II.htm, pp. 7, 2005-01-10.
- 53 ROMER, Jean-Christophe - obra citada, 2005-01-17.
- 54 WALKER, M. - "The cold war: A history", Holt, New York, 1993, p. 290.
- 55 BRZEZINSKI, Zbigniew - "The premature partnership", em "Foreign Affairs", Vol. 73, n.º 2, JAN/FEV 1994, p. 72.
- 56 DUGIN, Alexander - "The great war of continents", em www.bolsheviks.org/DOCUMENTS/THE%20GREAT%20WAR%20I.htm, 2005-01-10.
- 57 BERMAN, Ilan - "Slouching toward Eurasia?", em www.bu.edu/iscip/vol12/berman.html, 2005-01-25.
- 58 CLOVER, Charles - "Dreams of the Eurasian heartland", em www.geocities.com/eurasia_uk/heartland.html, 2005-01-25.
- 59 BERMAN, Ilan - obra citada, 2005-01-25.

- 60 MARKETOS, Thrassy - "Eurasianist theory: Consequences to the strategic security of the russian muslim South", em www.cacianalyst.org/view_article.php?articleId=3281, 2007-01-26.
- 61 http://en.wikipedia.org/wiki/Eurasia_Party, 2007-01-27.
- 62 HAHN, Gordon M. - obra citada, 2005-01-25.
- 63 SHI Yinhong - "Great power politics in Central Asia today: A chinese assessment", em "Islam, oil and geopolitics", Rowman & Littlefield, Plymouth, 2007, p. 165.
- 64 DAVIS, Elizabeth Van Wie & AZIZIAN, Rouben - "Islam, oil and geopolitics in Central Asia after September 11", em "Islam, oil and geopolitics", p. 7.
- 65 FENG Shaolei - "Chinese-Russian relations: The Central Asia angle", em "Islam, oil and geopolitics", pp. 203-206.
- 66 TRENIN, Dimitri - "From pragmatism to strategic choice: Is Russia's security policy finally becoming realistic?", citado por O'LOUGHLIN, John, O'TUATHAIL, Gearóig & KOLOSSOV, Vladimir - "Russian geopolitical culture and public opinion: The masks of Proteus revisited", em www.colorado.edu/ibs/PEC/johno/pub/Proteus.pdf
- 67 LOUNEV, Sergey - "Russian-Indian relations in Central Asia", em "Islam, oil and geopolitics", p. 77.
- 68 FORSYTHE, Rosemarie - "The geopolitics of oil in the Caucasus and Central Asia: Prospects for oil exploitation and export in the Caspian basin", Adelphi Paper 300, IISS, Oxford University Press, 1996, pp. 9-10.
- 69 FORSYTHE, obra citada, p. 9.
- 70 Um barril de petróleo é equivalente a 159 litros, 42 galões americanos, ou 35 galões imperiais.
- 71 AMINEH, Mehdi Parvizi - obra citada, p. 1.
- 72 Ibidem
- 73 HANSEN, Sander - «Pipeline politics - The struggle for control of the Eurasian energy resources», Clingendael Institute, The Hague, 2003, p. 1.
- 74 AMINEH, Mehdi Parvizi - obra citada, pp. 74-81.
- 75 CUTLER, Robert - "Cooperative energy security in the Caspian region: A new paradigm for sustainable development?", em www.robertcutler.org/ar99gg3b.htm - 2005-01-25.
- 76 RAMONET, Ignacio - "Guerras do século XXI - Novos medos, novas ameaças", Campo das Letras, Porto, 2002, p. 127.
- 77 FORSYTHE, Rosemarie - obra citada pp. 13-17.
- 78 KLEVEMAN, Lutz - obra citada, pp. 53-57.
- 79 LOUNEV, Sergey - obra citada, p. 181.
- 80 ZAKARIA, Fareed - "O futuro da liberdade - A democracia iliberal nos Estados Unidos e no mundo", Gradiva, Lisboa, 2003, pp. 87-90.
- 81 KISSINGER, Henry - obra citada, p. 296.
- 82 LOUNEV, Sergey - obra citada, p. 183.
- 83 WHITNEY, Mike - "Energy geopolitics: Putin gets mugged in Finland", em "Global Research", October 22, 2006.

Rússia: A Sombra do Exército Vermelho



Mestre Carlos Alberto dos Santos Pereira*

Vasos de guerra russos e americanos fitam-se a curta distância nas águas do Mar Negro. Bombardeiros russos fazem jogos de guerra nos céus das Caraíbas. Enviados de Washington correm as capitais europeias pregando a unidade e a resistência à "agressão" russa...

Por um momento, nas semanas que se seguiram ao conflito russo-georgiano de Agosto de 2008, o Mundo pareceu regressar aos dias de tensão que marcaram quase meio século de confronto entre o Ocidente e a defunta URSS. O estigma da "guerra fria" assomou de novo às primeiras páginas dos *media* e aos discursos políticos.

Depois, imperativos de ordem económica e geopolítica ditaram uma progressiva normalização das relações entre a Rússia e o Ocidente. União Europeia e Rússia reatam as negociações com vista a uma parceria estratégica interrompidas desde o conflito da Geórgia. A NATO abre de novo as portas ao diálogo com Moscovo. "A Rússia é um factor tão importante em termos geopolíticos que a NATO não tem alternativa - disse Jaap De Hoop Scheffer, o secretário-geral da Aliança na cimeira ministerial de 2 e 3 de Dezembro de 2008.

A conjuntura internacional sofreu entretanto mudanças substanciais desde o verão de 2008. Barack Obama, o novo presidente dos EUA, terá pela frente prioridades mais prementes - a crise económica que assola a América e o Mundo, o Afeganistão. Gravemente atingida pelos efeitos da recessão e pela queda dos preços energéticos, a Rússia vê-se também ela a braços com dificuldades crescentes.

Ainda assim, a questão russa será um dos *dossiers* mais delicados com que a administração de Barack Obama terá que se confrontar.

A crise russo-ucraniana que cortou os fornecimentos de gás à Europa durante quase três semanas em Janeiro deste ano bastaria para recordar a permanência de factores de tensão - e de interdependência - nas relações entre a Rússia e o Ocidente. As marcas deixadas pela intervenção russa na Geórgia estão ainda muito presentes e dificilmente se apagarão tão depressa.

Crise anunciada

Levado ao poder em Tbilissi pela “revolução rosa” em 2004, o presidente georgiano Mikheil Saakashvili prometera aos georgianos a recuperação da soberania sobre as regiões separatistas da Ossétia do Sul e da Abkházia.¹

Escaramuças com ossetas e abkhazes e provocações e incidentes com a força de interposição russa vinham-se multiplicando nos últimos meses. Tbilissi fazia um forte investimento na modernização do Exército e intensificava a presença militar junto das duas regiões separatistas.² E a pressão na cimeira de Bucareste, em Abril de 2008, para uma rápida integração da Geórgia (e da Ucrânia) na NATO acirrou ainda mais os ânimos entre Tbilissi e Moscovo.

Na madrugada de 8 de Agosto de 2008 tudo se precipitou. A 4ª Brigada (2 000 homens), unidade de elite georgiana, apoiada por artilharia e blindados, lança um assalto a Tskhinvali. Horas depois a capital da Ossétia estava devastada, milhares de pessoas fugiam para Norte e as forças georgianas controlavam o território.

A reacção russa é pronta. As unidades de cabeça do 58º exército atravessam a linha que separa as duas Ossétias (a Ossétia do Norte faz parte da Federação Russa) num momento em que as forças georgianas não tinham ainda tido tempo de consolidar as suas posições.³ Logo ao primeiro contacto, a 4ª brigada sofre baixas pesadas.

Os acontecimentos precipitam-se no terreno. Horas depois, já a 9 de Agosto é aberta uma segunda frente nas gargantas de Kordori, na Abkhazia. Em Tbilissi o presidente Saakashvili agita a bandeira branca e apela ao cessar-fogo. Vasos da frota russa do Mar Negro entram em acção, o patrulheiro *Tbilissi* é afundado e *impõem* o bloqueio dos portos georgianos.

As forças russas penetram já profundamente no território georgiano punindo severamente as tropas georgianas em debandada. As bases militares de Senaki e Gori (a pouca distância da linha de demarcação com a Ossétia do Sul, e a 55 km da capital georgiana) são aniquiladas. O porto de Poti (Mar Negro) é ocupado, a via estratégica que atravessa de leste a oeste o território georgiano cortada. A aviação russa bombardeia o aeroporto de Tbilissi e instalações petrolíferas.

Os alarmes disparam então nas chancelarias ocidentais. Washington multiplicou advertências a Moscovo para as “sérias consequências” da intervenção russa e insiste na integridade territorial da Geórgia.⁴ A Rússia responde consolidando a cada dia posições no terreno, enquanto em Moscovo, Vladimir Putin acusa Washington e a NATO de estarem por detrás da iniciativa do líder georgiano.⁵ Saakashvili multiplica apelos ao Ocidente, garantindo estar iminente um assalto russo à capital georgiana.

Mikheil Saakashvili é tido como o mais fiel peão americano na área e a Geórgia representa uma peça mestra na batalha pelos recursos energéticos e pelo controlo estratégico da região que se estende entre o Cáucaso e a Ásia Central. Face à aposta americana na Geórgia, o conflito assume desde logo acentos de um braço de ferro entre Washington e Moscovo.⁶

A frente diplomática mobiliza-se, entretanto. Em nome da União Europeia Nicolas Sarkozy assume a iniciativa e, a 12 de Agosto, uma semana depois do início da crise, arrancava a russos e georgianos um acordo de cessar-fogo.

As lições do conflito da Geórgia

A superioridade numérica e em potência de fogo desequilibrava rapidamente a balança para o lado russo, e a ruptura das linhas de comunicação da 4ª brigada permitirá rapidamente às forças russas cercar e aniquilar a mais apetrechada unidade georgiana. Mikheil Saakashvili terá cometido um sério erro de avaliação quanto à real capacidade militar das forças georgianas, quanto ao apoio do Ocidente e quanto à prontidão da resposta russa.⁷

Ressalvada a desproporção das capacidades militares em confronto, os analistas são praticamente unânimes em sublinhar a preparação cuidada da operação e a eficácia com

que a contra-ofensiva russa desbaratou o dispositivo militar georgiano.⁸

O *New York Times* assinalou, dando eco a análises de peritos e responsáveis do Pentágono, a forma como o *blitz* russo conjugou ensinamentos da velha escola soviética (uma força esmagadora de infantaria e artilharia) com táticas mais modernas - operações navais e aéreas conjuntas, infiltração de forças especiais, ataque a *sites* governamentais do inimigo.

Em matéria de *Info War*, a Rússia revelou progressos notórios. Os sistemas de comando, controlo e informação (*C4ISR*) georgianos são rapidamente neutralizados através quer da destruição física quer do empastelamento sistemático e saturação das redes informáticas.

Também na gestão da frente mediática Moscovo parece ter feito progressos. Responsáveis falando um inglês irrepreensível aparecerem nos ecrãs televisivos a defender a versão russa dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, Moscovo põe em marcha uma vasta manobra apoiada na cadeia de televisão *Russia Today* e coadjuvada por centenas de *blogs*, ao mesmo tempo que numerosos *blogs* e *sites* georgianos eram alvo de ataques DOS (*Denial of Service*).

A *BBC* observou ainda assim que as autoridades de Moscovo foram demasiado lentas em proporcionar aos *media* acesso aos refugiados que fugiram para a Ossétia do Norte, num momento em que os jornalistas estrangeiros espalham já pelo mundo as histórias dos georgianos atingidos pelos ataques russos.⁹

Os ecrãs da *CNN* oferecem a Saakashvili uma importante tribuna política que o líder georgiano explora à saciedade para multiplicar recriminações ao Ocidente e insistir nas "atrocidades" e na "limpeza étnica" perpetradas pelos russos na Geórgia, procurando assim arrastar a discussão do conflito para o domínio sensível das questões humanitárias.

Apesar dos progressos assinalados, as forças russas continuaram ainda assim a revelar debilidades tanto em matéria de equipamento como de organização, e que só a superioridade de fogo terá permitido compensar. As forças georgianas revelaram com efeito vantagens comparativas em áreas como a logística, os meios de visão nocturna e as armas anti-tanque.

Desde o início da operação, deficiências na coordenação entre os meios aéreos e terrestres e a eficácia dos grupos de combate georgianos equipadas com mísseis modernos custam danos consideráveis às forças russas, tanto terrestres como aéreas. Tbilissi reivindica a destruição de 10 aparelhos russos, a Rússia reconhece a perda de dois.¹⁰

A precisão dos ataques aéreos russos (bombas lançadas pelos *Su-25* e pelos helicópteros de combate *Mi-24* terá deixado muito a desejar, continuando a notar-se a falta de armas de precisão. A aviação russa revelou assim dificuldades a neutralizar as posições de artilharia e meios anti-aéreos (*DCA*) inimigos.

Os blindados russos provocaram baixas pesadas aos georgianos, mas as blindagens dos *T-80* e sobretudo dos *T-62* e *T-72* mostrar-se-ão vulneráveis aos mísseis anti-carro modernos georgianos (que causarão aliás uma crise diplomática entre Moscovo e Tel Avive). As unidades continuam a não estar apetrechadas para o combate nocturno.

O equilíbrio das forças navais em breve se virará contra a Rússia com o empenhamento de navios americanos e de vários países da NATO no Mar Negro. E a situação é tanto mais grave quanto a tensão em torno da frota russa do Mar Negro e as ameaças de Kiev de bloquear o regresso dos vasos de guerra ao porto de Sebastopol ameaça abrir uma nova e perigosa frente na crise.

Em suma, na opinião dos analistas, a condução das operações na Geórgia revelou progressos, mas esteve longe de representar uma viragem significativa em termos de doutrina e de eficácia operacional. A fase inicial das operações parece ter sido cuidadosamente planeada, mas a logística russa (reabastecimento em homens e material) rapidamente se revelaria incapaz de acompanhar a progressão na Ossétia do Sul. E as forças russas continuam a revelar dificuldades em reconfigurar rapidamente o seu dispositivo no decorrer da acção operacional. Continuam igualmente a verificar-se falhas de coordenação a nível das unidades no terreno.

A operação georgiana não deixa ainda assim de marcar um contraste notório com o desastre das forças soviéticas no Afeganistão ou o desaire da intervenção na Tchetchénia em 1994. E testemunha sobretudo uma nova atitude de Moscovo em matéria de emprego da força militar. "É a primeira vez desde o colapso da União Soviética que os russos lançam uma acção decidida e impuseram uma situação militar" - observou

**George Friedman, director do observatório *Stratfor*.
"Fizeram-no de forma unilateral e os países que olhavam para o Ocidente para intimidar a Rússia vêm-se agora obrigados a ter em conta o que aconteceu".**

O "efeito Kosovo"

A "lua-de-mel" vivida nas relações russo-americanas na era Gorbatchov (1985-1991) e sobretudo nos primeiros anos da era Ielstin (1991-1999), há muito se esgotara, e a partir de 1992 acumulam-se os contenciosos entre as duas partes.

A Rússia assistiu, impotente, à expansão da NATO a Leste e viu-se desalojada pela influência americana de áreas da antiga URSS e que Moscovo continua a reclamar como esfera dos seus interesses - casos do Cáucaso e da Ásia Central. O velho "complexo de cerco" assedia de novo a Rússia. Muitos russos voltam a olhar o Ocidente como uma ameaça potencial.

A crise do Kosovo e o ataque da NATO à Jugoslávia (Sérvia e Montenegro) na Primavera de 1999 vem agravar de forma dramática a crescente crispação nas relações entre a Rússia e o Ocidente.

A acção da NATO constitui uma "humilhação" e uma "bofetada" para a Rússia, mostrando a forma como o Ocidente ignora os interesses russos sempre que divergem dos seus" - escreveu Aleksei Arbatov, uma das vozes mais conceituadas em matéria de Defesa e política externa da Rússia, traduzindo o sentimento de muitos russos.¹¹

Acordos de desarmamento foram congelados ou viram a sua ratificação suspensa. As ilusões de uma verdadeira parceria entre a Rússia e a NATO em matéria de segurança foram rapidamente enterradas e o "Acto Fundador", assinado a 27 de Maio de 1997, "passou a representar para Moscovo um papel esvaziado de qualquer substância".¹²

Três meses depois da ocupação do Kosovo pela NATO, a Rússia lança uma ofensiva em larga escala na Tchetchénia, contando desde vez - e ao contrário do que acontecera cinco anos antes - com um forte apoio entre a população.¹³ E nas legislativas de Dezembro os russos deram maciçamente o voto aos partidos nacionalistas e da "linha dura".

Os debates no seio do Estado-Maior das Forças Armadas, do Conselho de Segurança Nacional e do Ministério da Defesa

evocam abertamente o cenário de um ataque da NATO do "tipo Balcãs" e um conflito em larga escala com o Ocidente - cenários que pareciam definitivamente arredados desde o fim da guerra-fria." Depois de uma década de desarmamento, de *detargeting* de mísseis nucleares e de transparência em matéria de segurança e defesa entre a Rússia e os EUA, a crise do Kosovo "despertou de novo os piores instintos e estereótipos da guerra fria" - assinala Arbatov.

A nova versão do Conceito de Segurança e da Doutrina Militar da Rússia, aprovada no início de 2000, recupera o dissuasor nuclear como elemento fulcral da segurança do país e admite o recurso ao armamento não convencional a nível tático em caso de conflito em larga escala.

Com uma imagem de "duro" e um passado de *KGBista*, Vladimir Putin mostra-se decidido a pôr ordem no país e a lavar as humilhações sofridas pela Rússia sob a liderança de Boris Ieltsin.¹⁴ Monta um sólido aparelho de poder, colocando fiéis, na maioria seus camaradas dos serviços secretos (os famosos *silovki*) em postos-chave no Kremlin e recupera o controlo do sector estratégico dos hidrocarbonetos, parcialmente retomado aos oligarcas que o haviam adquirido a "preços de amigo" nas privatizações da era Ieltsin. Conta ademais com um largo assentimento na população - 70 a 80 por cento de aprovação, ao que testemunham sucessivas sondagens.

Os alarmes no Ocidente multiplicam-se. Fala-se de um "endurecimento" do regime, ou mesmo de um "regresso ao soviétismo". O vice-presidente Americano Dick Cheney fala de uma "deriva autoritária" na Rússia. Os métodos utilizados por Putin são denunciados como brutais. A imprensa ocidental aponta o dedo às medidas de intimidação contra quantos desafiam a linha do Kremlin, às medidas contra a livre expressão dos *media*.¹⁵

Mas os resultados da estratégia de Putin começaram a surgir. Beneficiando de uma situação excepcionalmente favorável no mercado dos hidrocarbonetos, o novo senhor do Kremlin recompôs os cofres do Estado, restabeleceu o crescimento, libertou a Rússia do fardo da dívida externa, relançou vários programas de investimento.¹⁶

Pragmatismo e realpolitik

“O que os russos têm procurado, por vezes de forma desajeitada, é uma aceitação do seu papel como iguais no novo sistema internacional e não como derrotados da guerra fria a quem podem ser ditadas condições” assinalaram Henry Kissinger and George Shultz, dois antigos chefes da diplomacia norte-americana, numa análise aos efeitos da acção russa na Geórgia.¹⁷

Ciente dos seus limites, a Rússia vai adoptar no plano externo uma atitude fundamentalmente pragmática, mobilizando as últimas armas que lhe restam - nuclear, recursos energéticos, capacidades na produção de armamentos e dissuasor nuclear.

A diplomacia russa revela uma nova agressividade. Moscovo lança uma série de iniciativas com vista a recuperar o espaço ocupado pela influência ocidental naquilo que a Rússia percebe como a sua esfera do seu interesse directo no Leste europeu e no espaço da antiga União Soviética.¹⁸

“O resultado - observa Dmitri Trenin, é uma política de potência típica do século XX nas condições da globalização do sec. XXI - uma actuação que nem sempre é bem acolhida pelos Estados do Ocidente ou da periferia russa”.¹⁹

O alargamento da NATO às antigas repúblicas do Báltico (2004) e as revoluções “coloridas” de 2004-2005, os movimentos que catapultaram para a presidência da Geórgia, do Kirguistão e da Ucrânia líderes pró-ocidentais - e em que Moscovo denunciou “mão” americana - azedaram ainda mais os ânimos.

A 24 de Dezembro de 2004, em plena “revolução laranja” em Kiev, e que levaria pouco depois ao poder Viktor Iuchtchenko, Putin acusou o Ocidente de estar apostado em “isolar a Rússia”. O espectro da “guerra fria” aflorou de novo as páginas dos jornais.

“É tempo de o Mundo levar a Rússia a sério, e os anos em que os russos andavam de mão estendida nos grandes fora internacionais, gratos por os deixarem participar, já lá vão” - proclamou Vladimir Putin numa conferência sobre política de segurança em Munique, a 10 de Fevereiro de 2007. O presidente russo criticou ainda as “acções unilaterais e frequentemente ilegítimas” dos EUA e acusou a América de “querer impor a sua vontade ao Mundo”.

Vladimir Putin multiplica discursos alarmantes sobre a situação internacional. Em Abril de 2005, perante a

Assembleia Federal, Vladimir Putin considerou o colapso da URSS "a maior catástrofe geopolítica do século" - uma tirada que deu brado no Ocidente, e que foi apontada como a manifestação mais gritante de um "espírito de potência" (*derjavnost*).²⁰

O recurso à arma energética, que tantos alarmes provocou no Ocidente, inscreve-se na mesma reacção àquilo que o Kremlin percebe como uma manobra de cerco do Ocidente e à política de "contenção" da potência russa posta em prática pelos EUA desde 1991.²¹ O petróleo e o gás representam com efeito para a Rússia um recurso vital rendendo de algum modo o papel que o poderio militar desempenhava no estatuto de superpotência da antiga URSS.

Os recursos energéticos da Ásia Central e do Cáspio, e em particular das condutas de escoamento para os mercados internacionais, desencadeiam uma acesa disputa. É o novo "Grande Jogo" em torno do petróleo e do gás e, ao mesmo tempo, do controlo estratégico do coração do continente eurasiático, e em que, a par de russos e americanos, se empenham a China, o Irão e Europa.²²

As guerras do gás

A ilusão da "opção europeia" que seduziu por um momento as elites da Rússia já tinha cedido lugar a uma atitude de pragmatismo.²³ Os processos de alargamento da NATO e da UE agravam os problemas no relacionamento entre a Rússia e a Europa, e os países do antigo bloco soviético que aderiram às instituições ocidentais vão estar no centro de vários contenciosos com Moscovo.²⁴

Mas é ainda a questão da energia que alimenta os equívocos nas relações entre a Rússia e a Europa. A questão surge sobretudo a partir da Primavera de 2006 quando um corte de gás russo à Ucrânia se repercutiu numa séria crise no abastecimento a vários países europeus.²⁵

A "guerra do gás" regressou em força a 1 de Janeiro do ano em curso quando Moscovo cortou de novo o gás à Ucrânia depois de as duas partes não terem conseguido chegar a acordo sobre o preço do gás russo a pagar por Kiev. A Rússia acusa ainda a Ucrânia de roubar o gás destinado à Europa. O braço de ferro entre Moscovo e Kiev resultaria num corte dos fornecimentos de gás russo à Europa.

Recorde-se que a Europa recebe um quarto dos seus abastecimentos em gás da Rússia, dos quais 80 % passam através da Ucrânia, e vários países na Europa Central foram duramente atingidos pela interrupção dos fornecimentos russos.

Face ao arrastar da situação, num Inverno particularmente frio, e à irreduzibilidade de russos e ucranianos, a questão do gás russo em breve se transformaria numa crise diplomática.

Para além das questões de ordem técnica e financeira, no braço de ferro entre Moscovo e Kiev assume insofismáveis contornos políticos em que se cruzam as incidências da “revolução laranja”, o namoro de Kiev à NATO e a própria animosidade pessoal entre Vladimir Putin e Viktor Iuchtchenko - animosidade agravada no conflito georgiano quando Moscovo acusou Kiev de dar apoio político e mesmo militar a Saakashvili.

No duelo de propagandas entre Moscovo e Kiev um alto responsável da *Gazprom* afirmou mesmo que a Ucrânia estava a receber ordens de Washington depois de os EUA e a Ucrânia assinarem um acordo de parceria que inclui uma estreita cooperação energética.

Moscovo procura claramente explorar a rivalidade entre o presidente Viktor Iuchtchenko e a primeira-ministra Iulia Timochenko (dois antigos heróis da revolução laranja divididos desde então por uma rivalidade que tem envenenado a cena política ucraniana) jogando com a grave crise económica que atinge a Ucrânia e com um calendário político marcado por eleições legislativas e presidenciais.²⁶

A questão da base de Sebastopol, na Crimeia, não será também ela alheia ao mal-estar entre Moscovo e Kiev. O acordo de arrendamento da base de Sebastopol à Rússia expira em 2017, daqui a oito anos, e a liderança de Viktor Iuchtchenko disse já que não tenciona renovar o acordo. A base de Sebastopol, sede da frota do Mar Negro, tem uma importância crucial para a Rússia, que já está a expandir o porto de Novorossiisk como medida de contingência.²⁷

O episódio accionou uma vez mais os alarmes para a tentação do Kremlin de utilizar a arma energética como instrumento de pressão política e para os riscos de uma excessiva dependência europeia do gás russo.

O esforço de modernização e reequipamento das Forças Armadas a que se vem assistindo nos últimos anos representa outro instrumento crucial neste esforço de reafirmação estratégica da Rússia. E muitos peritos ocidentais viram na acção russa na Geórgia Agosto de 2008 um sinal claro de uma nova atitude de Moscovo no que toca ao emprego da força.

A sombra do “Exército Vermelho”

Apesar das insuficiências apontadas, a *performance* militar russa veio juntar-se a outros sinais de que, após um longo declínio, a capacidade militar russa merece de novo respeito e que um longo esforço de reforma e reequipamento das Forças Armadas começa a produzir resultados.

A questão da reforma das Forças Armadas russas arrasta-se, entre promessas e recuos, desde 1991. O descalabro militar da Tchetchénia (1994-96) viria ilustrar de forma dramática o descalabro do exército russo e accionar os alarmes. “A não ser feito nada (até ao ano 2003) o Exército terá perdido completamente a sua capacidade de defesa do país” - alertou o então ministro da Defesa Igor Rodionov.

Ainda presidente em exercício, Vladimir Putin elege a Defesa como uma das suas prioridades. As reformas lançadas pelo novo senhor do Kremlin estiveram porém longe de alcançar os resultados almejados. Os problemas são múltiplos. Desde a resistência dos generais a mudanças substanciais, à eventual hesitação em impor reformas impopulares a uma base de apoio institucional chave, à própria disputa de competências entre o ministério da Defesa e o Estado-Maior das Forças Armadas. A tudo isto juntam-se a corrupção endémica que se instalou nas Forças Armadas, a penúria de recursos financeiros e as chagas da própria sociedade russa.²⁸

O recrutamento representa uma dor de cabeça para as chefias militares russas. A carreira das armas, muito prestigiada no tempo da URSS, atrai hoje cada vez menos mancebos. Os salários dos militares, mesmo várias vezes aumentados por Putin, continuam a ser muito baixos. A estrutura dos quadros continua distorcida. O exército russo conta mais de 800 generais e com uma percentagem desproporcionada de oficiais. Em contrapartida, estão por preencher vagas de dezenas de milhares de sargentos, que deviam ser a espinha dorsal do Exército.

Apenas uma pequena fracção (9 a 11 por cento) dos mancebos russos respondem efectivamente à chamada do Exército. Ou seja, cerca de 40 mil jovens escapam à incorporação recorrendo a inúmeros expedientes, entre eles corromper os oficiais no lugar certo. Dados das diversas incorporações mostram que são afinal os mais incapazes a responder, entre eles os menos aptos fisicamente, com menor escolaridade, desempregados, alcoólicos, drogados ou cadastrados.²⁹

Depois, são as condições precárias dos recrutas e sobretudo o problema crónico da *dedovchtchina*, as violentas praxes que acolhem os novos recrutas - e que levam muitos à deserção, ao suicídio ou ao crime violento.³⁰

O problema agrava-se ainda com a gravíssima crise demográfica que afecta a Rússia, com reflexos muito directos na área da segurança, na medida em que vai reduzindo de forma dramática a base de recrutamento.

A população russa está a diminuir a uma taxa de 800 mil almas por ano e a taxa de natalidade é tão baixa que torna impossível manter os efectivos das Forças Armadas ao seu nível actual.³¹

Na campanha para as presidenciais de 1996 Boris Ieltsin prometeu abolir o serviço militar obrigatório e que a Rússia teria um exército profissional até 2000. Doze anos depois, e face aos problemas de recrutamento, o cumprimento da promessa parece cada vez mais longínquo. Em 2003 o Ministério da Defesa aprovou uma proposta de reforma que reduzia drasticamente o número de razões para a isenção do serviço militar ao mesmo tempo que alargava o período de serviço obrigatório.

A única saída parece estar nos *kontraktniki*, os voluntários que cumprem serviço por contrato (de três anos), uma experiência iniciada nos anos 1990 ainda no reinado de Boris Ieltsin. Mas também essa solução tarda em produzir os resultados almejados. Em Junho de 2007 havia cerca de 60 mil profissionais nas Forças Armadas russas.³²

O problema é que os salários e as condições de vida oferecidas aos *kontratniki* não são suficientemente atraentes para atrair muitos mancebos. E a qualidade e disciplina dos contratados deixa muito a desejar. Calcula-se que um terço dos *kontratniki* enviados para a Tchetchénia abandonam as fileiras a meio do contrato.

Outro domínio crítico, o da preparação dos militares. A falta de pessoal e problemas de disciplina e de organização condicionam muito a qualidade da instrução e do treino dos soldados russos. Num momento em que a preparação dos militares é cada vez mais sofisticada, o escasso tempo do serviço obrigatório dificilmente uma preparação adequada.³³

Armamento de parada

A revisão do conceito estratégico militar russo operada em 2000 sob o impacto do ataque da NATO à Sérvia seria confirmada em 2003 e depois em Março de 2007 quando o Conselho de Segurança da Rússia decidiu que a principal ameaça à segurança da Rússia era, já não o "terrorismo global" mas antes de estruturas internacionais e "em particular da NATO".³⁴

Este sentimento do aumento das ameaças à segurança do país traduziu-se num aumento significativos das despesas militares russas, sobretudo a partir do ano 2000. Entre 2000 e 2007 o orçamento militar russo aumentou entre 25 e 30 por cento ao ano. Ainda assim, o orçamento para 2007 (22,7 biliões de dólares) representava menos de um décimo das despesas americanas com a Defesa.³⁵ Este esforço era em boa medida dirigido à modernização dos equipamentos do antigo arsenal soviético. Mas esse equipamento foi "apodrecendo" ao longo dos anos de estagnação que se seguiu ao colapso da URSS. Em 2006 Vladimir Putin anunciou com grande eco mediático um vasto programa de reequipamento das Forças Armadas orçado em mais de 4 900 biliões de rublos (189 biliões de dólares) para o período de 2007 a 2015.

A aposta foi em boa medida dirigida à melhoria das capacidades nucleares russas. A tríade nuclear russa estava virtualmente em ruínas. A força de bombardeiros está à beira do colapso. A frota de submarinos está atacada pela corrosão e pela falta de manutenção - daí os desastres como o ocorrido com o *Kursk*, em Agosto de 2000.³⁶

O grosso do armamento russo é considerado pelos peritos ocidentais obsoleto e com manutenção deficiente. A maior parte do inventário de tanques e aviões data ainda da guerra do Afeganistão. No momento em que as forças americanas apostam cada vez mais em veículos e aviões não pilotados e em *robots* preparados para o combate sem contacto, a Rússia

continua a apostar em versões melhoradas de armas desenvolvidas nos anos 1970 e 80.³⁷

O programa representa um avanço importante, mas que se afigura assim modesto e insuficiente para inverter a situação. Coloca-se ainda a questão da racionalidade destas opções e da eficácia na utilização dos novos equipamentos. Trata-se em muitos casos - dizem os peritos - de "programas de prestígio, de "equipamentos de parada" que absorvem recursos desproporcionados e de utilidade discutível em termos de credibilidade estratégica.³⁸

O problema prende-se no fundo com a formulação de uma doutrina estratégica e de defesa coerente e actualizada. A ideia subjacente ao novo programa é que a Rússia deve ser capaz de fazer simultaneamente frente a um conflito em larga escala, uma guerra regional e vários conflitos locais, mas, à luz dos limitados recursos disponíveis, continua a reinar alguma confusão quanto ao tipo de unidades e de armamento para fazer face a conflitos tão diferentes.³⁹

Em Setembro de 2008, na sequência do conflito da Geórgia, o presidente Dmitri Medvedev anunciou um projecto de renovação do dissuasor nuclear russo a desenvolver nos próximos 12 anos (até 2020) alicerçado num sistema de defesa aeroespacial e numa nova frota de submarinos nucleares - no que se anuncia desde já como a maior iniciativa da Rússia em matéria de defesa na última década. O primeiro-ministro Vladimir Putin tinha já anunciado um aumento de 28 por cento no orçamento militar russo para 2009.

Para já, e à luz dos dados disponíveis muitos analistas consideram exagerados os alarmes quanto ao potencial militar russo. "As notícias (relatórios) sobre o ressurgimento iminente do exército russo foram largamente exagerados" - observa Zoltan Barany. "As forças armadas russas não serão capazes de desafiar a supremacia militar americana durante décadas".⁴⁰

Ainda assim, o *Military Balance* de 2008 do IISS considera que "as Forças Armadas russas estão a tornar-se mais capazes numa série de áreas-chave (...) com a melhoria do treino num vasto espectro de actividades, particularmente em interoperabilidade interforças, com foco na prontidão, mobilidade e interoperabilidade", mesmo se esse processo se encontra "ainda numa fase inicial". Rod Thornton vai mais longe e admite que as renovadas capacidades militares da

Rússia podem afinal conformar uma “ameaça para os interesses políticos e militares ocidentais no futuro próximo”.⁴¹

As comparações com as forças da NATO, e em particular dos EUA, arriscam-se a cair num vício de análise. O potencial russo é, quantitativa e qualitativamente, incapaz de fazer face aos recursos bélicos dos EUA ou da NATO. Mas a agenda de compromissos militares dos Estados Unidos é bem mais vasta. E a crise da Geórgia parece mostrar que a Rússia recuperou de algum modo a capacidade e a vontade de exercer o seu poder bélico quando necessário...

Ainda a “guerra das estrelas”

Os projectos americanos de instalação na Europa Central de um escudo anti-mísseis (*National Missile Defense - NMD*), capaz de imunizar a América e os seus aliados contra um ataque nuclear, vieram criar um novo e pesado contencioso nas relações entre Washington e Moscovo.⁴²

No início de 2007, a Casa Branca anunciou um entendimento prévio com Praga e Varsóvia (ratificado depois no Verão de 2008) para a instalação de um sistema de detecção na República Checa e de uma bateria de mísseis anti-míssil na Polónia.

A Rússia reagiu fortemente, denunciando o projecto como uma ameaça ao equilíbrio de forças vigente no teatro continental e agitando a ameaça de uma nova corrida aos armamentos.

Os EUA alegam que o sistema é crucial para a defesa do país e dos seus aliados no Velho Continente e se destina, não a afrontar a Rússia, mas a prevenir um eventual disparo nuclear da Coreia do Norte ou do Irão. Os responsáveis do Kremlin insistem que o sistema visa de facto manietar o arsenal estratégico russo e insistem que o “escudo” pode ser facilmente transformado numa plataforma ofensiva. Para Moscovo, a escolha da Polónia e da República Checa prolonga uma manobra de cerco da Rússia, com o pretexto inconsistente da ameaça iraniana.

Por outro lado, o escudo anti-mísseis (e desde logo a denúncia unilateral do *ABM*) põe exactamente em causa um ingrediente

fundamental do estatuto de grande potência que a Rússia tanto tem feito para reassumir - a paridade nuclear com os EUA.

É certo que os russos exageram a dimensão dos desafios imediatos resultantes desses projectos. Reduzido desde a época da guerra fria mas sensivelmente melhorado e modernizado o arsenal não convencional russo dificilmente poderia ser neutralizado pelo escudo anti-míssil americano. Além disso, a Rússia dispõe já de um sistema anti-míssil mais ou menos operacional em particular na área de Moscovo.⁴³

Mas a ameaça do escudo anti-míssil perturba tanto mais a Rússia quanto - tal como aconteceu em 1983 com a *SDI (Strategic Defense Initiative - a "guerra das estrelas")* - os projectos de defesa anti-míssil ameaçam cavar ainda mais o fosso entre as capacidades militares dos dois países.⁴⁴

Putin e o seu sucessor, Dmitri Medvedev, multiplicam alertas para as consequências do projecto, repetindo ameaças de retaliação sobre os eventuais parceiros da manobra americana e procurando mobilizar as reticências de vários países europeus.⁴⁵

No discurso sobre o estado da nação, pronunciado horas depois da eleição de Barack Obama, a 5 de Novembro de 2008, Medvedev ameaçou instalar mísseis *Iskander* em Kalininegrado (enclave situado entre a Polónia e a Lituânia) "para neutralizar - se necessário - o sistema anti-mísseis" dos EUA.⁴⁶

Ao mesmo tempo Moscovo tomou no final de 2007 a decisão de suspender os constrangimentos que a Rússia se impunha até então a título do tratado das forças convencionais na Europa (CFE), considerando que o tratado original, negociado bloco a bloco entre o defunto Pacto de Varsóvia e a NATO, estava ultrapassado. Moscovo rejeita nomeadamente qualquer *linkage* entre a ratificação do CFE e os compromissos russos de retirar os seus contingentes militares da Geórgia e da Moldova.⁴⁷

O CFE está longe de ser caso único. A Rússia parece com efeito decidida a exigir a revisão de acordos assinados no pós-guerra fria e considerados hoje fortemente lesivos dos interesses russos.⁴⁸

Os limites da "potência russa"

Ao mesmo tempo a Rússia multiplica acções de projecção estratégica. Vasos de guerra russos marcam de novo presença no oceano planetário, são retomadas as patrulhas aéreas estratégicas sobre os céus do Atlântico e no Pacífico descontinuadas desde 1992. A romagem de Dmitri Medvedev por vários países da América Latina, em Novembro do ano findo, foi engalanada pela presença do cruzador *Pedro o Grande* e do contratorpedeiro *Almirante Tchabernenko* nas águas do Atlântico Sul.

O alcance real destas acções - prontamente desvalorizadas pelos analistas do Pentágono e do Departamento de Estado - parece muito limitado. Iniciativas como o regresso da frota de guerra russa às águas do Mediterrâneo ou o "regresso da Rússia à América Latina" não deixam, ainda assim, de assumir um alcance importante nos esforços do Kremlin para reassumir, ainda que a nível do simbólico, um estatuto de grande potência, capaz de desafiar a hegemonia americana no Mundo.

Os esforços de projecção estratégica empreendidos por Moscovo não escondem, por outro lado, vulnerabilidades de fundo que a actual crise económica veio pôr a nu. O efeito conjugado da crise financeira e económica em que o Mundo mergulhou neste final de 2008, conjugado com as sequelas da crise georgiana e com a queda dos preços do petróleo está a atingir severamente a Rússia. As reservas monetárias russas encolheram de um quarto desde Agosto e o rublo perdeu 19 por cento do seu valor face ao dólar. Fortemente dependente de factores como a oscilações do mercado energético e o investimento estrangeiro, a economia russa é particularmente vulnerável num cenário de recessão.

Sinal da gravidade da crise, Vladimir Putin sentiu-se obrigado a vir a público, a 20 de Novembro último, para prometer aos russos que tudo seria feito para evitar uma nova derrocada financeira como as que traumatizaram o país em 1991, com o colapso da URSS, e em 1998.

A Rússia carece de investimentos, debate-se com a fuga de capitais e de cérebros, com infra-estruturas obsoletas, com um acentuado atraso tecnológico em relação aos países industrializados. Os níveis de produção de petróleo e de gás poderão estar em risco se as infra-estruturas não forem modernizadas.⁴⁹

E se as condições de vida melhoraram nos últimos anos na Rússia, a verdade é que a sociedade russa continua a braços com uma pobreza endémica (mais de um terço da população, segundo as estatísticas oficiais) e as desigualdades são cada vez mais cavadas, tanto mais que lógica de mercado desalojou as protecções sociais soviéticas. Daí alguns surtos de manifestações dos estratos mais desfavorecidos da população, sobretudo a partir de 2005.⁵⁰ Mas a grave crise demográfica será ainda o desafio mais grave que a Rússia enfrenta. Segundo as Nações Unidas, a população russa poderá decrescer de 142 milhões de almas em 2002 para 120 a 135 em 2025 menos de 100 milhões em 2050.

A crise demográfica coloca uma série de problemas, desde questões de ordem económica até à alteração dos equilíbrios étnicos dentro do país e aos reflexos em matéria de Defesa. A situação é particularmente alarmante em áreas específicas. A diminuição da taxa de natalidade e a emigração estão também a provocar um acentuado declínio na população russa no Extremo Oriente - uma quebra de 18 por cento entre 1990 e 2004 - ao mesmo tempo que se assiste a uma forte imigração chinesa para a região. Dado o potencial económico e estratégico da região, e tendo em conta as reivindicações históricas da China sobre a mesma, Moscovo receia que a China acabe por assegurar uma influência dominante na área.

Mas é ainda no Sul - Cáucaso, área entre o Mar Negro e o Cáspio, e bacia do Volga - que o problema se afigura mais grave, dada a desproporção crescente nas taxas de nascimento das populações eslavas e muçulmanas. Os mais pessimistas alertam já que o Islão poderá tornar-se a primeira religião do país em 2050.

A armadilha georgiana

Ao tomar a decisão de reconhecer a Ossétia do Sul e a Abkházia como países independentes em 26 de Agosto de 2008, o Kremlin não terá medido exactamente os riscos desse precedente - que poderá mesmo vir a reflectir-se dentro das fronteiras da própria Federação Russa, e em particular no Cáucaso.⁵¹

A situação na Tchetchénia, no Daguestão e na Inguchétia está longe de controlada por Moscovo. Mesmo marginalizada, a resistência tchetchena mantém-se activa, mobilizando ainda vários milhares de membros nas montanhas do sul e alguns líderes proeminentes no exílio.

A política de mobilizar chefes dos clãs para manter uma relativa estabilidade política e social comporta sérios riscos. Trata-se de elementos que são ao mesmo tempo muitas vezes padrões dos tráficos ilegais na zona e cujo controlo é instável e problemático.

O presidente Ramzan Kadyrov tem cumprido o objectivo de manter a estabilidade na Tchetchénia. Mas em Moscovo há já quem se alarme com a crescente autonomia do número um de Grozny cujo poder depende em boa medida do controlo de milícias locais e de clientelismos diversos.

Moscovo tem permitido a líderes locais como Kadyrov a promoção de um significativo renascimento religioso, mas nem por isso a questão islâmica é menos preocupante no Cáucaso. À acção de grupos radicais islâmicos, com influência crescente no Cáucaso do Norte, particularmente entre os jovens, junta-se uma grave crise social, marcada por protestos populares contra a violência, corrupção e más condições económicas.⁵²

Tudo isto obriga enfim a Rússia a um alerta permanente e a manter uma forte presença militar e policial na região - cerca de 80 mil homens.

A acção russa na Geórgia "significa que a Rússia emerge como uma grande potência" - observou George Friedman em plena intervenção russa na Geórgia. "Não um poder global como era antes, mas um poder que tem que ser tomado muito a sério."

O êxito militar na Geórgia teve porém um preço elevado para Moscovo. A Rússia arrisca-se a um isolamento que ameaça mesmo pôr em causa alguns dos avanços diplomáticos dos últimos anos, e a um relacionamento cada vez mais tenso com os vizinhos.

A acção russa foi recebida com reservas no espaço da CEI. E o encontro do Grupo de Xangai a 29 de Agosto, no auge da escalada de recriminações entre a Rússia e o Ocidente, representou um sério revés para Moscovo.⁵³ Os parceiros da Rússia na organização limitaram-se a um apoio vago e a insistir no diálogo como via para ultrapassar a crise.⁵⁴ Como observou o analista russo Dmitri Trenin, talvez tenha sido afinal Putin, mais do que Sakashvili, a cair numa armadilha na Geórgia.

Putin, Medvedev e seus pares estão conscientes de que não dispõem de meios para fazer a História andar para trás por meios militares. A Rússia cumpriu escrupulosamente o prazo acordado para a retirada das suas forças da Geórgia (8 de Outubro). Absorvido o primeiro impacto do conflito com a Geórgia e das reacções do Ocidente, Moscovo tem alternado atitudes de intransigência e gestos de apaziguamento. Dmitri Medvedev fez aliás questão de lamentar em diversas ocasiões que a Rússia estava a ser "empurrada" para uma "via de confronto" que não escolhera nem desejava.

A progressiva normalização das relações com a União Europeia e a NATO e a proximidade com Berlim premeiam de algum modo a estratégia russa.⁵⁵ E apesar da escalada retórica entre Washington e Moscovo e de um virtual congelamento no diálogo entre as duas partes vão surgindo pequenos gestos de reaproximação, mesmo no plano militar.⁵⁶

Novos protagonistas

A escalada retórica propiciada pelo confronto eleitoral (e pelo fim de mandato na Casa Branca) mobilizou mesmo apelos públicos à prudência de figuras gradas da política externa americana. Figuras como Henry Kissinger e George Shultz vieram a público alertar que qualquer política de marginalização ou de demonização da Rússia é "a prazo insustentável".⁵⁷

"Não é nem praticável nem desejável isolar um país que se estende por um oitavo da superfície terrestre, com fronteiras com a Europa, a Ásia e o Médio Oriente, e que dispõe de um arsenal de armas nucleares comparável ao dos Estados Unidos" - sublinham os dois antigos secretários de Estado, alertando por outro lado para o facto de boa parte dos países da Europa Ocidental se sentirem pouco à vontade com essa política.

Kissinger e Shultz questionam, por outro lado, a urgência de integrar a Geórgia e a Ucrânia na NATO defendendo antes uma rápida integração europeia, sobretudo da Ucrânia.

A candidatura georgiana (tal como a da Ucrânia), fortemente apoiada por Washington, dividiu os aliados europeus na cimeira euro-atlântica de Bucareste, em Abril último. E as reticências de franceses e alemães, que preferem claramente evitar confrontar a Rússia, viram-se reforçadas pela aventura militar lançada por Saakashvili na Ossétia do Sul.

Anatol Lieven sublinhou no *Financial Times* que o Ocidente: "não deve fazer promessas que não pode nem quer cumprir, empurrando os outros para a frente". E o conservador Bruce Anderson, colunista do *Independent*. O analista sublinha ainda que "a questão da NATO incentivou o aventureirismo georgiano e os russos concluíram que era altura de lhes dar, aos georgianos e ao Ocidente, uma lição".⁵⁸

Mais, a Geórgia poderá mesmo ter o efeito de obrigar a Aliança Atlântica a uma revisão global da sua política de expansão a Leste.⁵⁹ Vozes autorizadas como Henry Kissinger e George Shultz têm ademais defendido a perspectiva de se atribuir cada vez mais à União Europeia a gestão da periferia russa - um pouco à imagem do que aconteceu durante a crise da Geórgia.

Resta enfim avaliar os efeitos das mudanças políticas no Kremlin e da tomada de posse de uma nova Administração na Casa Branca sobre as relações russo-americanas. Para já, nem a substituição de Vladimir Putin por Dmitri Medvedev na chefia do Kremlin nem os efeitos da crise económica parecem ter provocado qualquer inflexão substancial nos objectivos estratégicos de Moscovo.

O tom das intervenções de Dmitri Medvedev será talvez menos belicoso do que o do seu antecessor, mas nem por isso menos ambicioso e inflexível.

Em Berlim o presidente russo insistiu, no início de Junho de 2008, que "o atlantismo já teve os seus dias" e advogou uma nova *troika* em que Rússia, a União Europeia e os EUA estabeleceriam como parceiros da mesma igualha a agenda da segurança europeia e das questões económicas. E no Fórum Económico de S. Petersburgo, defendeu o reforço do papel da Rússia na economia mundial.

As posições assumidas por Medvedev na crise da Geórgia parecem enfim confirmar uma ideia virtualmente unânime entre os peritos: o novo presidente russo limitar-se-á a seguir as pisadas do seu antecessor, e é nas mãos de Putin que continuarão em grande medida os destinos da Rússia. Foi de Pequim e pela boca do agora primeiro-ministro Vladimir Putin que chegou a primeira reacção russa oficial ao ataque georgiano à Ossétia do Sul. Dmitri Medvedev "não substituiu Putin como presidente - diz Stephen R. Sestanovitch. Limitou-se a assumir o título".⁶⁰

“Semi-guerra fria”

Os sinais emitidos por Moscovo nas primeiras semanas da era Obama parecem traduzir uma atitude de expectativa reservada. Fiel aos seus pergaminhos, e depois do acolhimento frio à eleição de Barack Obama, o Kremlin não tardaria a regressar ao jogo do cravo e a ferradura.⁶¹ Moscovo saudou as primeiras iniciativas do novo presidente americano, classificando de “sinais encorajadores” as promessas de diálogo com o Irão e de “um sinal fresco” as propostas de Washington em matéria de controlo de armamentos.⁶²

Dias antes Moscovo emitira sinais de que estaria disposta a desbloquear as vias de reabastecimento das forças da NATO no Afeganistão através da Rússia. E a agência *Interfax* garantia, invocando uma fonte anónima do M. Defesa, que tinha sido abandonado o plano para instalar uma bateria de mísseis *Iskander* em Kalininegrado.⁶³

E é neste clima encorajador que, a 4 de Fevereiro, surge a notícia de que o presidente kirguiz Kurmanbek Bakiyev ordenara o encerramento da última base permanente americana na Ásia Central - uma via vital para o reabastecimento do Afeganistão. Um verdadeiro balde de água fria para a Casa Branca, no momento em que a Administração Obama projecta duplicar o contingente militar americano no Afeganistão, e quando as vias de abastecimento por Sul, através do Paquistão e do célebre Khyber Pass, estão cada vez mais ameaçadas pelos talibã.

A intervenção de Joe Biden na Conferência de Segurança de Munique (7-8 de Fevereiro) forneceu as primeiras indicações da política de Barack Obama face à Rússia, adiando de algum modo as expectativas de uma viragem significativa.

O vice-presidente americano disse que “era tempo de carregar no botão nas relações com a Rússia” para “travar uma perigosa viragem” nas relações entre os dois países. Mas não emitiu qualquer sinal de reorientação da política americana no que toca aos pomos de discórdia a que Moscovo se mostra mais sensível.

Contrariando as previsões dos mais optimistas, Biden disse que o projecto do escudo anti-mísseis se iria manter e lançou um aviso velado a Moscovo garantindo que a América não toleraria um mundo dividido em “esferas de influência”.⁶⁴ Logo depois de se ter avistado com o vice-primeiro ministro russo Serguei Ivanov, Biden recebeu o presidente georgiano Mikheil Saakashvili a quem repetiu que a Geórgia (tal como a Ucrânia) era livre para aderir à NATO assim que o entendesse...

A dar fé à tese da “mão” de Moscovo, o anúncio do encerramento da base de Manas surge sobretudo como um importante trunfo negocial de Moscovo à luz do papel-charneira que caberá cada vez mais à Rússia no que toca às vias de reabastecimento das forças da coligação ocidental no Afeganistão.

A fase difícil que a economia russa atravessa não impede a Rússia de jogar, oferecendo auxílio financeiro a vizinhos em dificuldades ou mesmo arriscando algumas perdas como as envolvidas na “guerra do gás” com a Ucrânia

E as iniciativas, amiúde desconcertantes e aparentemente contraditórias tanto de Moscovo como de Washington surgem como as primeiras salvas do que se anuncia com uma longa e complexa negociação entre russos e americanos, envolvendo *dossiers* tão delicados como o Afeganistão, o Irão, o controlo de armamentos, a expansão da NATO a Leste e sobretudo o mal-estar de Moscovo perante a influência americana no espaço pós-soviético.

Trata-se, no fundo, de rever a “herança de Bush” e de tentar emendar o estado de “semi-guerra fria” a que chegaram as relações russos americanas, para retomar a expressão de Sergei Rogov, director do Instituto para os EUA e Canadá de Moscovo.⁶⁵

*** Mestre em História Contemporânea - século XX, Universidade Nova de Lisboa. Jornalista. Actualmente, é docente no Instituto Politécnico de Tomar (Curso de Comunicação Social - ESTA) e no ISCTE (pós-licenciatura em “Comunicação e Gestão de Crises”).**

1 As duas regiões escapavam ao controlo de Tbilissi desde os confrontos do início dos anos 1990 e o acordo de cessar-fogo patrocinado 1992 em por Boris Ieltsin e o presidente georgiano Eduard Chevarnadze congelou desde então a situação no terreno.

2 A modernização do Exército georgiano conta com a assistência de países europeus, da Turquia, de Israel, e sobretudo dos EUA. O produto mais visível desse apoio é a 1ª Brigada, de (cerca de dois mil homens), formada nos padrões da NATO. Empenhada no Iraque, a 1ª Brigada será repatriada por aparelhos americanos logo no início das hostilidades com a Rússia.

3 As forças russas incluíam dois batalhões de infantaria motorizada, reforçadas por unidades de carros de combate e tropas pára-quedistas, num total de cerca de 10 mil homens, com apoio aéreo e de artilharia.

4 Washington prestou um apoio pronto ao líder georgiano desde o início do conflito. Logo a 2 de Setembro o presidente Bush propôs um bilião de dólares de auxílio humanitário e apoio económico à Geórgia e duas semanas mais tarde uma delegação de 26 embaixadores da Aliança Atlântica marca ostensiva presença em Tbilissi a assinalar o primeiro Conselho NATO-Geórgia.

5 Meses mais tarde, no discurso de 5 de Novembro sobre o Estado da Nação, o presidente russo Dmitri Medvedev diria que o conflito da Geórgia fora "uma consequência da política arrogante da administração norte-americana" e que a crise foi manipulada como "pretexto para introduzir no Mar Negro navios de guerra da NATO" e para "impor ainda mais depressa à Europa o sistema de defesas anti-míssil americano".

6 O braço de ferro russo-americano em torno da Geórgia assumiria aliás outras dimensões com a chegada ao aeroporto de Tbilissi de dois C-17 americanos com medicamentos e equipamentos de apoio aos refugiados georgianos desalojados pelo conflito, a 27 de Agosto - primeiro passo de uma operação de auxílio humanitário "musculado" através uma força naval e de um dispositivo armado.

7 Vários analistas observaram que dificilmente Saakashvili poderia ter lançado a ofensiva contra Tskhinvali sem conhecimento do Pentágono. Na ocasião encontravam-se em território georgiano 125 conselheiros militares americanos, bem como uma força de cerca de mil homens que participaram num exercício bilateral. Dados vindos posteriormente a lume na *BBC* e nas páginas do *New York Times* e do *Financial Times* e relatórios da OSCE e de outras organizações internacionais viriam confirmar as suspeitas de que Washington teria caucionado a aventura militar georgiana.

8 A Rússia tinha realizado em Junho a Norte da fronteira da Geórgia importantes exercícios militares ("Cáucaso 2008"), e o analista Pavel Felgenhauer observou que as forças russas tinham realizado manobras na região poucos dias antes do

- ataque georgiano, o que poderá confirmar a ideia de que a acção russa teria sido planificada com antecedência.
- 9 A narrativa dirigida à própria opinião pública russa revelou-se em contrapartida mais eficaz, colocando a Rússia no papel de vítima, e insistindo em comparar a acção da Rússia às "intervenções humanitárias" ocidentais, e com as televisões a passarem vezes sem conta as imagens de Vladimir Putin em *jeans* e blusão desportivo no lado russo das montanhas do Cáucaso a ouvir as histórias aterradoras dos refugiados.
- 10 "Les premières leçons d' une guerre do XXI siècle", *Defense et securité internationale*, nº 41, Octobre 2008.
- 11 Alexei G. Arbatov, "The Kosovo Crisis: The End of the Post Cold War Era", *Occasional Paper*, the Atlantic Council of the United States, Washington, DC, Março 2000.
- 12 Ver Arnaud Dubien, La Russie et la crise du Kosovo, in Pascal Boniface (sous la dir. de) Kosovo: bilan et perspectives, *La Revue internationale et stratégique*, Inverno de 1999-2000.
- 13 A ofensiva russa é anunciada como uma acção "anti-terrorista" depois de uma série de atentados em Moscovo e no Daguestão atribuídos aos separatistas tchetchenos. O ataque, iniciado com uma semana de bombardeamentos aéreos, devastará a Tchetchénia e deixará pesadas baixas entre a população civil.
- 14 Vladimir Putin assume a pasta de presidência interina a 31 de Dezembro de 1999 e verá o seu cargo ratificado pelas eleições de Março do ano seguinte.
- 15 A vaga de assassinatos de jornalistas em 2005 e 2006, e em particular o caso de Anna Politovskaia, morta a 7 de Outubro de 2006, alimenta os piores receios. Não há quaisquer provas do envolvimento directo das autoridades, mas, aos olhos dos *media* ocidentais, o Kremlin não se livra de responsabilidades.
- 16 Jacques Sapir, "La situation économique de la Russie en 2006" in "Tableau de bord des pays d'Europe centrale et Orientale", *Études du CERI*, 132, Décembre 2006, citado por Jean-Marie Chauvier (*op. cit.*)
- 17 *International Herald Tribune*, 30 de Setembro de 2008.
- 18 Moscovo respondeu procurando cerrar cumplicidades com países da área: tratado de paz e amizade com o Irão, acordos com o Iraque em 1995 no domínio do nuclear e da exploração petrolífera, reforço de cooperação com a Índia e sobretudo a aproximação à China. Ver, de Richard Weitz, "Russia's institutional offensive in Central Asian security", *Jane's Intelligence Review*, Vol. 18, Nº 5, Maio de 2006.

19 Dmitri Trenin, "Russia redefines itself and its relations with the West", *The Washington Quarterly*, Center for Strategic and International Studies, Washington, Vol. 30, Nº 2, Primavera de 2007. Com o 11 de Setembro de 2001 Washington e Moscovo viveriam por um momento de novo um clima de cooperação. Vladimir Putin apoiou a "cruzada" anti-terrorista de George Bush. Ainda assim, Moscovo nunca deixou de olhar com desconfiança a implantação militar dos americanos na Ásia Central e depois no Cáucaso.

20 Dmitri Trenin, "Pragmatic power: Russia's assertive foreign policy", *Jane's Intelligence Review*, Jane's Information Group, Surrey, Vol. 20, Nº 1, Janeiro de 2008.

21 Chauvier, Jean-Marie, La "nouvelle Russie" de Vladimir Poutine: nostalgie de puissance rêve d'autonomie, *Le Monde Diplomatique*, Fevereiro de 2007.

22 Ver, de Subodh Atal, "The New Great Game", *The National Interest*, nº 81, Outono de 2005 e, de Richard Weitz, "Averting new Great Game in Central Ásia", *The Washington Quarterly*, Center for Strategic and International Studies, Washington, Vol. 29, Nº 3, Verão de 2006 Ver ainda, de Larisa Homarac e Roger E. Kanet, "O desafio dos Estados Unidos à influência russa na Ásia Central e no Cáucaso", *Relações Internacionais*, Nº 12, Dezembro de 2006).

23 O ano de 2007 seria marcado por sucessivas crises, em particular com a Grã-Bretanha. Moscovo não escondeu a sua irritação perante o asilo concedido por Londres a figuras como o oligarca Boris Berezovski ou líderes separatistas tchetchenos como Ahmed Zakayev. E o caso da morte do exilado russo Andrei Litvinenko em Novembro de 2006 gerou uma grave crise diplomática entre Moscovo e Londres.

24 As difíceis relações a Polónia, a Estónia e a Lituânia com Moscovo geraram embaraços diplomáticos nas relações entre a Rússia e a Europa entre 2006 e 2008, incluindo repetidas ameaças de veto ou de boicote às negociações em curso entre Moscovo e Bruxelas. Ver, para a questão das relações entre a Rússia e a Europa, de Averre, Derek, "Russia and the European Union: convergence or divergence?", *European security*, Vol.14, Nº 2, Junho de 2005 e, de Yves Pozzo di Borgo, "Union Européenne-Russie: quelles relations"? *Défense Nationale*, Nº 8-9, Agosto-Setembro de 2007.

25 Kenneth Murphy, "Gasoduto ou armadilha: a Europa e a disputa de gás entre a Rússia e a Ucrânia", *O Mundo em Português*, EEIINº 61 (Fevereiro-Março de 2006).

26 Ver, de James Sher, "La révolution orange: un défi pour l'Ukraine, la Russie et l'Europe", *Politique Étrangère*, IFRI, Nº 1, Primavera de 2005, e de Stephen Larrabee, "Ukraine at the crossroads", *The Washington Quarterly*, CSIS, Vol. 30, Nº 4, Outono de 2007.

27 A questão da Crimeia e da base de Sebastopol esteve na origem de uma crise grave nas relações russo-ucranianas em 1995-96. A Rússia reconhecerá formalmente as fronteiras com a Ucrânia, incluindo a península da Crimeia e os dois Estados chegavam a acordo quanto à partilha da antiga esquadra soviética do Mar Negro e às condições de arrendamento da base de Sebastopol à frota russa (acordo de Sotchi, de Junho de 1996). Ver: James Sheer, "Russia-Ukraine Rapprochement?: The Black Sea Fleet Accords", *Survival*, Outono 1997.

28 Barany, Zoltan, The politics of Russia's elusive defense reform, *Political Science Quarterly*, Academy of Political Science, Vol. 121, N° 4, Inverno de 2006-2007.

29 Declarações de Janeiro de 2006 do general Igor Pusanov, vice-ministro da Defesa, citadas por Alexis Bautzmann in "Armée russe. L'illusion de la puissance", *Diplomatie*, n° 34, Setembro 2008.

30 Segundo o Ministério da Defesa na primeira metade de 2007 morreram 262 militares, dos quais 37 em combate (na Tchetchénia), sete em resultados de praxes violentas, e 147 vítimas de suicídio.

31 Mark Galeotti, *op. cit.*

32 Note-se ainda assim que as forças russas que intervieram na Geórgia eram inteiramente profissionais.

33 O número de disparos de espingarda de assalto feito por cada recruta é reduzido ao mínimo, o que põe em causa o domínio da arma individual. Os pilotos voavam em 2003 menos de um décimo do número de horas de treino segundo os padrões ocidentais - o que não será alheio ao elevado número de acidentes.

34 O próprio processo de reestruturação das forças russas sofreu recuos. A aposta em unidades mais pequenas e flexíveis destinadas a fazer frente a actores como grupos terroristas e rebeldes armados deu lugar à reabilitação de uma força mais maciça destinadas a travar um conflito em larga escala.

35 Segundo os dados do SIPRI Yearbook 2008, em 2007 os países com despesas militares mais elevadas eram encabeçados pelos EUA com 547 biliões de dólares, ou seja 45 por cento das despesas mundiais. A Rússia vinha em sétimo lugar (continuando atrás de Grã-Bretanha, China, França, Japão e Alemanha) com 35,4 biliões, ou seja três por cento.

36 Segundo estatísticas de 2006 do Ministério russo da Defesa 60 por cento dos *ICBMs* instalados tinham já ultrapassado o prazo-limite, apenas 30 por cento dos caças estavam minimamente operacionais, cerca de metade dos tanques esperava reparações de fundo. Ver Fedotov, Yury, "Les forces

nucléaires russes: évolution et perspectives”, *Politique Étrangère*, IFRI, N° 2, Paris, 2005.

37 Barany, *op. cit.* O programa inclui a aquisição de 36 mísseis *SS-27 (Topol-M2)* para as forças de mísseis estratégicas, 50 bombardeiros, o *SS-400*, considerado o mais capaz sistema de mísseis anti-aéreos do mundo, um novo sistema de mísseis táticos *Iskander* para o exército, o novo helicóptero *Mi-28Ni (Night Hunter)* 31 tanques *T-90*, 100 mil veículos e 31 navios de superfície e submarinos. Está ainda a ser concebida toda uma nova classe de navios, incluindo, um porta-aviões, bem como sistemas de mísseis balísticos *SS NX-30 (Bulava)*.

38 Alexis Bautzmann, “Armée russe. L’illusion de la puissance” (*op. cit.*)

39 Barany, Zoltan, Resurgent Russia? A still-faltering military, *Policy Review*, Washington, N° 147, Fevereiro-Março 2008. Ver ainda Galeotti, Mark, Russian military reform seeks advances on all fronts, Mark Galeotti, *Jane’s Intelligence Review*, Jane’s Information Group, Surrey, Vol. 18, N° 4, Abril de 2006.

40 *Ibidem.*

41 Thornton, Rod, Russian military: toothless bear? *The World Today*, The Royal Institute of International Affairs, Vol. 63, N° 6, Junho de 2007.

42 Dois meses depois do 11 de Setembro George Bush denunciou o tratado *ABM (Anti-Ballistic Missile)*, de modo a ficarem com as mãos livres para desenvolverem dispositivos que os tornassem invulneráveis a ataques com mísseis balísticos nucleares, nomeadamente a ataques nucleares limitados de estados “pária”. O projecto do *National Missile Defense (NMD)* seria anunciado oficialmente a 17 de Setembro de 2002.

43 Em Agosto de 2007 Putin anunciou que a Rússia lançara um programa para aumentar as suas próprias defesas estratégicas. Foi colocado em alerta na *oblast* de Moscovo um novo sistema, o *S-400 Triomf* designado para derrubar bombardeiros furtivos e instalado um novo radar de alerta prévio na área de S. Petersburgo em Dez/06, primeiro estágio de um programa de alerta prévio a ser instalado até 2015.

44 Os dirigentes do Kremlin não esquecerão decerto a forma como o desafio da *SDI* contribuiu para o colapso da defunta URSS. Para já, e um pouco como aconteceu nos anos Reagan, os EUA pressionam assim os orçamentos e a estratégia de desenvolvimento da Rússia, obrigando o Kremlin a desviar para a Defesa uma importante fatia de recursos.

45 Vários países europeus alertaram para a necessidade de negociar com Moscovo. A Hungria recusou qualquer instalação para evitar hostilizar a Rússia que é a fonte dos seus

abastecimentos de energia. E Angela Merkel invocou a necessidade de um acordo político prévio no seio da NATO.

46 O *Iskander*, míssil tático de elevada precisão, tem uma raio de acção de 400 kms.

47 O CFE, assinado em 1990 pela NATO e pelo defuncto Pacto de Varsóvia, previa a eliminação ou o reposicionamento de grande parte do potencial bélico convencional (tanques, peças de artilharia, veículos blindados e aviação de ataque) ao longo das antigas linhas leste-oeste. Em 1999 o acordo seria renegociado, tendo em conta os novos dados da dissolução do Pacto de Varsóvia e do colapso da própria URSS.

48 O *START II* foi sempre contestado por vários estrategos russos, que consideram o acordo largamente desfavorável à Rússia. O *START II* estabelece um limite de 3 000 a 3 500 ogivas nucleares para cada parte. Mas pune sobretudo os *ICBM* (mísseis baseados em terra), em que a Rússia tem certa vantagem, e deixa maior margem ao *SLBM* (mísseis baseados em submarinos), em que os EUA têm larga supremacia.

49 A braços com graves problemas de investimento, a *Gazprom* carece de meios para desenvolver novos campos com a rapidez necessária, quando os antigos começam a ficar esgotados e teve já de importar gás da Ásia Central para cumprir os contratos de entrega aos seus clientes.

50 No Inverno de 2007 dezenas de milhares de pessoas vieram para a rua em várias cidades russas para exigir transportes e medicamentos gratuitos, bolsas de estudo, redução das tarifas da água e da electricidade.

51 Os receios de uma nova escalada no Cáucaso pareceram aliás confirmar-se quando, a 18 de Outubro, dezenas de soldados russos teriam sido mortos numa série de três emboscadas na Inguchétia, perto da fronteira com a Tchetchénia. A Inguchétia, pequena república situada entre a Ossétia do norte a Tchetchénia, representa hoje um dos territórios mais instáveis de todo o Cáucaso russo.

52 Grupos como a *Sharia Jammát* têm vindo a aumentar as actividades na Inguchétia e ao longo de 2008 multiplicou emboscadas a forças policiais e comboios militares, provocando a morte a vários altos oficiais.

53 A Organização de Cooperação de Xangai, criada em 1996 com o nome de "grupo de Xangai", integra a Rússia, a China, o Cazaquistão, o Kirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão. A Índia, o Irão, a Mongólia e o Paquistão têm o estatuto de observadores.

54 A atitude de reserva da China e a insistência de Pequim no princípio da integridade das fronteiras foram sublinhadas pelos observadores, que viram mesmo nessa atitude um ponto

de viragem e um sinal claro de distanciamento da China em relação a Moscovo.

55 O encontro de 3 de Outubro entre Dmitri Medvedev e Angela Merkel reforçou a parceria russo-germânica em matéria de cooperação económica, reiterou o apoio ao controverso gasoduto *North Stream*) e confirmou as reticências germânicas ao alargamento da NATO à Geórgia e à Ucrânia. Sobre as opções da Alemanha face à Rússia e à NATO, ver a análise de George Friedman, "The German Question", *Stratfor Today*, de 6 de Outubro de 2008.

56 A 20 de Outubro de 2008 altos responsáveis militares russos e americanos encontraram-se discretamente em Helsínquia para tentar um relançamento do diálogo entre os dois países.

57 *International Herald Tribune*, 30 de Setembro de 2008.

58 A NATO anunciou na cimeira ministerial de 2 e 3 de Dezembro de 2008 um mecanismo para promover reformas políticas e militares na Geórgia e na Ucrânia com vista a uma eventual adesão à aliança, mas sem assumir qualquer compromisso ou horizontes definidos.

59 Ver Asmus, Ronald D. Europe's eastern promise: rethinking NATO and EU enlargement *Foreign Affairs*, Council on Foreign Relations, New York - Vol. 87, Nº 1, Janeiro-Fevereiro de 2008.

60 "Medvedev Trying to Carve Out a New Role as President to help modernize Nations", *Foreign Affairs*, Verão de 2008. Uma proposta de emenda constitucional que alargaria o mandato do presidente de quatro para seis anos relançou aliás, em Novembro último, especulações sobre um eventual regresso de Vladimir Putin ao Kremlin.

61 No momento em que o Mundo inteiro saudava a vitória de Barack Obama nas presidenciais americanas de 5 de Novembro, em Moscovo o sucessor de Putin, Dmitri Medvedev pronunciava um discurso em tom particularmente duro e de desafio face a Washington. O discurso de Medvedev, centrado uma vez mais na questão do escudo anti-mísseis, chocou os observadores e mereceu reparos de vários líderes europeus.

62 O *Times* de Londres noticiou no início de Fevereiro que Washington estaria a analisar um conjunto de propostas que poderiam ir até a uma redução de 80 por cento dos arsenais nucleares das duas partes. Parecem assim confirmar-se as especulações dos analistas de que o mandato Obama poderia relançar as negociações sobre desarmamento nuclear - um *dossier* que teve um destaque permanente nas relações americano-soviéticas nos anos 1980 e 1990, mas mais ou menos abandonado desde então.

63 Dois dias depois da tomada de posse de Barack Obama, Moscovo ameaçou instalar mísseis *Iskander* no enclave de

Kalininegrado a fim de "neutralizar" o "escudo" americano na Polónia e na República Checa.

64 "Continuaremos a desenvolver as defesas anti-mísseis para fazer face a uma crescente capacidade iraniana, desde que a tecnologia dê provas e os custos se justifiquem" - disse Joe Biden em Munique. Qualquer recuo americano na matéria seria aliás problemático, depois dos acordos com a Polónia e a República Checa, já que poderá aparecer como um recuo face às pressões russas.

65 Citado pelo *International Herald Tribune* de 5 de Fevereiro de 2009.

.

O "Regresso" da Rússia



Tenente-general PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos Santos*

Nota prévia:

O presente artigo pretende actualizar e complementar o artigo "A Geopolítica Russa: de Pedro "O Grande" a Putin, a 'Guerra-Fria', o Eurasianismo e os Recursos Energéticos!", publicado no n.º 2473/2474 (Fevereiro/Março de 2008) desta Revista, centrando-se essencialmente na actual gestão estratégica dos recursos energéticos fósseis.

1. Superpotência energética

Poucos acontecimentos podem alterar e reformular, tão profundamente, os contornos da política internacional nas próximas décadas, como a (re)ascensão da Rússia ao estatuto

de superpotência energética. Este fenômeno tem-se vindo a verificar graças à utilização estratégica da sua riqueza em fontes de energia fóssil.

Após o fim da "guerra-fria" e o colapso financeiro de Agosto de 1998, tudo parecia indicar que os dias da Rússia como superpotência tinham terminado. Porém, graças à sua riqueza energética e à liderança de Vladimir Putin, a economia russa foi estabilizada, conseguiu pagar a sua dívida internacional e acumular a terceira maior reserva mundial de divisas estrangeiras, tornando-se no maior produtor mundial de petróleo e gás natural e o segundo maior exportador.

Os recursos energéticos da Rússia fizeram aumentar a sua importância na política internacional. Após 1991, com a produção e as exportações baixando para cerca de 50%, e os preços do "crude" baixando até aos \$10 - \$12^[1] o barril, a Rússia teve problemas em pagar as suas dívidas e, em consequência, sofreu um colapso financeiro maciço. Em Agosto de 1998, o governo falhou os pagamentos e muitos bancos privados fecharam as suas portas e trancaram os seus cofres. Como resultado, não só os bancos, mas também o país, oscilou à beira da bancarrota. O rublo perdeu uma grande percentagem do seu valor.

Porém, em 1999, numa reviravolta rápida, a procura global de energia começou a ultrapassar a capacidade dos produtores para responderem a essa procura. Os mercados rapidamente absorveram as reservas existentes. O petróleo e o gás russos ganharam uma nova importância económica e, especialmente, política. Com o preço do "brent" a passar os \$70/barril em 2005, as companhias russas responderam aumentando substancialmente a produção. Cerca de 40% do aumento do consumo mundial entre 2000 e 2004 veio da Rússia. Certamente que, no futuro próximo, a Rússia não voltará a ser uma superpotência militar. Mas é uma superpotência! Só que agora é uma superpotência energética!

Com os oleodutos e gasodutos que a ligam à Europa como um cordão umbilical, a Rússia tem uma influência e um poder sem precedentes que ultrapassam o poder e a influência militares que a URSS teve durante a "guerra fria". Apesar do arsenal nuclear de que dispunha, não o podia utilizar porque sabia que, se o fizesse, seria também destruída.^[2] Actualmente, se a Rússia decidir reduzir ou suspender o fluxo de gás à Ucrânia e/ou à Europa, nada a impede de o fazer.

2. Sinopse histórica

A data da descoberta de petróleo na área de Baku (Azerbaijão), na margem ocidental do Mar Cáspio, remonta ao tempo de Zoroastro. A influência russa na região do Cáucaso iniciou-se apenas no séc. XVIII e, antes disso, a extracção de petróleo pelas populações da área era muito primitiva. Em 1848, os russos conseguiam perfurar apenas até 30 m. Cerca de 1873, o petróleo da região atraiu vários estrangeiros, entre os quais se encontrava o sueco Alfred Nobel e seu irmão, Ludwig. As exportações só se expandiram após a inauguração do caminho de ferro transcaucasiano, de Baku a Batumi, no mar Negro, em 1884. No final do séc. XIX, os Nobel e outras companhias estrangeiras, conseguiam já perfurar até 600 m, com perfuradoras rotativas. Nesse tempo, o Médio Oriente era apenas um deserto estéril, até que, em 1938, foi descoberto petróleo na Arábia Saudita. As outras áreas de exploração dignas de nota no início do séc. XX eram as Índias Holandesas (hoje Indonésia) e o México.

Durante a revolução de 1905, mais de 2/3 dos poços à volta de Baku foram destruídos, a produção baixou imenso e a exportação baixou para metade. As coisas não melhoraram até bastante depois da revolução de 1917. A ocupação turca de Baku em 1918 abriu a região aos investidores estrangeiros, tendo os ingleses enviado uma força expedicionária e expulso os turcos no final do ano. Os soviéticos retomaram contudo a região em 1920 e nacionalizaram os poços. Cedo descobriram, porém, que as empresas ocidentais tinham levado consigo toda a tecnologia e eles não podiam explorar os jazigos convenientemente. Em breve Lenine solicitou apoio às empresas estrangeiras, que responderam afirmativamente, restauraram os poços e abriram novos. À medida que a produção foi recuperando, também o controlo administrativo de Moscovo foi apertando e as concessões foram sendo sistematicamente revogadas, tendo a grande maioria cessado em 1930.

Em 1910, foram descobertos novos poços em Grozny, Tchetchénia, em Maikop, 80 km mais a Norte, e em Emba, na margem Norte do Mar Cáspio (hoje Cazaquistão).

As exportações foram aumentando e, de 1929 a 1933, atingiram cerca de 17% do petróleo que a Europa Ocidental importava, sendo a Itália o cliente mais importante (48% das importações italianas de petróleo, entre 1925 e 1935, vinham da URSS). Isto apenas reflecte que a política nunca foi obstáculo para o comércio. A ajuda estrangeira foi muito

importante para a indústria petrolífera russa, tanto antes da revolução, como antes da 2.^a Guerra Mundial, nos domínios da perfuração, da extracção e da refinação. A ideologia política raramente se interpôs ao lucro comercial. De facto, em 1940, após o Pacto Nazi-Soviético, a Alemanha absorveu 75% das exportações de petróleo da URSS. Uma das grandes prioridades de Hitler, quando invadiu a URSS, era capturar os jazigos de Baku. As tropas nazis não chegaram lá, atingindo apenas Grozny mas, quando lá chegaram, os poços estavam tão danificados que não tirou grande proveito disso. Devido aos estragos nos poços, quando a guerra terminou a produção soviética de petróleo tinha descido 30% desde 1940.

Se antes da revolução as exportações de petróleo eram apenas 7%, em 1932 geraram 32% das receitas totais, o que foi um recorde antes da guerra. Após essa data, a depressão afectou todas as exportações, demorando mais de 20 anos a atingir o mesmo nível. A produção de petróleo ficou muito aquém dos objectivos estabelecidos pelo segundo plano quinquenal, que terminou em 1938. Com a tecnologia à sua disposição, os soviéticos não podiam aumentar a produção dos poços de Baku e de Grozny. Mas, quando a produção no Cáucaso baixou, novos jazigos foram descobertos na região entre o rio Volga e os Urais. Porém, devido a problemas tecnológicos, só após a 2.^a Guerra Mundial (1955) esses novos locais começaram a produzir em quantidade, nomeadamente Romashkino, que ultrapassou Baku, atingindo o seu pico em 1970.

Uma vez que as autoridades soviéticas restringiam o contacto dos seus técnicos com os especialistas estrangeiros, vários métodos de produção mais avançados, utilizados no Ocidente, não eram do conhecimento dos especialistas soviéticos. Mas, mesmo que os conhecessem, raramente tinham autorização para importar o equipamento necessário.

Quando a produção dos poços da região Volga-Urais começou também a decair, a queda foi compensada pela abertura de novas áreas na Sibéria Ocidental (Priobskoye), no rio Obi e nos seus tributários Konda e Irtysh em 1953, e o campo "supergigante" Samotlor, 800 km para Leste, em 1965. Ao passo que os campos da região Volga-Urais demoraram cerca de 20 anos a atingirem a produção máxima, os da Sibéria Ocidental demoraram apenas oito anos.

Notem a coincidência: a Sibéria Ocidental compensou a redução no Volga-Urais, assim como esta tinha compensado Baku. Sempre que uma região reduzia a produção, outra

região surgia (Ver Fig. 1)! Porém, este tipo de solução tinha também um lado negativo: adia a altura em que os soviéticos teriam de enfrentar a necessidade de utilizar os seus recursos com mais eficiência. De facto, estava em jogo um sistema de incentivos muito fraco. Os locais de exploração eram muito remotos, a iliteracia grassava, o legado opressivo do autoritarismo e da governação rígida desencorajavam a iniciativa individual. Tal restringia o pensamento criativo, pelo menos na área tecnológica.

Para perfurar com eficácia utilizando perfuradoras rotativas, estas e os tubos têm de ser de aço de boa qualidade, que aguentem a tensão e a pressão, à medida que se perfura mais fundo. O aço fabricado pelos soviéticos nos anos 1950's apenas permitia perfurar até 2.000 m. Apesar de ineficiente, era suficiente para os poços de Baku, mas não satisfaziam na região Volga-Urais. Porque razão a URSS, o maior produtor mundial de aço, não produzia aço de boa qualidade? O sistema soviético punha ênfase na quantidade, em vez de na qualidade, e os gestores não tinham incentivos para melhorar a qualidade! A inovação era causadora de problemas e, portanto, devia ser evitada!

Por outro lado, para as entidades estatais que supervisavam o petróleo, o gás era considerado como um produto secundário da extracção do petróleo, não constituindo prioridade e, como tal, durante muitos anos foi pura e simplesmente queimado. Ninguém se preocupou em construir gasodutos para o aproveitar!

Após 1973, com a Guerra do Yom Kippur e o embargo petrolífero árabe dela resultante, os soviéticos procuraram manter os preços tão altos quanto possível, para aumentar os lucros do país. O petróleo foi utilizado como uma poderosa arma diplomática e de política externa que abriu as portas do "terceiro mundo" à ideologia soviética e às iniciativas diplomáticas inerentes que, de outro modo, teriam permanecido fechadas ou, pelo menos, "entreabertas". Países africanos, asiáticos e da América Latina, que lutavam por se desligar das antigas potências coloniais e tinham problemas em conseguir moedas fortes, viram com bons olhos os preços mais baixos ou os empréstimos concedidos pela URSS, como modo de obter e ganhar influência. Foi assim utilizado como um modo de promover os objectivos políticos do Estado.

Não alinhando com o controlo de preços preconizado pela OPEP, criada em 1960, mas também não fazendo o jogo das grandes companhias ocidentais (Shell, Mobil, BP, Standard Oil

- hoje Exxon e Chevron - etc.), os soviéticos aumentaram o seu poder de influenciar politicamente e também o conteúdo dos seus cofres. O embargo imposto pela OPEP aos EUA e a vários países ocidentais deram à URSS uma oportunidade dourada. Após 1973, os consumidores de energia encararam a realidade e concluíram que os abastecimentos provenientes do Médio Oriente envolviam bastantes riscos e procuraram reduzir a sua dependência daquela região incerta.

A energia importada da Rússia tornou-se assim atractiva para aqueles que desejavam ser menos dependentes do Médio Oriente. Com a turbulência política e militar instalada naquela região, a Europa quis aproveitar uma fonte suplementar de energia. Dado que a Rússia estava no continente europeu, o petróleo e o gás poderiam ser distribuídos por oleodutos e gasodutos, caminhos-de-ferro ou auto-estradas. Tal significava não só viagens mais curtas, mas também menos vulnerabilidade ao terrorismo, aos desmandos da OPEP e embargos políticos idênticos ao de 1973. Seria a URSS mais digna de confiança?

Dadas as vantagens dos gasodutos, iniciou-se a sua construção entre a URSS e a Europa, apesar dos avisos lançados pelo presidente Reagan. O gasoduto ficou concluído em 1985 e os europeus ficaram mais confortáveis utilizando o gás natural importado da Rússia nas suas casas e fábricas. À medida que os campos do Mar do Norte, especialmente o gás fornecido pela Noruega, começaram a diminuir, a Rússia começou a fornecer uma parcela maior.

O presidente Reagan compreendeu as implicações políticas dessa dependência e tentou impedi-la, mas não conseguiu convencer os europeus. Não tinha esquecido o "bloqueio de Berlim" e percebeu os riscos geopolíticos que um tal empreendimento envolvia. A Alemanha entendeu os argumentos de Reagan como ideológicos e avançou com o projecto. Outros líderes europeus entenderam os riscos e tentaram procurar, desenvolver e promover fontes alternativas de abastecimento na Noruega e no Mar de Barents. Estabeleceram também um "tecto" de 30% do seu consumo para o gás russo, mas cedo esqueceram essa "promessa".

Quaisquer que fossem as precauções, uma paragem de alguns dias no fornecimento de gás seria inevitavelmente perturbadora.

Uma das alternativas possíveis ao gás dos gasodutos seria o LNG (gás natural liquefeito), mas tal seria extremamente oneroso e nunca uma alternativa apenas para emergências. Construir unidades processadoras para liquefazer o gás no local de exportação e para o reconverter no local de chegada era incomportável. O mesmo se aplicava a navios especialmente construídos para transportar esse tipo de gás.

Em 1975, a URSS produzia mais petróleo do que os EUA e tornou-se no maior produtor mundial. Em 1980, só a República Russa produzia mais do que os EUA. Mesmo após o colapso da URSS, por um breve período, a Rússia permaneceu como o maior produtor mundial. Só em 1992, a Arábia Saudita a ultrapassou. Em 1996, com a confusão económica e política que se gerou, a produção russa estava 45% abaixo da de 1990. Em 1999 a produção de "crude" começou de novo a aumentar, mas a Arábia Saudita manteve-se na liderança até 2006. Em 2007, a Rússia retomou o primeiro lugar na produção.

Os EUA, supostamente através da CIA, pressionaram a Arábia Saudita, em 1985, para aumentarem a produção e a exportação de petróleo. Aumentando o abastecimento global, fariam os preços descer; tal beneficiaria a economia americana e, ao mesmo tempo, comprometeria a economia soviética, influenciando o seu empenhamento no Afeganistão. Tal coincidiu com a subida de Gorbachev ao poder. Como previsto, os preços desceram em 1986 para metade do ano anterior, isto é, \$25,63/barril. Em 1988, desceriam ainda para menos de \$25/barril. De acordo com os arquivos do Politburo, a liderança soviética estava em pânico: a queda dos preços custou \$20 mil milhões por ano, tendo um impacto desestabilizador na URSS e contribuindo para a derrocada do sistema.

Em 1988, com os cofres vazios, más colheitas na agricultura, uma guerra cada vez mais impopular no Afeganistão, e uma economia doméstica em desordem, a URSS teve de prescindir de alguns excessos do planeamento centralizado. Isso explica talvez a decisão de Gorbachev em retirar as tropas do Afeganistão no início de 1989.

3. O colapso da URSS

Uma vez que, na última metade da década de 1970 e na primeira metade da década de 1980, a Rússia (então parte da URSS) tinha sido o maior produtor mundial de petróleo,

porque é que, em 1991, com toda essa riqueza mineral, a URSS colapsou? Porque não era uma superpotência energética então e o é agora?

Yeltsin não era um gestor nem um planeador. Politicamente, disse aos governadores provinciais para assumir todo o poder que pudessem. Desmantelou a economia de estado e espalhou o controlo económico de modo a que os oligarcas pudessem obtê-lo ao desbarato.

Era um sistema político e económico centralizado onde, de repente, a centralização política acabou. A economia começou a fragmentar-se e enxames de consultores ocidentais surgiram em cena, dando conselhos mas também enriquecendo com facilidade, juntando-se aos russos. Fortunas foram feitas de repente. Gente desconhecida tornou-se multimilionária do dia para a noite.

A desintegração da URSS fez soltar uma cascata de forças centrífugas, políticas e económicas. Yeltsin não teve problemas em forçar a dissolução da URSS em 15 repúblicas, apenas três das quais eslavas (Rússia, Bielorrússia e Ucrânia), mas decidiu que não haveria mais secessões e deu ordens para sufocar a rebelião na Tchetchénia, de tradições islâmicas.

Para além da fragmentação política, a separação fez desaparecer o espaço económico unificado, com consequências desastrosas que levaram quase à bancarrota. Em 1996, por exemplo, a produção de petróleo, sector crucial do país, foi apenas 47% da de 1987. As rivalidades para privatizar os vários jazigos petrolíferos, as refinarias e os oleodutos causaram enorme desordem. Além disso, com os preços do petróleo em cerca de \$20/barril, em meados da década de 1990, não existiam muitos incentivos para aumentar a capacidade de produção.

Quando o Estado transferiu a posse de todos esses bens para entidades privadas, tudo mudou! Não existia nenhum sistema previsto para pagamento de impostos e foi sem surpresa que, em 2000, quase 10 anos depois, apenas 3 milhões de russos, em 70 milhões, pagassem impostos. Do mesmo modo, não existiam mecanismos de mercado para os produtores e consumidores se reunirem, informarem, serem informados e negociar uns com os outros. Pior ainda, devido à política, à gula, a leis imperfeitas e à sua implementação corrupta, um pequeno número de investidores acabaram por controlar a maioria das empresas previamente estatais. Muitos desses oligarcas novos-ricos tinham sido membros de anteriores

governos. Pura e simplesmente tomaram conta das propriedades do estado que tinham gerido anteriormente como agentes do governo. Outro grupo de proprietários, mais restrito, emergiu de entre os operadores do "mercado negro" e cambistas ilegais, que sabiam operar em ambientes marginais. Neste ambiente caótico, um número crescente destes oligarcas tornou-se milionário. Tal não significava, porém, que fossem bons gestores.

No Ministério da Indústria do Gás as coisas não se passaram assim. Os indivíduos nas posições mais altas lutaram e conseguiram manter as várias empresas no âmbito do ministério. Em 1992, Boris Yeltsin autorizou a sua conversão numa empresa conjunta (*joint stock*) denominada Gazprom, cujas acções podiam ser detidas pelo Estado e por privados. 15% foram reservadas a funcionários da empresa. Nessa altura, o Estado manteve 40% das acções e, dado que o Estado era o accionista principal, o ministro, Viktor Chernomyrdin, com larga experiência no governo e no sector da energia, tornou-se presidente da nova entidade. A Gazprom tornou-se a primeira empresa comercial gerida pelo Estado, através de acções. Nesse mesmo ano, face ao sucesso na Gazprom, Yeltsin escolheu Chernomyrdin para seu vice-primeiro ministro, cargo de que se demitiu em 1998, pouco tempo antes do "crash".

O Ministério da Indústria do Petróleo teve uma sorte diferente, apesar de a sua privatização ter começado de modo idêntico. O primeiro passo, em Setembro de 1991, foi transformá-lo numa companhia de acções conjunta (Rosneftegaz) mas, ao contrário da Gazprom, que se manteve intacta, a Rosneftegaz foi rapidamente dividida numa dúzia de entidades independentes. No final de 1991, antes do colapso económico da Rússia, os campos petrolíferos de Langepaz, Urengoi e Kogalym, na Sibéria Ocidental, foram reunidos num "pacote" a que se deu o nome de LUKoil. Um ano depois, a Rosneftegaz deu origem a três novas companhias: Rosneft, Yukos e Surgutneftegaz. Dados os tempos que se viviam e a corrida para se apoderar dos bens do Estado, este processo tornou-se num esquema ilegal maciço, pois todos sabiam que o Estado seria incapaz de cobrar as taxas dos empréstimos bancários, pois os oligarcas, as suas companhias e os seus bancos estavam entre os maiores delinquentes fiscais.

Durante oito anos, a produção de petróleo continuou a decrescer. Em 1998 era de cerca de 60% do seu máximo. Com relutância, o governo russo permitiu a companhias estrangeiras (BP, Total, Royal Dutch Shell, Exxon-Mobil, etc.)

que adquirissem parte do capital social de companhias russas de energia, especialmente nos locais mais remotos e que necessitavam de actualização, pois que as companhias russas não possuíam a tecnologia requerida (i.e. "offshore" no Ártico e na ilha Sacalina).

Em Agosto de 1998, dado não conseguir encontrar emprestadores que quisessem comprar títulos do Estado, não ter dólares e divisas estrangeiras, e de não poder pagar as suas dívidas, o governo russo estava, de facto, na bancarrota! O frágil sistema financeiro russo caiu, debilitado pela insurreição política, as decadentes receitas do petróleo e uma privatização atamancada. Em desespero, o Banco Central foi forçado a anunciar que não poderia cumprir as suas obrigações e pagar aos credores. Este colapso foi agravado pelo caos financeiro que atingiu a Ásia de Sudeste no ano anterior. O petróleo, o mais importante produto de exportação, baixou de \$26 por barril em 1996, para quase \$15. Com os bancos fechados, o crédito sem valor, e a sua principal exportação em queda, a Rússia viu muitos dos seus negócios ruírem, e as perspectivas para a sua economia bastante negras.

Em Agosto de 1998, o governo russo foi obrigado a incumprir as suas dívidas, incluindo as suas obrigações nacionais.

4. A ascensão de Putin: O regresso do "czar"

Quando Putin assumiu funções, em Agosto de 1999, a Rússia estava ainda a recuperar do caos. Em 12 meses, Boris Yeltsin teve quatro primeiros-ministros: Kiryienko, Primakov, Stepashin e Putin. Um mês após o seu indigitamento como primeiro-ministro, Putin começou a apertar o controlo e ordenou o regresso das tropas russas à Tchetchénia, para reassumir a autoridade russa naquela república. Com este procedimento pôs um fim aos eventuais sonhos secessionistas nas regiões que tivessem ideias semelhantes.

A economia estava já a dar sinais de crescimento, mas o crédito deve ser dado a Primakov. Com o aumento do preço do petróleo, a economia russa tornaria quem quer que estivesse em funções num génio económico, mas o crescimento do PIB deu certamente popularidade acrescida a Putin.

Não se sabe ao certo o que o motivou, mas existem alguns indícios. Putin ficou chocado com o modo como Yeltsin actuou. Qualquer que fosse a sua motivação, era um centralizador e

tentou preservar e recuperar o que conseguisse dos poderes do estado soviético.

Qual a sua visão do mundo? Sabe-se que disse que o fim da URSS foi a maior calamidade geopolítica do século XX, um século em que aconteceram duas guerras mundiais em que morreram milhões de pessoas, um século onde existiram o nazismo e o Holocausto, o estalinismo e o Gulag. Mas, para ele, o desmantelamento pacífico da URSS foi a maior calamidade geopolítica desse século.

Porém, mais cedo do que se esperava, a economia mundial começou a recuperar. Em 1999, quando o preço do petróleo começou a aumentar para mais de \$100 o barril, a memória do colapso financeiro de 1998 e do seu impacto na Rússia, desvaneceram-se. Afortunadamente para Putin, a sua selecção como primeiro-ministro quase coincidiu com a recuperação dos preços, devido ao aumento do preço do barril de petróleo e o forte aumento da produção e da exportação do petróleo russo, que fizeram aumentar o valor do rublo relativamente às outras moedas. A sua primeira prioridade foi evitar que a situação política e económica da Rússia se deteriorasse mais. A desvalorização do rublo, juntamente com o aumento dos preços do petróleo, provaram ser uma bênção disfarçada. Este lucro inesperado explica a razão pela qual a produção industrial total aumentou 6,4% em 1999 e 10% em 2000, relativamente a 1999. Apesar de Putin ter iniciado funções no Verão de 1999, muitos (inclusivamente a revista "Time") o consideraram "o homem do ano", pensando que ele tinha sido o responsável pela reviravolta.

Em 2000, o preço do barril de petróleo chegou aos \$33, o dobro de dois anos antes. Muito do impulso para esta alteração foi em grande parte devido à recuperação na Europa e nos EUA, mas também a uma maior procura de petróleo e de gás na Índia e na China. Esta, que tinha sido exportador até 1993, em 2005 tinha-se tornado num importante importador (40% do seu consumo). Em 2004, o seu PIB cresceu 9%, mas o consumo de petróleo cresceu 16%, tendo tido, de 2001 a 2006, um crescimento médio de 11,4%, maior do que os 10% do crescimento médio do seu PIB nesse período. De 2001 a 2005, a China foi responsável por 40% do aumento no consumo de petróleo. Em 2005, o grupo de "países emergentes" originou 90% do aumento da procura.

Idêntico panorama é o da Índia. Importa agora cerca de 2/3 da energia que consome. Espera-se que passará a importar

ainda mais para continuar o seu crescimento, que tem sido de 8%/ano.

O estreitamento do mercado dos produtos energéticos e o aumento de preços que se seguiu tiveram um impacto directo na Rússia. Por isso, os oligarcas começaram a investir na exploração geológica e em melhor equipamento.

No início de 2001, Putin continuou a sua campanha aumentando o seu controlo sobre a Gazprom. Graças aos lucros provenientes das exportações energéticas, a Rússia passou a ser a terceira potência em reservas de ouro e divisas estrangeiras (\$420 mil milhões), apenas atrás da China e do Japão. Com tanta liquidez, o governo russo começou rapidamente a pagar as suas dívidas e, no final de 2006, tinha-as reduzido a cerca de metade.

A expansão do mercado exportador de recursos energéticos tem normalmente um impacto negativo nas indústrias domésticas e desencadeia uma luta denodada pelo controlo dos campos de petróleo, pelo menos em países onde o Estado permite companhias privadas no sector. Sempre que a indústria petrolífera e de gás natural começa a dominar a economia de um país, as instituições democráticas tendem a enfraquecer, senão mesmo a colapsar (i.e. Venezuela e Angola).

Putin começou por se manifestar contra o exagerado número de partidos políticos no país. Insurgiu-se também contra os OCS, por pensar que muitos oligarcas utilizavam os canais de TV que possuíam para atacar os interesses do Estado, em vez de os defender.

Putin fez voltar ao controlo do Estado as abundantes as matérias-primas e os recursos naturais. Em vez de permitir que as empresas controladas pelos oligarcas se focalizassem apenas nos lucros, propôs que elas deveriam ser utilizadas em proveito dos interesses nacionais. Por outro lado, deixou entender que a Rússia agradecia os investimentos de capital estrangeiro, mas esses investidores tinham de compreender que a Rússia reteria o controlo das operações.

Parte da estratégia de Putin está na reimposição, não só do controlo, mas da posse pelo Estado de pelo menos 50%+1 das acções da maioria das companhias petrolíferas, metalúrgicas ou de confecção de produtos manufacturados que tinham sido privatizadas no início dos anos 90.

Como passo inicial, Putin colocou nas empresas estatais administradores que pudesse manobrar para atingir aquelas finalidades. Tal obrigou à remoção de vários dos oligarcas mais influentes e poderosos das empresas recém-privatizadas. Como resultado, de 2000 para 2007, a percentagem dos lucros do Estado na produção de petróleo triplicou.

Começou também a perseguir os oligarcas novos-ricos que não eram oriundos da "nomenclatura". A sua "mensagem" era um aviso para impedir ataques nos OCS e interferências na Duma (Câmara Baixa do Parlamento) sobre as suas políticas. A maior parte deles compreendeu a "mensagem". Um dos poucos que não a aceitaram foi Mikhail Khodorkovsky, administrador da Yukos, de um banco, com interesses em estações de televisão e um dos homens mais ricos da Rússia. Foi preso em finais de 2003 e acusado de evasão fiscal, roubo, fraude, falsificação e extorsão. A sentença final foi de 23 anos de prisão. A Yukos foi declarada na bancarrota e englobada noutras empresas estatais (i.e. Rosneft) por processos obscuros. Este caso passou a ser uma "pedra no sapato" na posição oficial de que a Rússia era "um país normal", um "estado de direito", mas teve o efeito desejado por Putin: o desaparecimento de Khodorkovsky da cena económica e política, o desmembramento da Yukos, a sua renacionalização e redistribuição efectivas, e evitar que caísse nas mãos de empresas estrangeiras, como a Exxon-Mobil.

Mas nem todos concordam com tudo, mesmo na Rússia. O líder do Partido Yabloko, um dos mais pró-ocidentais, disse numa entrevista ao "Economist" em 2006: *"Boris Yeltsin tomou algumas decisões erradas na direcção certa, a da democracia; Putin tomou medidas certas na direcção errada, a de um petro-estado autoritário"*.

Talvez a sua decisão mais controversa tenha sido ignorar o cessar-fogo aceite em 1996 por Yeltsin e ter ordenado o regresso das tropas russas à Tchetchénia em 1999, em retaliação contra os ataques bombistas em Moscovo e outras cidades. Ainda hoje não há a certeza de os tchetchenos terem sido os responsáveis por esses atentados.

Contudo, a contribuição mais significativa de Putin para o renascimento da economia russa, foi a adopção da ideia de empresas "campeãs nacionais". Foi a sua ideia de fazer convergir os interesses do Estado com as capacidades do sector privado. Percebeu correctamente que a Rússia pouco tinha na sua economia que pudesse igualar os seus recursos energéticos e minerais. Utilizados com perícia, o petróleo, o

gás e outros minerais exóticos, colocados por Yeltsin sob o controlo de oligarcas e das suas empresas, podiam ser utilizados para defender os interesses do Estado.

Putin manteve o conceito de privatização, apesar de usar argumentos subtis (e por vezes a intimidação) para convencer as empresas que deviam apoiar o que ele tinha definido como interesses estratégicos ou geopolíticos do país.

O aparecimento da China e da Índia como vorazes consumidores de energia e de metais colocou a Rússia e os seus abundantes depósitos numa forte posição negocial. Aproveitando estas alterações nas condições do mercado, Putin utilizou habilmente o potencial energético da Rússia para fazer avançar a sua agenda económica e política, assemelhando-se por vezes ao que Lenine denominou como "imperialismo económico" soviético.

Este imperialismo económico não se limitou ao exterior. Após a revolução de 1917 e a desintegração da URSS em 1991, o governo achou necessário oferecer concessões a empresas energéticas estrangeiras, porque as empresas russas não eram capazes de explorar os depósitos petrolíferos do país, principalmente aqueles localizados "offshore". Mas após as suas indústrias terem recuperado economicamente o suficiente, ou não cumpriam os acordos contratuais, ou encontravam pontos fracos (suspeita de evasão fiscal, regras ambientais, etc.) para os denunciar, como fizeram na Sacalina e em Kovykta, na Sibéria Oriental.

A bancarrota e a renacionalização da Yukos foi um exemplo claro de como o Estado utilizava medidas extremas para voltar a ter o controlo de uma empresa privada. Para as vítimas, era uma forma de "imperialismo económico" doméstico.

Será a posse de grandes reservas de petróleo e de gás natural uma bênção ou uma maldição para um país? Na Noruega não foi uma maldição porque o país há muito que estava industrializado e democratizado. Ao contrário, é difícil de ver que países como a Líbia, o Irão, a Nigéria, ou mesmo a Arábia Saudita, tenham beneficiado das suas riquezas energéticas. Existe o perigo, como a maioria dos países da OPEP descobriram, que ter o petróleo e o gás natural como principal exportação, pode corromper um país, colocando em lugar secundário indústrias com mais trabalho intensivo, o desenvolvimento de tecnologia e o capital humano.

Após um período de dificuldade em ser auto-suficiente, a Rússia emergiu como uma outra espécie de superpotência, que assenta o seu poder na economia e na energia. O papel do petróleo e do gás na Rússia é uma história de descoberta, intriga, corrupção, riqueza, maus julgamentos e decisões, gula, apoios financeiros, nepotismo e poder.

5. A utilização político-estratégica dos recursos energéticos fósseis

O embargo petrolífero que se seguiu à “guerra do Yom Kippur”, de 1973, ensinou o Ocidente que a manipulação do abastecimento de energia poderia ter repercussões financeiras importantes e poderia também ser uma poderosa arma política.

Determinados em reduzir a sua enorme dependência energética do Médio Oriente, os líderes europeus dos anos 1980, nomeadamente os alemães H. Kohl e G. Schroeder, concluíram que deviam diversificar as suas fontes de abastecimento. Daí, terem-se virado para a URSS e, posteriormente, para a Rússia.

Embora a compra de petróleo e de gás natural à Rússia tenha as suas vantagens, também comporta bastantes riscos, especialmente para os consumidores de gás natural. Os gasodutos são de construção extremamente cara, e ninguém pode construir um segundo gasoduto para outro fornecedor como alternativa ou em emergência. Deste modo, embora a rede europeia de gasodutos tenha ligações a três fontes principais de abastecimento (Rússia, Argélia e Mar do Norte), os países consumidores tendem a depender de uma só fonte e isto torna-os vulneráveis perante esse abastecedor. O LNG (gás natural liquefeito) pode ser transportado por via marítima e poderia servir como alternativa, mas requer muitos milhões de investimento, quer para os transportadores, quer para as refinarias de transformação.

No seu esforço de diversificação, os europeus decidiram também reduzir a sua dependência do petróleo e do carvão. Em 2004, 78% da energia em França é de origem nuclear. Por razões ambientais, a Alemanha começou por utilizar a energia nuclear em 30% das suas necessidades mas, posteriormente,

desactivou-a. Face à sua proximidade com a Rússia, aceitaram complementar o gás natural que vinham recebendo do Mar do Norte, com um gasoduto vindo da Rússia. Por outro lado, a construção do gasoduto e dos compressores associados gerariam empregos na Europa.

A Rússia não é a única fonte de abastecimento de gás da Europa. A Noruega e a Argélia são também fornecedores importantes, bem como o Reino Unido e a Holanda. Mas as suas reservas estão a esgotar-se. A Rússia fornece mais de 25% do gás que a Europa consome. A Finlândia e os Países Bálticos dependem da Rússia a 100%; a Alemanha em cerca de 40%. À medida que as reservas dos outros fornecedores vão diminuindo, a dependência da Rússia irá aumentar. (Ver Fig. 2)

Durante vários anos, a Gazprom, tal como o Ministério do Gás antes dela, manteve intencionalmente os preços do gás natural que vendia dentro das fronteiras da ex-URSS bastante abaixo dos praticados no Ocidente. Tal teve por finalidade facilitar a industrialização soviética.

Apesar das repetidas afirmações dos seus dirigentes de topo que *"A Federação Russa sempre cumpriu, inteira e completamente, as suas obrigações, e continuará a fazê-lo"*, a Gazprom reduziu significativamente o seu fornecimento à Ucrânia, à Geórgia e à Moldávia, em Janeiro de 2006, com o argumento que se tinham recusado a pagar o preço de mercado europeu. Porém, outros países clientes da Rússia, como a Bielorrússia e a Arménia, pagavam preços mais baixos, todos perceberam que a Rússia estava a utilizar o seu gás como uma arma mais política do que económica.

Pouco tempo depois de assumir o cargo de presidente da Ucrânia, no início de 2005, Victor Yushchenko esfriou as suas relações com a Rússia e tentou uma aproximação ao Ocidente. Reagindo, a Gazprom, incitada por Putin, avisou que tal atitude levaria à cessação dos subsídios no preço do gás. Se Yushchenko estava disposto a ter uma relação mais chegada com o Ocidente, deveria estar preparado para pagar os mesmos preços. No início de 2006, a Gazprom pediu à Ucrânia \$150 por 1000 m³, um aumento de 300% sobre o preço anterior. Recusando ser ameaçada, a Ucrânia insistiu em pagar um preço mais baixo, tal como a Bielorrússia, pois era isso que estava nos contratos. A Gazprom insistiu que os contratos tinham expirado e reduziu o abastecimento, o suficiente apenas para cumprir as suas obrigações para com os clientes da Europa Ocidental. A Ucrânia, argumentando que

a Gazprom tinha violado o contrato, continuou a utilizar a mesma quantidade de gás, ficando a Europa Ocidental, que pagava a totalidade, apenas com a quantidade restante.

Estas divergências entre a Rússia e a Ucrânia lançaram dúvidas sobre a integridade e a transparência das trocas económicas. Os argumentos da Rússia enfraqueceram quando se soube que 60% do gás fornecido à Ucrânia provinha do Turcomenistão, a quem a Gazprom recusava pagar mais de \$46 por 1000 m³.

Tudo isto ilustra que o controlo que a Gazprom exercia sobre a rede de gasodutos era um dos argumentos estrategicamente mais valiosos que a Rússia possuía. Os países da Ásia Central apenas podiam exportar gás para a Europa através dos gasodutos russos!

Decorrem esforços, desenvolvidos pelos EUA e alguns países europeus para construir um gasoduto alternativo sob o Mar Cáspio, da Ásia Central para Baku. Esse gasoduto correria paralelo àquele outro, privado, que liga Baku, Tbilisi e Ceyhan, Turquia, no Mediterrâneo. Os russos, juntamente com a empresa italiana ENI, estão a fazer todos os possíveis para evitar que tal aconteça.

Quanto à Geórgia, dado o seu papel crucial nesta ligação, tem sido alvo de desestabilização por parte da Rússia, para evitar que possa operar o gasoduto com normalidade. Se a Geórgia for envolvida em instabilidade, os investidores não quererão arriscar investimentos nesse segundo gasoduto. Tal explica, pelo menos parcialmente, o apoio aberto dado às exigências de secessão da Ossétia do Sul e da Abkhazia.

Mas a Rússia não fez apenas isso! Em 2006, declarou um embargo às importações de vinho, água mineral, fruta e legumes, as principais exportações georgianas. Ao mesmo tempo, encerrou os serviços postais e de transportes para a Geórgia, restringindo assim o seu meio de ligação mais importante para o exterior. Expulsou também georgianos que viviam e trabalhavam na Rússia, fez vários cortes de energia e o gasoduto da Rússia para a Geórgia explodiu misteriosamente. Tudo isto coincidiu com a campanha contra a Ucrânia e a aplicação de medidas idênticas à Moldávia.

Subindo a parada, a Gazprom exigiu que lhe fosse concedida a posse dos gasodutos para a Geórgia e para a Moldávia. Em 2007, os dois países aceitaram pagar mais pelo gás (no caso da Geórgia, \$235 por m³). A Geórgia recusou as exigências da

Gazprom sobre os gasodutos, mas a Moldávia e a Arménia sucumbiram e acederam em vender uma percentagem e o controlo das suas redes de distribuição.

A Geórgia conseguiu quase imediatamente alternativa para o fornecimento de gás, primariamente do Azerbaijão. Se a intimidação à Geórgia não resultou, a Rússia continuou a pressionar a Ucrânia e, em 2007, mesmo o seu aliado de sempre, a Bielorrússia, teve de aceitar um preço de \$100 por 1000 m³, o dobro do ano anterior. Em resposta, a Bielorrússia impôs um preço de passagem de \$45 por tonelada de petróleo vendido à Europa Ocidental e cujo oleoduto passava por solo bielorrusso. Após 10 dias de alterações, os dois países chegaram a acordo: \$53 por 1000m³ de gás e nenhum preço de passagem para o petróleo.

O problema da Geórgia não é pois o seu presidente, Saakashvili, a "revolução das rosas", a Ossétia do Sul, ou a Abkhazia. É o óleoduto Baku-Ceyhan!

Os novos países da Ásia Central estão realmente vulneráveis. Desde que não exista alternativa aos gasodutos controlados pela Gazprom para transportar o seu gás para a Europa, têm de aceitar o preço ditado por aquela empresa, ou conseguir clientes na Ásia. Isto explica o interesse demonstrado pelo Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão no gasoduto sob o mar Cáspio.

Os oleodutos e gasodutos a construir sob o Cáspio têm tido a oposição russa com o argumento de que o estatuto legal do Mar Cáspio não está ainda definido internacionalmente. Os cinco países que o circundam (Rússia, Azerbaijão, Irão, Turcomenistão e Cazaquistão) não conseguem acordo nem consenso sobre esta matéria. Se for considerado como "mar", existirão precedentes e tratados garantindo o acesso de navios estrangeiros. Se for considerado meramente um "lago", essas obrigações não existem. O estatuto regulará três assuntos principais: acesso aos recursos energéticos, acesso à pesca e a águas internacionais, através da rede de canais que ligam o Mar Negro e o Mar Cáspio, através do rio Volga, ao Mar Báltico (recorde-se que a rede de canais é território russo, e que o Azerbaijão, o Cazaquistão e o Turcomenistão não têm costa marítima) e problemas ambientais e de poluição.

Conscientes de quanto estão à mercê de futuros cortes, vários países europeus estão a pensar vias alternativas de abastecimento. De qualquer modo, outros produtores de gás natural da Ásia Central (Cazaquistão, Turcomenistão e

Uzbequistão) não podem fornecer gás à Europa, pois estão dependentes dos gasodutos da Gazprom, herança ainda da era soviética. Alguns dos países europeus têm tentado quebrar este monopólio, apoiando outro gasoduto que atravessaria submerso o Mar Cáspio, ligando a Ásia Central ao Azerbaijão. No final de 2006, um consórcio liderado pela BP iniciou a construção de um gasoduto no Sul do Cáucaso, destinado a transportar gás natural do Mar Cáspio (costa do Azerbaijão) e daqueles países da Ásia Central, através do Azerbaijão, Geórgia e Turquia, para o porto turco de Ceyhan, no Mediterrâneo, paralelamente ao óleoduto que já existe. Daqui, o gás seria transportado pelo gasoduto NABUCCO (a ficar concluído em 2011), passando pela Bulgária, Roménia, Hungria e Áustria) para a Europa Ocidental. (Ver Fig. 3)

A Rússia, através da Gazprom, aumentou imediatamente o fornecimento à Turquia pelo gasoduto Blue Stream, sob o Mar Negro. Enviou também uma delegação à Hungria, com uma proposta de gás mais barato e mais rápido, de um contrato atractivo de longa duração, e de passar a ser a Hungria, e não a Áustria, o núcleo de distribuição europeia. No início de 2007, os húngaros acederam a receber metade por cada gasoduto.

Putin e a Gazprom lançaram também um projecto, envolto em controvérsia, de um gasoduto (*Nord Stream*) sob o mar Báltico directamente para a Alemanha (Ver Fig. 4). Claro que cortar o abastecimento de gás à Alemanha seria muito mais problemático do que fazê-lo à Ucrânia, mas seria possível. Os países da região opuseram-se ao projecto, justificando essa posição pelos danos ecológicos que traria ao já muito poluído Báltico. A Suécia e a Estónia defendem que o projecto tem de ter a aprovação de todos os países cujo território fosse atravessado pelo gasoduto e, por esta razão, o projecto foi adiado no mínimo por um ano. A Suécia opõe-se também por desconfiar que a Rússia utilizará o gasoduto para instalar equipamentos subaquáticos para escutas secretas de comunicações.

6. A nova arma secreta sem restrições da superpotência: o gás natural.

Enquanto a Arábia Saudita possui as maiores reservas de petróleo bruto, a Rússia tem as maiores reservas de gás natural (cerca de 28% das reservas mundiais). O Irão é o segundo, com cerca de 15% e o Qatar segue-se com cerca de 14%. O Canadá, que é um dos principais fornecedores dos EUA, detém apenas 1%. A Rússia tem pois uma posição

dominante. As suas reservas e os seus gasodutos, se estrategicamente utilizados, podem dar-lhe uma potencial arma política e económica poderosa. Putin compreendeu este potencial e reconheceu quase instintivamente que a Gazprom seria uma "bandeira" ideal.

Em 2006, segundo ele, a Gazprom era a terceira maior empresa mundial, apenas atrás da Exxon-Mobil e da General Electric (a Microsoft empurrou-a posteriormente para quarto lugar).

Hoje em dia, se a Rússia ou a Gazprom ameaçarem suspender o fluxo do seu gás natural, muito pouco se pode fazer para o impedir. A Rússia tem efectivamente o monopólio do gás que fornece através dos seus gasodutos. Após cerca de 20 anos, o gás natural russo tornou-se uma parte integral das economias dos países que serve (Ver Fig. 4). Se ele fosse reduzido, os consumidores na Alemanha ou noutros países da Europa Central teriam sérios problemas para encontrar substituto. O carvão poderia sê-lo, mas seriam necessários muitos meses para fazer os ajustamentos necessários e pelo menos um Inverno passaria entretanto. Por isso, um gasoduto se parece com um cordão umbilical.

É por esta razão que o sucesso ou falhanço político e económico da Rússia, através da Gazprom, a coloca numa posição mais forte do que nunca (mesmo durante a "guerra-fria") relativamente à Europa Ocidental.

A sua influência poderia ser reduzida se os europeus conseguissem um processo de ter acesso ao gás natural da Ásia Central, sem ter de passar pela Rússia. Esta rota alternativa tem sido apoiada pelos EUA e pela UE e é considerada por ambos como uma prioridade.

Outra alternativa para os países da Ásia Central é virarem-se para Leste e vender à China, à Índia ou ao Irão. O Cazaquistão já construiu um oleoduto para a China. O acesso da China aos três países da Ásia Central permitir-lhe-á ter uma posição negocial mais dura com a Rússia e com a Gazprom sobre preços.

Alguns economistas apontam o facto da construção de 1 km de gasoduto custar em média à Gazprom três vezes mais do que às outras empresas mundiais. Os russos defendem-se dizendo que constroem a maior parte dos seus gasodutos em gelo permanente ou em áreas pantanosas. Dada a alta latitude onde se localizam muitos dos depósitos energéticos russos e, por vezes, no mar, e a distância a que estão de potenciais

consumidores estrangeiros, o seu transporte não é tarefa fácil, pois os invernos russos são longos e muito frios (que o digam Napoleão e Hitler) e os portos sem gelo e de águas profundas são poucos ou inacessíveis. Além disso, os grandes rios da Sibéria correm todos para Norte, para o Ártico, e não para Leste ou para Oeste, onde se encontram os potenciais consumidores.

Para complicar ainda mais o problema, alguns cépticos afirmam que a Rússia se comprometeu com demasiadas obrigações e que a Gazprom não investiu o suficiente na melhoria e no desenvolvimento de novos jazigos. A tecnologia de perfuração russa tem-se deixado atrasar relativamente ao ocidente, particularmente a utilizada "offshore" e alguns técnicos dizem que cerca de 30% dos gasodutos e outros equipamentos essenciais necessitam de substituição. De acordo com os mesmos especialistas, as empresas russas queimam cerca de 15 mil milhões de metros cúbicos de gás como subproduto da extracção de petróleo, um desperdício enorme.

A Gazprom tem continuado a manter um controlo monopolista apertado, não só sobre a rede nacional de gasodutos, mas também sobre a produção. Ocasionalmente, quando sente a necessidade de renovar a tecnologia necessária para explorar os locais mais difíceis (i.e. na Sacalina e no mar de Barents), a Rússia aceita com relutância a intervenção de companhias estrangeiras mas, tal como no passado, quando começam a controlar os novos processos, volta a reduzir drasticamente o envolvimento estrangeiro. Apesar de estar actualmente mais aberta ao exterior, o sentimento de paranóia e de xenofobia da época soviética ainda não desapareceu completamente. Este problema vem já dos tempos soviéticos, quando a URSS proibia muitas das suas empresas e técnicos de terem acesso ao Ocidente, por medo de "contaminação ideológica".

Como exemplo desta postura, em 2007 Putin queixou-se que existiam demasiados estrangeiros com posições de relevo em empresas russas, em especial naquelas que produziam matérias-primas.

Desde o fim do séc. XIX que existiam provas da existência de petróleo na ilha Sacalina, situada no Mar de Okhotsk, a Norte do Japão (Ver Fig. 5). Porém, devido às condições climáticas extremas e ao trabalho "offshore", não foi possível explorar aqueles depósitos por si só. Em 1975, as autoridades soviéticas acederam a permitir a exploração de petróleo e gás por empresas japonesas. Esta foi uma das raras ocasiões em

que foi permitida a uma empresa estrangeira actividade comercial dentro da URSS. As condições de trabalho na Sacalina são das mais extremas do planeta: o mar está gelado durante a maior parte do Inverno, não permitindo o trabalho e as placas de gelo são um perigo constante para as brocas de perfuração. A Exxon-Mobil resolveu o problema das placas de gelo perfurando verticalmente em terra firme e, depois, redireccionando o furo horizontalmente sob o fundo do mar. Os russos não tinham tido acesso a esta tecnologia.

Não muito tempo depois, contudo, quando as companhias quiseram rever as verbas estabelecidas, porque os custos tinham ultrapassado bastante o previsto, a Rússia pressionou para renegociar o acordo inicial.

O que se pode concluir deste e de outros casos semelhantes é que a Rússia, uma vez de posse das ferramentas necessárias para revitalizar o sector energético, deixam de agir como pedintes. Para utilizar termos correntes, têm a faca, o queijo e o pão na mão, e portanto podem fazer o que quiserem. O problema é que não fazem de um modo "civilizado". Se a Rússia pretende ser - como parece querer merecer - um membro do G-8 países de economia de mercado desenvolvidos e democráticos, não pode continuar a agir como no passado.

Os sauditas tradicionalmente nunca deixaram oscilar demasiado o preço do petróleo. Assim, quando os preços baixam bastante, pressionam os outros membros da OPEP para reduzir a produção. Por vezes, fazem-no unilateralmente. Do mesmo modo, quando os preços sobem muito, utilizam as suas reservas para aumentar a produção.

O aumento rápido dos preços no início dos anos 2000 levou a uma dessas reacções sauditas. Após subirem de \$15/barril em 1998, para \$77/barril em meados de 2006, os preços estabilizaram no início de 2007 um pouco abaixo dos \$50.

Quando a OPEP reduz a sua produção, a Rússia normalmente aumenta a sua. Por isso, em finais de 2006, a Rússia voltou a ser o maior produtor mundial. No início de 2007, com o barril de petróleo a rondar os \$100, a Rússia e as empresas petrolíferas prosperavam.

Mas o que realmente fez alterar os termos da equação foi a chegada da China e da Índia ao mercado!

Com esta nova dinâmica, os mercados e fornecimentos de energia vão ser mais apertados. Substitutos e mercados

adicionais tornar-se-ão mais difíceis. Enquanto esta situação fortalece os produtores (e explica parcialmente o comportamento e o perigo de gente como Hugo Chavez), ela é particularmente importante para a Rússia. As suas reservas confirmadas são quase iguais às da Arábia Saudita, cerca de 42% das reservas "não OPEP". Adicionalmente, grande parte da Rússia continua inexplorada pelos geólogos, sendo ainda possível encontrar mais petróleo e gás.

Enquanto as exportações de petróleo faziam da Rússia um país rico, permitindo-lhe pagar as suas dívidas externas, o seu monopólio do gás natural e dos gasodutos que o transportam para Ocidente, transformaram a Rússia numa superpotência energética com renovado ímpeto político.

A Rússia tem resistido a ser membro da OPEP porque não quer subordinar as suas decisões às de um grupo, preferindo que sejam outros a coordenar os cortes a efectuar. Isto permite-lhe aumentar a sua própria produção para beneficiar da subida dos preços que os cortes da OPEP proporcionam. Foi isso que fez em 1973.

Em 2006-2007, debateu-se se a Rússia poderia criar algo semelhante à OPEP relativamente ao gás natural. Os seus principais parceiros seriam seguramente o Irão, o Qatar e a Argélia. Porém, o mercado do gás é diferente do mercado do petróleo. Os países produtores de gás não podem mudar o destino dos seus fornecimentos facilmente.

A diplomacia russa dos gasodutos não se restringe à Europa. As dinâmicas economias asiáticas também são mercados importantes para as exportações energéticas russas, nomeadamente da ilha Sacalina e do campo Kovytko, na Sibéria Oriental, perto de Irkutsk e do Lago Baikal. O Japão, a Coreia do Sul, a China e possivelmente a Índia são mercados potenciais. Em 2006, numa visita à China, Putin indicou que construiria dois gasodutos para a China. Dadas as distâncias envolvidas, construir um gasoduto para a China é um enorme desafio de engenharia. Porém, a empresa estatal petrolífera cazaque construiu já um oleoduto de 970 km entre o Cazaquistão e a província do Xinjiang, no Noroeste da China, que irá ser ampliado até às margens do Cáspio.

Em Fevereiro de 2007, na Conferência Anual de Política de Segurança de Munique, criticou abertamente a NATO por instalar bases na Europa Central (em países do ex-Pacto de Varsóvia) e, em Junho, num discurso dirigido a empresários russos e ocidentais, Putin criticou abertamente o modo de

funcionamento do FMI, chamando-lhe "arcaico, não-democrático e inadequado", acusou os EUA, a UE e o Japão de dirigir a organização como se tratasse de um "clube privado", e questionou porque só o dólar e o euro podiam servir como divisas internacionais.

No mesmo ano, na Conferência de Segurança de Munique, disse a uma audiência NATO qualquer coisa como: "Quando estávamos fracos, caídos no chão, vocês, os ocidentais, pisaram-nos. Agora, recuperámos as forças e não seremos pisados de novo."

Ainda em 2007, Putin afirmou em Zagreb, numa conferência internacional sobre energia, que "em 40 anos, apesar das alterações globais sérias, a Rússia nunca quebrou um compromisso contratual". Porém, é sabido que, em várias ocasiões, antes e depois de 1991, os abastecimentos de produtos energéticos foram várias vezes cancelados quando um cliente se opunha aos objectivos políticos e/ou económicos da URSS/Rússia: a Jugoslávia de Tito, Israel em 1956 e os países bálticos em 1990. O mesmo sucedeu mais recentemente, como já foi referido, com o fornecimento de gás natural à Ucrânia, à Bielorrússia, à Geórgia e à Moldávia.

Para a Rússia, em termos de soberania, é muito difícil controlar o seu imenso território do Oriente, com um clima extremamente agreste, com uma profunda crise demográfica, alcoolismo, uma das taxas de mortalidade mais elevadas do mundo, imigração e a pressão da China.

Mesmo tendo a população a crescer, a Rússia tem um problema em encontrar gente para viver nas províncias marítimas do Extremo Oriente. Como consequência, apenas 4,6% da população russa ocupa 36% do seu território. Assim, ao passo que, naquela região, a população russa diminui, a população chinesa imediatamente adjacente à fronteira, ao longo do rio Amur, está a crescer rapidamente e já ultrapassou os 38 milhões.

7. Conclusão

As condições económicas e financeiras da Rússia melhoraram substancialmente desde o colapso de Agosto de 1998. A sua recuperação foi quase considerada um milagre político e económico. A quase totalidade da dívida externa foi paga, e tem agora mais de \$500 mil milhões em divisas fortes. Mas um colapso significativo no preço da energia terminaria com o seu estatuto de superpotência energética. Países com uma

“monocultura” baseada na energia têm amiúde problemas económicos, sociais e políticos complicados. Até agora, a Rússia tem tido mais benefícios do que contratempos. A sua riqueza em gás natural e em petróleo, numa época em que os mercados parecem estar superlotados durante os próximos anos, dá à Rússia um poder político e económico sem precedentes.

Nos tempos mais próximos, não parece existir modo de conter o comportamento russo. Enquanto acumulam mais dólares e mais euros, irão utilizá-los para alargar os seus investimentos fora do país. Por outro lado, está a aumentar o investimento nas suas forças armadas. Em 2005, as despesas militares aumentaram 27% relativamente a 2004 e, em 2007, 22% relativamente a 2006.

Putin é um homem racional e não tentará recriar uma nova URSS. Mas fará duas coisas: vai tentar isolar a Ásia Central para manter o Ocidente o mais possível de fora; e vai tentar submeter estados como a Ucrânia e a Geórgia porque eles são geopoliticamente críticos. Existe ainda uma outra dificuldade que Putin não consegue resolver: o que acontecerá à estrutura política e social quando ele abandonar o cargo?

Bibliografia

GOLDMAN, Marshall I. - “Petrostate - Putin, power and the new Russia”, Oxford University Press, New York, 2008.
BRZEZINSKI, Z. & SCOWCROFT, B. - “America and the world”, Basic Books, New York, 2008.
FERGUSON, Niall - “A ascensão do dinheiro - uma história financeira do mundo”, Civilização Editora, Porto, 2009.

Major Russian oil basins



Source: IEA

Fig. 1 – Principais bacias energéticas russas



Fig. 3 – Oleoduto NABUCCO



Fig. 4 – Oleoduto Nord Stream



Fig. 5 – Ilha Sacalina

[11]* **Mestre em Estratégia pelo ISCSP.**
\$ = US dólares.

[12] **Situação que ficou conhecida como MAD (Mutual Assured Destruction) = destruição mútua garantida.**

[13] **www.eia.doe.gov/emeu/cabs/Russia/Maps.html,
2008-05-11.**

[4] www.google.pt/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/41/Nabucco_Gas_Pipeline-fr.svg/800px-Nabucco_Gas_Pipeline-fr.svg.png&imgrefurl, 2009-05-11.

[5] [http://en.wikipedia.org/wiki/Nord_Stream,](http://en.wikipedia.org/wiki/Nord_Stream) 2009-05-11.

[6] [http://en.wikipedia.org/wiki/Sakhalin-II.](http://en.wikipedia.org/wiki/Sakhalin-II)

Nova doutrina militar da Rússia



Embaixador Pavel Fiodorovitch Petrovskiy*

De acordo com o Decreto-lei do Presidente da Rússia, Dmitriy Medvedev, no dia 5 de Fevereiro de 2010, foi estabelecida a nova doutrina militar da Federação da Rússia, que tem provocado grande interesse por parte da comunidade internacional. Infelizmente numa série de países não tardaram a aparecer os comentários baseados no falseamento dos estatutos do novo documento - em particular, que a OTAN foi alegadamente denominada como ameaça principal para a Rússia, bem como vai ser diminuído o limiar de uso das armas nucleares. Neste contexto queria esclarecer os seguintes pontos-chave.

Na nova doutrina militar foram conservadas as bases do documento de 2000 que não perderam a sua actualidade. Ao mesmo tempo foram levadas em conta todas as mudanças que ocorreram no país e no mundo nos últimos dez anos. Em primeiro lugar quero sublinhar, que de acordo com a nova doutrina militar, a Rússia dá prioridade ao uso dos meios políticos, diplomáticos, e ao direito da defesa dos seus interesses nacionais.

Na nova doutrina militar, sublinha-se que os objectivos principais da política militar da Rússia - é a prevenção e a

contestação dos conflitos, não a ingerência do nosso país na corrida aos armamentos. Tem importância de princípio que no documento está reflectida a fidelidade da Rússia para o cumprimento estrito dos estatutos da ONU, os princípios gerais estabelecidos e normas de direito internacional, assim como os nossos acordos internacionais no domínio da defesa, controlo sobre armas e desarmamento. E mesmo neste contexto, afirma-se que a Rússia considera razoável a utilização das forças armadas e outros tipos de forças para rechaçar a agressão que venha a sofrer ou os seus aliados, ou para manutenção da paz, conforme a decisão do Conselho de segurança da ONU e outras estruturas de segurança de carácter colectivo.

Na doutrina constata-se que, apesar do abrandamento da confrontação ideológica e a formação do mundo multipolar, a arquitectura existente da segurança internacional, incluindo os seus aspectos de direito internacional não assegura segurança igual para todos os Estados. Os objectivos fixados nas declarações políticas nos inícios dos anos 90, em primeiro lugar, a ordem sobre a indivisibilidade da segurança na prática não se cumprem. E é em face o desejo, que a indivisibilidade da segurança fosse só no espaço da OTAN, artificialmente ressaltando a possibilidade de garantias de segurança igual para os não-membros da Aliança, inclusive a Rússia.

É impossível não reconhecer que as novas realidades na Europa contemporânea exigem a introdução de mudanças sérias no sistema de segurança no espaço Euro-Atlântico. Muitos conflitos regionais perto das fronteiras da Rússia ficam sem solução, continuam a existir tendências para resolve-los por métodos de força, vendo-se nalgumas regiões o reforço das ameaças de carácter militar contra o nosso país.

Tomando em conta essa análise, no documento estão actualizadas as novas ameaças militares externas. Incluem a aproximação da infra-estrutura dos países-membros da OTAN para as fronteiras da Rússia, criação e desenvolvimento dos sistemas de defesa antimíssil estratégicos perto das nossas fronteiras, sem tomar em conta as nossas preocupações. Isso mina a estabilidade global. Continua a propagação das armas de extermínio em massa, dos mísseis e suas tecnologias, aumento da quantidade dos estados possuidores de armas nucleares, o terrorismo internacional.

Passando à questão que provocou mais polémica numa série de países no contexto da leitura deturpada da nova doutrina militar, quero, em primeiro lugar, chamar a atenção para o seguinte facto. Trata-se da OTAN no ponto 8 da doutrina - "Os

perigos principais militares externos”, e não no ponto 10 - “As principais ameaças militares externas”. Por isso as especulações sobre o assunto, de que a Rússia considera a OTAN como “ameaça” não são sustentáveis. O Secretário-geral da OTAN Sr. Anders Fogh Rasmussen disse no decorrer do encontro de Munique em Fevereiro do ano em curso que a “nova doutrina militar não reflecte o mundo contemporâneo e a OTAN não é o inimigo da Rússia”.

Aqui existe a substituição de noções como “ameaça”, “perigo”, “inimigo”. Na doutrina russa não existe a palavra “inimigo”. Mais, está dito que nos últimos tempos “a possibilidade de guerra contra a Rússia com a utilização dos meios habituais e de armas nucleares em larga escala diminuiu”. Na qualidade do perigo - queria sublinhar esta palavra - não se considera o bloco como tal, mas o “seu desejo de assegurar o potencial de força da OTAN com funções de globalidade, que se utilizam em violação do direito internacional, aproximando a infra-estrutura militar dos países-membros da OTAN às nossas fronteiras, utilizando o alargamento da Organização”. Como ameaça nós consideramos o movimento da OTAN para o Oriente, instalação de novas bases militares no território dos novos membros, aproximação da infra-estrutura militar da OTAN às nossas fronteiras. Neste fundo não são convincentes as afirmações que o alargamento não está dirigido contra a Rússia - na vida real tem o significado e as aspirações, os potenciais militares e os passos concretos. É complicado compreender como as novas bases na Europa - na Bulgária ou na Roménia, que significam a aproximação da infra-estrutura militar da OTAN às nossas fronteiras - possam fortalecer a segurança da Rússia ou não influir na mudança do novo balanço regional militar, e de maneira correspondente, não influir no princípio de indivisibilidade da segurança.

Nós não poupamos esforços para o estabelecimento da coordenação estreita e cooperação com todos os jogadores internacionais na esfera da segurança. Na doutrina militar está reflectido o desejo da Rússia para a cooperação com os parceiros ocidentais sobre os problemas que preocupam todos e exigem a aproximação colectiva para a sua decisão. Em particular, na nova doutrina é colocada a tarefa de desenvolver a intercooperação com a OTAN e a UE no domínio da segurança internacional, nos fins da segurança internacional e na prevenção dos conflitos militares internacionais. Mas esta cooperação tem que ser desenvolvida só na base da igualdade e tomando em conta a análise comum e elaboração de decisões colectivas. Para nós como para

muitas organizações e países será inaceitável a situação, quando as decisões já estão elaboradas na OTAN e outros são "convidados" a trabalhar na sua base.

Quanto às interpretações livres sobre a questão do uso de armas nucleares estas também não suportam a crítica. Na verdade, diz-se na doutrina que a não-admissão do conflito militar nuclear é a tarefa mais importante da Rússia. As armas nucleares permanecerão um factor importante na prevenção do surgimento de conflitos militares nucleares e conflitos com o uso de meios comuns de destruição. Quero citar: "A Federação da Rússia reserva para si o direito de utilizar armas nucleares, em resposta ao uso contra ela e/ou os seus aliados de armas nucleares ou outros tipos de armas de destruição em massa, como também no caso de agressão contra a Federação da Rússia com o uso de armas comuns, quando tal ameaça a própria existência do Estado".

Sendo assim, as teses da doutrina estão orientadas para o objectivo da contenção nuclear e apenas do uso em resposta - no caso de agressão - de armas nucleares. Disso não resulta qualquer diminuição do limiar do seu uso. Se se entender com a diminuição do limiar o uso de armas nucleares contra meios comuns de destruição em massa, isso parece inventado, pois muitos tipos de armas de destruição em massa, frequentemente, não são menos destrutivas do que as nucleares. Além disso, e é muitíssimo importante salientá-lo, que o direito exclusivo de tomar a decisão sobre o uso de armas nucleares é reservado doutrinariamente ao Presidente da Rússia.

Na nova redacção da doutrina militar está ausente a tese anteriormente nela incluída sobre a necessidade de o nosso país ter potencial nuclear capaz de prejudicar garantidamente qualquer agressor em todas as circunstâncias. Além disso, está retirada dela a tese sobre as condições do não uso de armas nucleares contra os Estados não nucleares. Isto também é um argumento a favor da ausência de diminuição do limiar de uso. É necessário ter em conta o aspecto das chamadas "garantias negativas de segurança" concedidas por Estados nucleares aos não nucleares. A Rússia na sua declaração unilateral que continua a estar em vigor, até agora, comprometeu-se a não usar armas nucleares contra os Estados não nucleares - membros do TNP, salvo no caso de ataque realizado por Estado não nuclear em conjunto com um Estado nuclear, ou de existência de obrigações como aliado perante este. Queria recordar que tais declarações unilaterais de Estados nucleares sobre "garantias negativas de

segurança” foram reconhecidas na Resolução 984, do Conselho de Segurança da ONU, de 11 de Abril de 1995.

À declaração russa sobre concessão de “garantias negativas de segurança” no fundo corresponde a formulação contida na doutrina - “quando isto ameaça a própria existência do Estado”. Ameaça de existência do Estado pode surgir exactamente no caso de ataque de Estado não nuclear em conjunto com um Estado nuclear, ou de existência das obrigações como aliado perante ele.

Resumindo, queria confirmar que pretendemos continuar a manter o diálogo em relação à nossa nova doutrina militar e esclarecer tudo que for necessário a quem ela desperte dúvidas, incompreensão ou até não-admissão.

No desenvolvimento histórico chegou o momento, quando acontecem mudanças muito sérias e é preciso reconhecer francamente os erros do passado e pensar bem no futuro. Daquilo que conseguirmos, ou não, em conjunto, retirar as lições correctas dos acontecimentos dos últimos vinte anos depende o peso geopolítico da Europa e de toda a civilização europeia, parte integrante da qual fazem parte tanto os EUA, como a Rússia. Uma das lições principais deve ser o reconhecimento inevitável que existe o problema do conceito da indivisibilidade da segurança e este tem de ser resolvido para não impedir tratar de questões concretas, importantes para todos nós, que são mais do que suficientes. Resolvendo o problema da indivisibilidade da segurança, uma vez por todas na plenitude, assegurando juridicamente o princípio universalmente reconhecido de não garantir a própria segurança por conta de segurança dos outros, poderemos concentrar-nos na agenda positiva, nas coisas essenciais com base em interesses comuns, criaremos fundamentos firmes para acções conjuntas dos EUA, UE e a Rússia nos assuntos internacionais.

É precisamente com vista à resolução destes problemas que está orientada a iniciativa do Presidente da Rússia Dmitriy A. Medvedev, para a celebração de um Tratado de segurança europeia, projecto este que está direccionado aos Chefes dos Estados e organizações internacionais da região euro-atlântica.* Embaixador da Federação da Rússia na República Portuguesa.